

capa.pdf

“Não é importante se uma interpretação está
ou não correta — se um homem define uma situação
como real, ela é real em suas consequências.”

Teorema de Thomas

Prólogo

Ela estava um pouco atrasada. Também pudera, afinal havia decidido de última hora que iria caminhando. Queria apreciar a paisagem, respirar o ar, ver as árvores, os cachorros, os pequenos detalhes dos quais, uma vez que se está em um carro, você é totalmente ignorante da existência. Ela estava feliz como há muitos anos não se sentia. Estava fazendo algo que ela queria, seu pequeno segredo.

Quando o celular tocou, ela simplesmente resolveu que não iria atender. Ouviu todos os toques antes dele mandar a outra pessoa conversar com a secretária eletrônica. Passados poucos instantes, começou novamente a tocar. “Tudo bem”, ela pensou. “Vou atender”. Abriu a bolsa, e para conseguir tirar o celular, ela acabou derrubando um molho de chaves, uma tiara e um folheto, com um símbolo para cima. Ela se abaixou

para pegá-lo enquanto atendia o telefone. Mas recuou. “Quer saber? Vou deixar aí”.

Voltou sua atenção para o celular. Era sua irmã. Falaram generalidades. “Arrisque um pouco”, foi seu conselho para as inquietações da irmã. “Como eu estou fazendo”, pensou em dizer, mas sequer chegou a articular as palavras, e se despediram. Durante todo o resto do caminho, ela se segurou para não chorar.

E logo ela chegou. Um pouco ofegante, é verdade, mas ainda assim profundamente leve e satisfeita. As portas se abriram com sua proximidade e ela entrou. Ela poderia escolher uma música especial para este dia. Pensou um bom tempo até se decidir por “*Final Countdown*”, do Europe, para “dar um efeito dramático”, imaginou consigo mesma, satisfeita.

— Pronto, Sra. Torquemada? — perguntou-lhe um estagiário.

— Sim, ela disse.

Eles aplicaram nela ritualmente na mesma ordem de sempre aquelas substâncias utilizadas em todos os outros. Então esperaram. Em pouco tempo, seus sinais vitais desapareceram. Não havia batida cardíaca, nem pulso.

Foram trazê-la de volta, como fizeram com centenas de outros. Mas desta vez não iria ser como todos os outros. Os três olhavam-se espantados, incrédulos do que estava acontecendo, embora sempre soubessem que uma hora ou outra, isso

ia acabar acontecendo. Olharam para a expressão dela. Parecia em paz.

— Ela está morta morta? — um deles perguntou.

O outro somente balançou a cabeça afirmativamente. Ela havia morrido e diferente da maioria dos outros que iam até ali, não havia voltado para dizer como é.

Cinco anos a partir de agora.
Rio Claro, São Paulo

Sumário

Sumário	vii
1 Novo caminho	1
2 555 95472	13
3 10:33	29
4 Cara legal	41
5 Dance dance dance	49
6 Onde está Satã?	57
7 Vejam vocês mesmos	75
8 Os Renascidos	91
9 Você está iluminado?	107
10 Dança macabra	123
11 Sarah	139

12	Cruzada espiritual	153
13	FFF	167
14	Transatlanticismo	179

Novo caminho

Esta é mais uma história de alguém que cresceu e não soube que fazer quando chegou lá.

Quando se é jovem, você tem uma espécie de potencial infinito. É como se você pudesse fazer o que quisesse, ser quem você quisesse. Para onde quer que se olhe não parece haver limites.

Você sente que pode fazer tudo, que pode mudar o mundo, a forma como se entende a realidade ou como as pessoas agem. Pode dar a volta ao mundo em menos de oitenta dias, pode cruzar os sete mares, salvar a princesa e conseguir a paz mundial. Você pode ser como qualquer uma das grandes personalidades que mostraram que as ideias e as ações de uma pessoa podem mudar completamente o rumo de milhões de outras. Você pode ser Einstein. Você pode ser Gandhi. Jesus, Hitler,

Tesla. John Lennon ou Lady Di.

Mas com o tempo, mais e mais o mundo vai girando e você se percebe no mesmo lugar de antes. Então, um dia, percebe que sem nem ao menos conseguir precisar onde ou como, você perdeu todo aquele potencial infinito.

Você não é nenhum Einstein. Você não é Gandhi. Não é Jesus. Nem Hitler ou Tesla. Você não se tornou um Lennon ou Lady Di. Você não conseguiu mudar o mundo. O mais correto seria dizer que o mundo acabou mudando você. Você não deu a volta ao mundo. Na verdade mal saiu do bairro em que cresceu. Não consegue nadar nem mesmo em uma piscina infantil, para qualquer princesa você é um sapo e, para falar a verdade, está em guerra até hoje com seu irmão.

E tudo o que você se tornou foi... Você. E é difícil se contentar com tão pouco. Essa é a sua vida. Cada hora a mais é na verdade uma hora a menos.

Era assim que se sentia Jonas Arcádio da Silva, ou Jota, como também é conhecido. Ele é do tipo de sujeito que se faz perguntas. Todo tipo de perguntas. Desde as mais triviais...

— Sanduíche de presunto ou atum?

... Até as colossais...

— Qual é o sentido disso tudo, afinal?

Todos nós alguma vez em nossas vidas nos deparamos com escolhas. Com Jonas não foi diferente, mas ele sempre abriu mão de fazer qualquer uma, aceitando o que quer que acontecesse a ele. Agora ele pensava no peso disso e nas implicações

que ele facilmente poderia ter previsto. Ele não estava feliz. Estava vivendo uma vida que não escolheu viver. Como foi chegar a uma situações dessas? Ele estava ficando velho. Sua vida chegando ao fim a cada minuto que passa. Cada hora a mais na verdade sendo uma hora a menos. Jonas tinha perfeita consciência disso, mas continuava lá, parado.

Ele não se achava feio. Mas tampouco era bonito. Era inteligente demais para não perceber que esteticamente era pouco atraente. Mas, em comparação, até sujeitos muito feios se davam bem, como Matias, por exemplo. Para se ter uma ideia de quão feio ele era, basta pensar em uma pessoa bem feia que você conheça. Ele era mais. Do tipo que nem mesmo a mãe dele devia dizer que era lindo, como todas as mães fazem. E mesmo Matias arranjava namoradas. “Qual o problema comigo?”, ele se atormentava com a dúvida.

— Talvez você seja um Homo — lhe disse uma vez George.

— Nem que for por um simples questão estética, eu prefiro ser heterossexual — Jonas respondeu.

George deu um sorriso diabólico de quem sabe mais do que diz.

— Nós todos somos Homo, Jonas. Homo sapiens. Pergunta: se você **pudesse** ser qualquer super-herói, qual você seria?

— Homem-Aranha — Jonas disse após pensar por um tempo. ■

— Uhm... — George pensou um pouco antes de falar. — O Homem-Aranha é legal. Mas ele mal consegue pagar o aluguel.

Eu escolheria ser o Senhor Fantástico. O filho dele tem o poder de moldar a realidade. É o poder mutante mais legal. E além disso ele é rico, inteligente e faz sexo com a Jessica Biel.

— Alba. Jessica Alba — Jonas o corrigiu.

— É — ele falou. Com a Jessica Alba também. Por que escolher quando se pode ter todas?

O telefone tocou. Só podia significar que alguém de outro departamento estava tendo problemas com computadores. Isso é parte do que eles fazem, ajudar as pessoas quando seus computadores dão uma de humanos e falham. Ao invés de fazer um acordo de revezamento no atendimento às chamadas, George dizia que deveriam disputar sempre uma melhor de três no joquempô, pois, dessa forma, segundo ele, tal questão não ficaria a cargo da sorte ou de acordos e sim de quem é o melhor.

Eles se olharam, **haveria** um duelo. George abriu um sorriso. Eles bateram suas mãos fechadas contra a palma da mão e contaram três vezes, Jonas colocou papel e George também. Empate. Na segunda, Jonas colocou tesoura e George pedra, soltando um grito de alegria ao perceber que estava a apenas um passo da vitória. Não que Jonas não quisesse atender o telefone, afinal isso era parte de seu emprego, algum deles teria que atender de um jeito ou de outro. Jonas somente não queria perder pois sabia que isso significaria ter George o lembrando todo o tempo que ele é o melhor até eles disputarem outra vez e vencer. Os piores dias de trabalho de Jonas ocorreram

quando George ficou invicto por vinte e três vezes. E George jamais iria esquecer uma coisa dessas. Jonas colocou pedra e George papel. George se levantou e ficou comemorando para uma plateia invisível, talvez lotada com todos seus amigos e namoradas invisíveis.

— Sim! Sim! — ele comemorava. — Quem é o melhor? Quem é o melhor? Lembra quando eu venci vinte e três vezes seguidas? Vin-te-e-trê-es ve-ze-es!

Jonas atendeu o telefone logo após ouvi-lo dar outro toque. Enquanto estava com o aparelho, olhava para George com uma expressão séria enquanto ouvia o que alguém estava dizendo do outro lado da linha. Levantou as sobrancelhas e, balançando, ficou com uma cara assustada, colocando o aparelho de volta sem dizer por algum tempo qualquer palavra, criando um clima de suspense na sala.

— O que aconteceu? — George perguntou, também assustado.

— Desligaram antes que eu atendesse — respondeu Jonas com um sorriso nos lábios.

— Você é um idiota, Jonas — falou George voltando sua atenção para o computador.

Jonas nunca conseguia achar nenhuma resposta que o satisfizesse. E assim ele continuava se fazendo perguntas, até mesmo se perguntando por que fazer perguntas. Era um jovem cheio de seu potencial infinito quando ele arranhou um emprego na Lethe Ltda. Quando esteve lá para o seu primeiro

dia de emprego, estava excitado em aprender coisas novas com a certeza de que aquilo seria apenas algo passageiro, que ele ficaria ali até um dia simplesmente sair e realizar seus sonhos.

Hoje fazia sete anos em seu emprego passageiro. Realizar seus sonhos não estava em sua agenda a curto prazo. Na verdade, Jonas nem mesmo tinha uma agenda. E mesmo que **tivesse**, ela estaria cheias de páginas em branco, assim como seria um livro sobre sua vida sexual.

Ele contentava-se em viver sua vida entre a manhã e a hora de ir dormir. Improvisando no meio do caminho. E se fazendo milhões de perguntas sem nunca aceitar nenhuma resposta que simplesmente aparecesse no meio do caminho, como um filósofo inglês disse, eternamente não realizado, e sem saber por quê, como uma busca por pistas de um assassinato nos olhos de um homem morto.

Então, naquele dia em que completava sete anos trabalhando no mesmo lugar, mostrou a George algo que simplesmente poderia mudar o rumo de sua vida, como se ele sempre estivesse esperando por aquilo.

— Era isso que você queria me mostrar? — perguntou George. — Você precisa urgentemente de uma namorada.

— Você não está entendendo as implicações metafísicas disso — falou Jonas.

— E você não está entendendo as implicações físicas disso — retrucou George. — Pessoas morrem fazendo isso, Jonas.

Era verdade. O que Jonas mostrava a George era um folheto que ele havia achado caído **no caminho**. Ele teve que ir caminhando para o trabalho naquele dia. Não podia usar o carro e o pneu de sua bicicleta estava furado. Normalmente ele nem teria dado atenção, mas quando seus olhos bateram no papel, o Ankh estampado na capa o atraiu.

O Ankh é um símbolo hieróglifo para a morte, mas que também está associado à vida eterna. Foi apropriado para usar como logo da Novo Caminho e seu revolucionário processo. O que eles ofereciam era tão tentador quanto perigoso. Qual é o denominador comum que todas as pessoas de todas épocas e lugares sempre buscaram? Comida, sexo, moradia, impostos baixos talvez, felicidade e um propósito para suas vidas.

O folheto da Novo Caminho tocou Jonas profundamente. Sua vida inteira ele esteve esperando basicamente por duas coisas: uma guerra ou uma namorada. Cansado de sua vida, ele esperava que alguma dessas duas coisas, não importava qual, talvez a que viesse primeiro, simplesmente salvasse a sua vida. A primeira não seria muito difícil, ao menos em sua cabecinha, já que ele tinha uma teoria, na verdade um “achismo”, de que um dia, em um futuro bem próximo, o Brasil entraria em guerra por possuir recursos naturais que serão de importância para alguns outros países. Água, por exemplo. Haveria uma guerra por água.

— Como os americanos matando árabes por petróleo — ele comparava.

Quanto mais ele pensava em uma namorada, **mais tinha** a sensação de que ela estava oculta em algum ponto do futuro não muito próximo. Algumas pessoas simplesmente terminam seus dias sozinhos. Ele tentava se conformar com isso.

Talvez **devesse** simplesmente se conformar mesmo. Ele tentava. Tomava a decisão de que deixaria de esperar por isso, mas bastava ir na padaria, por exemplo, passar por uma garota linda na rua e lá estava ele novamente não deixando de pensar naquela pessoa que **não** sabia o nome, quem era, de onde veio, para onde foi. Nada. Geralmente acabavam se tornando apenas mais uma fantasia de banheiro.

Ele também, verdade seja dita, não se esforçava muito em prol de seus objetivos. Como lidava muito mal com a rejeição, tendo poucas ainda que épicas, simplesmente evitava a rejeição por não tentar.

Seu tipo ideal de encontro seria a garota dando em cima dele. O problema desse cenário hipotético é que ele provavelmente ficaria assustado demais para falar qualquer coisa, e garotas que dão em cima de rapazes geralmente não **faziam** o “tipo” de garota pela qual ele tem preferência. Aqui, outro problema.

Mesmo sabendo de suas limitações, estéticas e sociais, e seu anseio por ter uma namorada, ainda assim ele tinha algumas restrições e exigências que deveria ser preenchidas para o cargo. Não deixava de ser um paradoxo. Isso, é claro, não quer dizer nada. A vida é um paradoxo.

Somos organismos vivos feitos de carbono e outros elementos químicos que somados correspondem a cerca de cinco por cento de toda a matéria presente no Universo. Viajando pelo espaço em um pálido ponto azul ao redor de uma estrela chamada Sol, e apenas por que possuem um cérebro mais desenvolvido que os outros organismos da terceira rocha a partir da estrela considera-se o centro do Universo. Existe paradoxo maior que esse? Depois do Big Bang nada mais é impossível. Nem mesmo morrer e voltar de lá. Quando isso acontece, chamam de EQM. E a novidade é que não demorou muito até que alguém tivesse a ideia de explorar isso comercialmente, como organizar viagens à Disney.

EQM é a sigla para Experiências de Quase-Morte. Uma EQM é, por definição, uma experiência subjetiva distinta que algumas pessoas relatam em episódios em que a pessoa foi declarada morta, próxima da morte ou em estados onde a morte seria esperada. Duas experiências de quase-morte nunca são idênticas. O tipo mais comum envolve sentimentos intensos de paz, prazer e amor. A mais antiga delas se encontra no “Mito de Er” no final do décimo livro que compõe *A república* de Platão, escrito por volta de 420 a.C.

Neste mesmo livro, Platão apresenta um dos conceitos talvez mais conhecidos de toda a filosofia: o mito da caverna. A maioria das pessoas sabe de cor. Imaginemos um muro alto separando o mundo externo de uma caverna. Na caverna existe uma fresta por onde passa um feixe de luz exterior. No inte-

rior, permanecem seres humanos, que nasceram e cresceram ali.

Ficam de costas para a entrada, acorrentados, sem poder locomover-se, forçados a olhar somente a parede do fundo da caverna, onde são projetadas sombras de outros homens que, além do muro, mantêm acesa uma fogueira. Os prisioneiros julgam que essas sombras **são** a realidade.

Um dos prisioneiros decide abandonar essa condição e fabrica um instrumento, com o qual quebra os grilhões. Aos poucos vai se movendo e avança na direção do muro e o escala, com dificuldade enfrenta os obstáculos que encontra e sai da caverna, descobrindo não apenas que as sombras eram feitas por homens como eles, e mais além todo o mundo e a natureza.

Pessoas que passam por experiências de quase-morte relatam o mesmo que o sujeito que saiu da caverna e viu um outro mundo lá fora. Isso muda suas vidas. Era tudo o que Jonas queria. Mudar sua vida, chacoalhar seu cotidiano. Na falta de uma guerra e de uma namorada era exatamente o que ele procurava.

E se você soubesse que existe uma espécie de clínica, chamada Novo Caminho, que oferece um processo não-cirúrgico para que **tivesse** voluntariamente uma experiência de quase-morte? Jonas descobriu isso quando apanhou o folheto com um Ankh **estampado**. Mas, **mesmo assim**, ele se sentia dominado pelo medo e hesitante.

— Você nunca quis saber o que existe do outro lado? — perguntou Jonas em um tom empolgado.

— Não — disse George, como se a resposta fosse a mais óbvia de todas. — Eu odeio *spoilers*.

Jonas ficou olhando para o folheto. “Será que tenho coragem para fazer isso?”, pensou sentindo frio em seu estômago. Colocou o folheto em uma gaveta e voltou a trabalhar.

Esta é a sua vida. Cada hora a mais é na verdade uma hora a menos.

Meu nome é Jonas. Estou escrevendo na terceira pessoa apenas para alcançar a tão almejada imparcialidade.

555 95472

Em seu primeiro dia, ele foi acompanhado pelo dono da empresa que ia lhe mostrando o lugar. O que ele faz lá é definido basicamente por George como “digitoperaprogramalista”. Eles desempenham várias funções relacionadas a computadores como digitação, operação, programação e assistência técnica quando necessário. Seu chefe o levou através de salas bem iluminadas até a mais escondida das salas onde havia duas mesas. **Um monte de entulho preenchia as paredes com teclados,** monitores e outras coisas. Em cada mesa havia um computador.

Apenas uma das mesas estava ocupada, por um sujeito usando óculos e digitando insanamente, em uma velocidade que Jonas sabia não conseguir chegar nem mesmo perto.

— Este é George — o chefe disse o apresentando ao sujeito.

— O presidente da Terra da Fantasia.

Sem tirar os olhos da tela e ainda digitando, George soltou seu som de desprezo:

— Tshh — e voltando sua atenção para ele, discursou. — Você sabe que isto está errado, não sabe Windows? A maioria das ambientações de fantasia possuem como sistema governamental a monarquia. Logo eu seria um primeiro-ministro ou mesmo um rei — então ele levantou os olhos e me cumprimentou como se faz em Star Trek, depois voltou sua atenção para a tela do computador.

Depois de receber algumas instruções gerais, Jonas ficou sozinho com George, o que o deixou um pouco assustado.

— Você sabe por que eu o chamo de Windows? — George lhe perguntou.

— Não.

— Por que ele é um idiota — George soltou, fazendo Jonas rir.— E meu tio — completou em tom sério como se o censurasse por ter dado risada.

— Eu não sabia — falou Jonas engolindo em seco.

— Estou dizendo isso pois todo mundo acha fácil nosso trabalho. Que eu estou aqui só por ser o sobrinho do Poderoso Chefão. Por isso eu tento manter um padrão de qualidade, espero que você me ajude com isso.

Jonas fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Como é o seu nome mesmo?

— Jonas Arcádio da Silva — falou.

— Sou George, como George Harrison, dos Beatles. Você tem algum tipo de apelido?

— Não.

— Hum — George disse balançando a cabeça enquanto segurava o queixo. — Vou te chamar de Jota.

— Tudo bem — respondeu Jonas achando graça da situação. Ele realmente precisava de um apelido?

— Então... Jota, que sistema operacional você usa em casa?

— Meu computador está no conserto e...

— PORRA! — George o interrompeu elevando o tom de voz. — Você está brincando, não está? — concluiu, rindo nervosamente

— Não. Por quê? — sem entender o motivo da súbita explosão de George.

— Sem computador eu morreria tão rápido quanto sem água. Eu tenho três computadores para evitar situações como esta. Uso múltiplas distribuições Linux. Quer saber? — ele disse apontando para Jonas seu dedo e depois fazendo um estalo. Ele se abaixou debaixo de sua mesa e me mostrou uma bolsa preta.

— Vou lhe emprestar um deles. Estou com ele aqui...

— Olha, obrigado. Mas não precisa.

— “Não” não é uma opção Jota. Além do mais se você não aceitar, você vai me magoar.

Houve um pequeno silêncio em que eles se olharam. Constrangido, Jonas resolveu aceitar simplesmente para se livrar do assunto.

— Tudo bem. Mas você nem me conhece, por que confiaria em mim?

— Para confiar basta dar o primeiro passo, não? A partir de agora nós somos amigos — disse voltando sua atenção para a tela do computador e digitando alguma coisa. — Emprestar o computador é como dividir a namorada ou fazer sexo.

Jonas simplesmente fingiu não ter ouvido aquilo. Com o tempo eles se tornaram grandes amigos. Hoje, George é o melhor amigo de Jonas. Talvez o único, mas mesmo assim ele não tem do que reclamar. Ele é do tipo de pessoa que não faz questão nenhuma de fileiras e fileiras de amigos. Na verdade, sempre desconfiou que essas pessoas que são amigas de todo mundo na verdade não possuem amigo nenhum já que diluem sua atenção entre dúzias de outros.

Sete anos depois lá estava Jonas pensando se ligaria para a Novo Caminho, se realmente teria coragem de fazer a EQM.

Havia alguma chance dele morrer. Será que ele estava pronto para morrer? A ideia o aterrorizava. Ele já pensou em suicídio. Mas ele nunca teve coragem o suficiente para fazê-lo. Não até aquele momento. Mas a ideia sempre estava por perto, como uma porta de emergência. **Suicídio é violento** demais para sua personalidade. Uma vez um sujeito que trabalhava na Lethe se suicidou. A maioria das pessoas nem sabiam que ele tra-

balhava lá. Este talvez foi, **obviamente**, um dos motivos que levaram o pobre a tirar a vida.

Jonas não o conhecia, **mas** este gesto de tirar a própria vida atraiu-o misteriosamente. Era como se eles pudessem ter sido amigos. Toda a empresa apareceu para o enterro e todos se perguntavam nas rodinhas de conversa o que teria motivado o sujeito a tomar medida tão desesperada, **lamentavam** o fato dele não ter deixado nenhum bilhete, carta, telefonema, nada que justificasse seus atos.

Albert Camus abriu um de seus ensaios mais conhecidos, “O Mito de Sísifo”, declarando que só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo têm três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, se você vai escolher um sanduíche de presunto ou atum, aparece em seguida. São jogos.

Jonas não entendia por que eles tinham aquela necessidade que ele explicasse por que tirou sua vida. Jonas pensava que uma pessoa não precisa de um bom motivo para se matar. Basta para isso dar uma boa olhada em volta. Ver o quão fácil seria desistir de uma montanha de problemas, muitos dos quais você não tem controle algum, embora saiba fingir muito bem que tenha. “Na verdade”, reflete ele, “nós precisamos é de um bom motivo para continuar vivendo. Um bom motivo para nos fazer abrir os olhos todas as manhãs e fazer o que quer que façamos de dia”.

- Isso te traz más lembranças, não? — perguntou George.
- Eu não quero falar sobre isso, George.
- Não leve isso pelo lado pessoal, mas você é um chorão.

Jonas não sabia dizer se tinha um bom motivo para continuar vivendo. Ele queria respostas. Perguntas não paravam de ecoar em sua cabeça quando ele a colocava no travesseiro à noite. Talvez Jonas simplesmente se agarra tanto à vida porque **sentia** como se ela fosse incompleta, faltando algo que ele não sabe o que é, nem se um dia ele já teve isso. Segue em frente sem saber direito para onde está indo. De qualquer forma, ele continuava.

Uma janela de mensagem instantânea pulou na tela de Jonas, **tirando-o** de seus pensamentos. Era George. Ou melhor, era a sua personalidade na internet, Rev. Voynich, que mandou a seguinte mensagem: “Sabe o que significa Hipopotomonstrosesquipedaliofobia?”.

— O quê? — Jonas perguntou olhando para George que estava sentado em uma mesa, a no máximo dois metros dele.

George levantou a cabeça e apertou alguma tecla e sorriu para Jonas se espreguiçando. Tão logo fez isso, Jonas recebeu outra mensagem.

— Claro — sussurrou Jonas.

E lá estava a mensagem dele: “Hipopotomonstrosesquipedaliofobia é uma doença psicológica que se caracteriza pelo medo irracional, fobia, de pronunciar-se palavras grandes ou

complicadas. Se caracteriza pela aversão ou nervosismo em momentos nos quais o indivíduo deve empregar palavras longas ou de uso pouco comum (discussões técnicas, médicas, científicas etc.), assim como evitar ou não mencionar palavras estranhas ao vocabulário coloquial”.

— E daí? — eu perguntei a ele. Ele me olhou e começou a digitar.

”Você é um imbecil?” George perguntou pelo mensageiro instantâneo para Jonas. “Não,” respondeu ele, “imbecis são pessoas que preferem se comunicar pela internet do que pela vida real”.

— Quer um spoiler sobre sua vida, George? — Jonas perguntou, sendo ignorado. — Você vai morrer sozinho.

— Quer saber outro spoiler? — George retrucou. — Brad Pitt é apenas um produto da imaginação.

Jonas olhou para George digitando no computador.

— Você está digitando mais uma mensagem? — questionou Jonas.

— Não! — replicou George como se tivesse ouvido um absurdo, como se estivesse sendo ofendido.

— Não minta — Jonas disse.

— Não estou mentindo — George disse em tom zombatório.

— Por que aqui no mensageiro está dizendo que “Rev. Vonnich está digitando uma mensagem” — Jonas falou.

Depois disso apareceu mais uma mensagem: “A própria palavra Hipopotomonstrosesquipedaliofobia representa certa

ironia, visto que, além de ser longa e estranha, indica uma fobia à palavras semelhantes”.

— Sabe, George. Você devia tentar ter uma vida. Ouvi dizer que dá certo com algumas pessoas — Jonas disse a George.

— Eu tenho uma vida — ele disse convicto, depois acrescentando: — No Second Life.

— Eu não gosto desse jogo — Jonas falou desdenhando.

— Jogo? — George perguntou. — O Second Life não é um jogo. Não há vencedores **nem** perdedores lá.

— Ah, não — Jonas disse. — Há muitos perdedores lá, George. Você precisa de uma namorada.

Logo, Jonas completou refletindo:

— Eu preciso de uma namorada.

— Você não faz o meu tipo, se é isso que está pensando — disse George em tom sério.

— Não, George. Não é isto que eu estava pensando.

— Eu li em uma revista que...

— Que revista?

— Irrelevante. Como eu dizia, eu li em uma revista que a maioria dos casais são formados com parceiros do círculo social das pessoas. Por exemplo, é alguém do trabalho, ou amigo de alguém do trabalho. Ou é amigo de um amigo. Você só encontrará o homem ideal explorando os círculos sociais.

— O homem ideal? — Jonas questionou rindo.

— A mulher ideal — corrigiu-se George.

— Você disse o homem ideal — corrigiu a correção de George.

— Tshh — George desdenhou. — Eu não disse isso.

— Disse sim — insistiu Jonas.

— Deve ter sido por que era assim que estava escrito na revista. De qualquer forma, é irrelevante — George concluiu voltando a sua atenção para o computador.

— Eu imagino o tipo de revista que você lê — Jonas murmurou sem atrair a atenção de George, tamborilou os dedos na mesa e se decidiu a ligar. Pegou novamente o folheto na sua gaveta. Lá estava o número de telefone da Novo Caminho: 555 95472. Ele teclou lentamente cada um dos números e esperou pela chamada. Afinal o que ele iria dizer? O medo tornou-se uma presença real enquanto ouvia os sons de chamada. Pensou em desligar, quando uma linda voz surgiu do outro lado:

— Novo Caminho, bom dia. Em que posso ajudá-lo?

— Bom dia — ele disse com certa dificuldade. — Eu estou ligando sobre...

— O procedimento? — a linda voz perguntou.

— Isso. Exato — ele falou. Seria muito mais fácil se ela continuasse guiando a conversa desse jeito.

— Eu posso marcar uma consulta com um de nossos médicos. Têm algum dia ou horários de preferência?

— Pode ser qualquer dia entre as treze e as quinze horas — falou Jonas.

- Na próxima segunda-feira, treze e meia?
- Tudo bem.
- Qual o nome do senhor?
- Jonas. Jonas Arcádio da Silva.
- Está marcado para segunda-feira às treze e meia então.
- Obrigado — ele falou.
- Obrigado e tenha um bom dia — a linda voz falou.
- Para você também — ele disse, enquanto do outro lado a

ligação era encerrada.

Estava feito. Após o final de semana ele iria descobrir se ele teria mesmo coragem de se arriscar a fazer uma experiência de quase-morte. Não foi tão difícil. Um passo ridículo para a humanidade, um grande passo para Jonas.

— Você acredita em Céu e Inferno? — Jonas perguntou para George quando não tinha nada para fazer algum tempo depois de ter feito a ligação.

— Tshh — George desdenhou da pergunta enquanto digitava. — Eu sou niilista, Jonas. Eu não acredito em nada.

— Tudo isso é nada? — Jonas perguntou mostrando a sala ao redor dos dois. — Então é nada o mundo todo, e tudo o que nele há, o céu é nada, a internet é nada, são nada também todos esses nada?

— Tudo é igualmente sem sentido — George disse, procurando corrigi-lo.

— Você não acredita em paz, justiça ou alienígenas? — Jonas perguntou para o provocar.

— A chance de alienígenas existirem é relativamente alta. Há bilhões de estrelas somente em nossa **galáxia**. Milhares delas possivelmente com planetas girando ao redor. Alguns deles a uma distância que permita a vida, como aqui. Logo, mesmo que as chances de surgir vida sejam bem baixas tendo os planetas que atender a uma série de requisitos, ainda assim há chance de haver vida extraterrestre em pelo menos alguns deles. Com os mais de quinze bilhões do Universo é quase certo que já tenha surgido alguma civilização em outro lugar. Sobre paz ou justiça eu não possuo fatos que suportem ou descartem a existência das mesmas.

— Se é quase certo, onde estão eles?

— Há várias linhas de pensamento Jonas, você não entenderia.

— Como assim? Você não deve saber — Jonas disse para atingir o colossal ego de George.

— Eu não quero perder meu tempo, só isso. Eu estou ocupado...

Jonas se esticou e viu a tela de George, que percebendo isso fechou a tela, mas tarde demais.

— Você está jogando paciência! — Jonas o acusou.

— E graças a você eu perdi a minha...

— Vamos, me diga duas dessas “diversas” linhas de pensamento — Jonas o provocou desenhando as aspas no ar.

— Um: a civilização extraterrestre evoluiu até um ponto em que se depararam com algum tipo de energia ou tecnologia

que levou ao fim deles. Como ainda pode acontecer conosco graças a Einstein e a bomba nuclear. Dois: eles estão jogando.

— Jogando?

— Games, Jonas. MMOPRG, essas coisas.

— Por quê?

— Viagens espaciais são caras, possivelmente demoradas e arriscadas. Eles podem ter ficado em casa se divertindo enquanto enviaram sondas por aí. Talvez essas sondas deram origem a outras espécies. Como nós. Ia ser muito divertido se descobrissem que Deus não dá a mínima para nós simplesmente por que tudo o que ele quer é ouro e pontos de experiência.

George então voltou seu rosto como se houvesse se esquecido de dizer algo importante e acrescentou:

— Há também a possibilidade deles serem como os alienígenas de *Sinais* e não nos invadirem por que poderiam ser destruídos com água.

— Esse filme é ridículo.

— Você não vai falar mal de algum filme de Night Shyamalan na minha frente — George falou, em posição de ataque intelectual.

— Eu já estou fazendo isso George. O filme é ridículo. Água ser o ponto fraco dos alienígenas? Esse planeta é três quartos água. Deve ser a espécie alienígena mais idiota da história do cinema.

— Isso por que você não foi além da superfície, Padawan. Eles eram parte de uma raça que perderam seu planeta na-

tal por algum desastre natural e que vagaram anos e anos, talvez séculos, atrás de um planeta que oferecesse condições para a vida deles. A Terra foi um candidato, talvez o único encontrado. Havia esse inconveniente mas eles não tinham para onde ir. Arriscaram e foram derrotados.

— Você inventou tudo isso — Jonas vaticinou.

— São os fatos — George disse com desdém.

— Você acredita nessa sua teoria? Eu duvido que o Night Sei-Lá-O-Que pensou nisso.

— Nem você. Mas eu acredito que essa teoria esteja correta.

— Ah, você acredita? Porque há um minuto atrás você disse que era um niilista e não acreditava em nada.

— Irrelevante para o assunto — ele disse.

Quando George voltou a trabalhar ou jogar paciência no computador, Jonas escreveu em um post-it a data de sua consulta e colou no monitor.

— Já sabe com que fantasia você vai? — George perguntou.

— Não. Não faço a mínima ideia, e você?

— Eu tive a ideia para a fantasia que eu vou usar dois segundos depois de sair da última festa — ele disse.

— E o que é?

— Eu não vou estragar a surpresa. Seria spoiler — George falou abrindo um de seus sorrisos que faziam Jonas agradecer que ele extravasasse sua raiva em games de tiros de primeira pessoa, criando e destruindo civilizações e em corridas de karts

e não saindo por aí e destruindo tudo. Um pensamento que o acompanhava desde o primeiro dia.

— Se você fosse um serial killer, qual você seria? — George o perguntou justo no segundo dia, fazendo com que Jonas passasse a ficar meio paranoico até descobrir que George era um ser humano afinal.

— Eu não sei. Não conheço muitos — Jonas disse tentando fazer uma piada, mas depois acrescentando por medo: — Mas, não que eu queira ser apresentado a nenhum.

— Eu seria um original — disse George. — Usaria uma arma de gelo pois a arma do crime derrete e desaparece. Sem impressões digitais. Nunca me descobririam.

Jonas olhou para George e arqueou as sobrancelhas, enquanto pensava: “Se algum dia aparecerem pessoas assassina-das sem se saber a arma ou for algo de gelo, eu trabalhei com um serial killer”.

— Por que está me olhando? — George perguntou incomodado.

— Nada, nada não — Jonas respondeu voltando a face para o computador, depois para George.

No final acabaram se tornando amigos. George não é do tipo que fala muito sobre si mesmo embora possa passar horas falando de *Star Wars*, *Senhor dos Anéis*, *Matrix* e outros. Tinha centenas de DVDs e todos os consoles. Eles se divertiam muito. Quando pensa nos primeiros dias a forma como ele via George

antes de conhecê-lo e como o via hoje, como seu grande amigo, seu melhor amigo, Jonas pensava no quão nossos julgamentos podem nos afastar de pessoas que podem ser extraordinárias.

É tudo uma questão de ponto de vista. É muito saudável se colocar no lugar das outras pessoas. Faz você descobrir ângulos incríveis.

Só havia uma vez por ano em que Jonas saía de sua casa à noite e deixava seu gato, Pixel, sozinho. Era por causa da Festa do Fim do Mundo, uma festa à fantasia em que todo mundo ia fantasiado e festejava “como se não houvesse o amanhã”. Vinham pessoas de todos os lugares e havia música para praticamente todos os gostos, curiosamente. Menos o de Jonas. Jonas nunca conseguia se soltar. Nunca conseguia deixar de ser apenas ele, nem que fosse por um minuto sequer.

Ele e George somente iam àquela festa porque eles adoravam escolher e ir de fantasia. Esse ano, Jonas resolveu não ter um grande trabalho como nos anteriores. Na verdade, no último ano ele havia decidido não ir mais à festa. Eles passaram o tempo todo parados num canto, reclamando de suas vidas, enquanto faziam nada para mudar, vendo todo mundo

se divertir. Jonas simplesmente se vestiu como sempre fazia, ou seja, pegando a primeira coisa na gaveta.

Não se sentia particularmente animado para a festa. Nem mesmo sentiu a euforia do ano passado, quando gastou uma boa grana em uma fantasia que ele encomendou pela internet pelo menos três meses antes. Hoje ele estava apenas vestido normalmente, como qualquer outra noite em que fosse sair. O que em si era tão raro que provavelmente manteria o caráter de fantasia. Mesmo assim, enquanto comia batatas fritas e via televisão, ele tentava arranjar uma boa desculpa. De vez em quando ele dava uma batata para Pixel, seu gato preto.

— Por que você não fala? — ele perguntou para Pixel.

— Por que eu falaria com um “você”? — respondeu o gato. Na verdade, apenas na cabeça de Jonas, que imaginou essa parte. Quando a campainha tocou, ele sabia que era George. Quem mais poderia ser?

— Que fantasia você está usando? — Questionou George olhando-o dos pés à cabeça. — Você parece um idiota.

— Paradoxo dos Gêmeos — falou Jonas.

— O quê?

— Você não conhece o Paradoxo dos Gêmeos? — questionou Jonas, vendo na face de George a resposta para sua pergunta. — É um experimento de pensamento, certo? É para mostrar como a Relatividade de Einstein trata o tempo. Um dos gêmeos entra em uma espaçonave, eu, no caso, e viajo na

velocidade da luz. Quando volto, meu irmão gêmeo está velho e raquítico com mais de setenta anos embora para mim tenha se passado muito pouco tempo e ainda esteja jovem.

— E onde está o seu irmão gêmeo, o velho? — George perguntou procurando com os olhos pela sala.

— Depois de setenta anos sem nos vermos, ele não quer mais falar comigo.

— Tshh... Você está vestido como um idiota — concluiu George, após olhá-lo mais uma vez. — Adivinhe do que eu estou fantasiado?

George vestia uma camisa social abotoada até o colarinho. Estava usando calça também social, cinto. Nada de muito especial. Jonas esperava um sabre de luz ou pés de hobbit.

— Um padre? — Jonas chutou.

— Um padre? — repetiu George. — Um padre? Eu estou vestido de Malcom Crowe.

— Quem?

— Psicólogo infantil — ele disse se virando. Havia uma mancha de tinta vermelha do lado esquerdo de seu corpo. — Sexto Sentido! Eu estou morto desde o começo! Rá!

— E você acha que todo mundo vai saber do que você está vestido? — Jonas o questionou.

— Todo mundo assistiu “O Sexto Sentido”.

Jonas olhou para ele. Tinha certeza de que ninguém teria a mínima ideia do que ele estava fantasiado. Nem ele. Não havia por que censurá-los.

— Então... — Jonas começou a dizer para George enquanto estavam indo até o carro. — Será que as pessoas estão realmente conscientes das implicações dessa festa? Quero dizer, a forma como ela foi elaborada. Quero dizer, é a Festa do Fim do Mundo.

— O que você está querendo dizer?

— Festeje como se não houvesse o amanhã. Isso é igual ao *carpe diem*.

— Na verdade, estaria mais para um *carpe noctem* — George disse apontando para o céu.

— Quem consegue viver assim?

— Todo mundo, Jonas. Todo mundo. Por que você acha que há tantas garotas grávidas na adolescência, tantos jovens que simplesmente batem o carro no poste por dirigirem alcoolizados, hein? Muitas pessoas conseguem aproveitar a vida. Só por que você não consegue fazer isso, não torne uma regra universal.

— Você deve estar certo — Jonas disse, sem estar muito certo.

— Tshh... É claro que estou certo — George falou. — Todas as pessoas que eu conheço, e estão certas, sempre concordam comigo.

Quando eles entraram na festa foi como ser teletransportado para outro mundo. Ou descer ao Inferno de Dante. A música era mais do que um som, chegava a ser tátil. Dava para

senti-la penetrar em sua pele e acelerar as batidas do coração. Quase era possível pegá-la.

“Uma selva de epiléticos”, Jonas pensou ao olhar para todas aquelas pessoas dançando, cada uma a seu jeito.

— Esse som está muito alto — Jonas disse para George, que apontou para o ouvido. Mesmo Jonas não tinha certeza se tinha ouvido o que falara.

— ESSE SOM ESTÁ MUITO ALTO — Jonas gritou.

George se contentou em balançar a cabeça.

— COMO AS PESSOAS CONSEGUEM PENSAR? NÃO DÁ PARA PENSAR COM UM SOM DESSES! — Jonas observou.

— ESSA É A INTENÇÃO — George respondeu com um sorriso maquiavélico. — EU NÃO QUERO QUE ESSE ANO SEJA UMA REPRISE DO ANTERIOR!

— PARECE QUE VAI SER — Jonas disse.

— EU TIVE UMA IDEIA — George falou sorrindo.

— QUAL? — Perguntou Jonas.

— VAMOS NOS SEPARAR. ASSIM, PELO MENOS, NÃO VAMOS PARECER UM CASAL GAY!

Jonas não sabia o que **pensar**. Ele sentiu medo ao ter que ficar sozinho na festa. Mas se George gostaria de tentar, ele não poderia impedi-lo disso.

— EU VOU FICAR AQUI MESMO — Jonas gritou.

George não disse nada e simplesmente saiu andando. Jonas então ficou sem saber o que fazer. Colocou a mão nos bolsos e se encostou em uma parede, com uma garrafa de água mineral.

— O que você está bebendo? — lhe perguntou Matias que também trabalhava na Lethe, mostrando o copo de bebida que carregava e obviamente bêbado.

— Água — Jonas disse, não se sentindo nenhum pouco confortável.

— Água? Quer um gole? — Matias disse colocando o copo de bebida debaixo do nariz de Jonas que o repeliu automaticamente indo para trás. Alguém consegue ficar bêbado apenas com o cheiro do álcool? Jonas imaginou que iria descobrir.

— Não. Eu estou dirigindo — Jonas usou como desculpa.

— Eu dirijo melhor quando bebo — Matias falou sorrindo.
— E torna as pessoas mais interessantes.

Ele desapareceu como tinha chegado, **um Kaspar Hauser sem dizer a que veio**. Jonas olhava ao redor, com um misto de perplexidade e inveja.

Perplexidade, por tentar em vão pensar em bom motivo para elas tomarem álcool sem parar, se balançarem como animais, para no dia seguinte ficarem com ressaca e sentindo-se **como** merda. Ele simplesmente não entendia.

Inveja, porque, pelo menos por enquanto, eles pareciam ser tão seguros de si, ser tão felizes, como se aquilo de alguma forma **bastasse**. Jonas não sabia como era se sentir assim. Queria por um momento que fosse **conseguir**. **Mas mal** sabia como começar.

Ele olhava **para cada um dos rostos; sorriam, bebiam, dançavam, conversavam, um casal até mesmo brigava**. Jonas ima-

ginava o que cada um deles devia sentir e pensar. Quantos deles não tiveram amores perdidos, sofreram pela morte de algum parente ou estavam apenas tentando relaxar depois de um dia cheio no trabalho? Não deveriam ser muito diferentes dele. É muito fácil ligar o piloto automático e achar que todas as outras pessoas são planas, estúpidas e pensam como o sofá só por que elas não se parecem com você. Todos se consideram inteligentes e todo o resto um bando de idiotas que não sabem o que estão fazendo. É tentador e muito fácil pensar assim. Adotar essa couraça psíquica, essa atitude crítica em relação a tudo o que os outros fazem.

Já havia buscado diversas formas de justificar sua existência ou de alguma forma imbuí-la de um propósito. Para que pudesse dizer, em alto e bom som, “eu estou vivo e eu gosto disso”.

Ele tentou a religião. Mas enquanto pessoas caíam no chão arrebatadas pelo Espírito Santo, tudo o que sentia quando o pastor chegava perto dele, era o mesmo empurrando sua cabeça com força para trás. Mas ele não ia cair. Não ia fazer isso. Saiu de lá com a certeza de que cada um deles fingia algo que não era, algo que não estava acontecendo. Jonas queria uma vida de verdade, não fingir ter uma.

Ele cogitou por um momento usar drogas. Diziam que você se sentia bem, fugia da realidade por alguns momentos. Mas é algo temporário. Você foge da realidade, mas depois ela lhe cobra um preço altíssimo em neurônios, memória, vida social e

diversas outras sequelas. Não. Drogas não ajudariam. Além do mais, ele teria que lidar com pessoas que vivem à margem da sociedade, pessoas perigosas. Correria o risco de ser assaltado ou morto. Não. Mesmo as legalizadas como álcool e cigarro não o atraíam.

Ele viu as duas aos poucos destruírem seu pai, viu ele se tornar um animal agonizante que precisava de ajuda para ir ao banheiro. O viu cuspir sangue vindo de seu pulmão, corroído pela fumaça assassina do cigarro. O fígado de seu pai já havia se transformado em algo parecido com um patê. Seu pai só não morreu disso por que não deu tempo.

Você só escolhe a forma de morrer. Se é em pé ou de joelhos. E seu pai com as pernas bambas pelo abuso do álcool com certeza não conseguiria se manter muito tempo em pé. Se Jonas podia escolher uma forma de morrer não seria essa.

Então Jonas viu uma garota na festa, enquanto olhava ao redor. Ela, como um buraco negro, sugou toda a sua atenção. “Uau!”, ele pensou ao vê-la, “Ela é realmente muito bonita”.

“Ela está realmente uma gracinha, tomando alguma bebida e se balançando no ritmo da música, ela parece estar realmente aproveitando a noite. Definitivamente tem namorado. Deve ser fácil notar o anel em seu dedo. Ele deve estar por aí pegando alguma bebida para ela. Ou talvez ele não dê valor a ela. Ela parece muito boa na pista de dança. Não! Não há anel algum. Eu devo falar algo? Como se puxa assunto? Oi, você vem sempre aqui? Clichê. Eu devo tentar algo, pelo me-

nos puxar conversa, ser legal. Será que ela odeia esse tipo de conversa fiada, cantadas baratas, que não estava interessada em fazer esses joguinhos, e talvez nós poderíamos nos apaixonar ali naquele momento. Talvez ela pudesse segurar a minha mão em público, e sempre teria um cheirinho bom, e não se importaria **nem um pouco** em eu não ter muito dinheiro, e desse-me o sentimento de que eu posso fazer qualquer coisa, e dissesse mentiras como que eu tenho boa aparência, só para me agradar. Talvez ela poderia me fazer sentir como se fosse o único cara no mundo, me fizesse sentir bem quando fôssemos nos lugares. Que não fosse vegetariana, mas fosse moralmente contra vitela, e não ficasse olhando o tempo todo em volta quando estivéssemos em um restaurante, e nunca ficasse brava comigo muito tempo, e suportasse minhas **regulares preocupações**, minha ansiedade, minha paranoia. Que não se sentisse irritada com minha mania de quando me empolgar com algo não parar de falar **naquilo** por dias e dias. Que ela talvez não se sentisse mal com a minha insegurança e que ela poderia sempre segurar a minha mão e dizer que ela estava ali, sempre iria estar e tudo ficará bem, me diga que eu pareço legal quando dirijo, nunca atendesse o telefone celular enquanto estivéssemos em um encontro e não ficasse me falando dos ex-namorados dela o tempo todo, e que não tivesse muitos ex-namorados. Ela poderia fazer massagens em meu pescoço e gostaria de dormir em conchinha. Eu sempre quis dormir em conchinha. E não ficasse assustada se eu realmente ficasse grudado nela, que ela

talvez gostasse de usar vestidos e não se chateasse comigo por esquecer coisas banais e fazer tudo ficar melhor quando eu tivesse um dia de merda. É isso. Quando eu estiver lembrando a minha vida, o que eu vou querer me lembrar? Que eu puxei conversa com ela ou fiquei com tanto medo quanto um garotinho no meio da floresta?”

Ela estava olhando para Jonas, quando este percebeu, desviou o olhar e ficou tentando não se focar em nada. Depois olhou de novo. Ela estava parada a poucos metros dele e sorrindo. “Covinhas”, ele pensou, “Ela tem covinhas. Eu gosto disso”.

— O quê? — ela perguntou, junto com outro sorriso.

“Covinhas” era tudo o que tinha em sua mente. “Essa voz me é familiar, de onde?”. Logo, outro pensamento respondeu a sua pergunta, “Claro que lhe é familiar, Jonas. Talvez de seus sonhos”. Ele não soube o que dizer, foi como se todas as frases fossem grandes demais para passar pela sua boca. Ele, nervoso, provavelmente tremendo muito olhou para o seu relógio digital e disse:

— Dez e trinta e três.

Deu meia-volta, resolveu ir embora. Quando ele se lembrasse de sua vida ele poderia se arrepender de que nunca tentou puxar papo com aquela garota. Esta é a sua vida. Cada hora a mais é na verdade uma hora a menos.

No caminho para sair da festa, ainda cruzou com George.

— Você está bebendo? — Jonas perguntou surpreso ao ver um copo de bebida na mão do amigo.

— Não é para mim — George respondeu.

— Para quem é?

— Irrelevante.

— Estou pensando em ir embora. Vai querer ir comigo ou arranja uma carona com alguém?

— Pode ir — George disse. — Eu já arrumei uma carona mesmo.

— Quem? — Jonas perguntou por perguntar.

— Irrelevante.

Como estavam em frente ao banheiro feminino, eles viram quando saiu uma garota segurando a mão de um rapaz. Se olharam. George abriu um sorriso.

— Eu nem vou comentar nada — Jonas falou balançando a cabeça.

— E essa não foi a primeira infração da noite, se quer saber — George lhe disse.

— O que você sabe? — Jonas perguntou.

— Júlia, 26 anos — George reportou. — Não foi o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro. Ninfo. Está fazendo isso para esquecer o namorado. Entre na fila, Padawan.

— Eu não entendo... — Jonas começou a dizer.

— Como as pessoas fazem tanto sexo? Nem eu — George disse interrompendo Jonas.

— Não. Eu não ia dizer isso — disse Jonas. — Talvez. Mas, como você sabe uma coisa dessas?

— Eu nunca revelo as minhas fontes, Jonas.

— Fontes? Que fontes? É para quem você está levando a bebida ou o Matias, que eu vi conversando com você?

— Matias? Como você sabe? — ele perguntou surpreso, corrigindo logo em seguida: — Não, não foi ele.

— Foi o Matias. O Matias é a sua fonte.

— Eu não disse isso, Jonas. Eu não afirmei nada.

— Eu só ia dizer... Se ela faz tanto sexo assim, como ela perderia o namorado?

— Sexo não é tudo na vida — censurou-o George. — Você que não tem nenhum deveria saber melhor do que ninguém. Há outras coisas como... Como seios, por exemplo.

— Seios? — Jonas perguntou.

— Também bundas. É a paixão nacional.

— E o coração, George. Isso não é importante?

— Claro que é, Jonas. Não seja idiota. Coração é muito importante. Desde que esteja debaixo de belos seios.

Cara legal

Todos sempre perguntam a ela qual a origem de seu nome. É francês. Depois invariavelmente perguntam se seu pai ou sua mãe são franceses. Sua mãe só achou um nome bonito. O que o seu nome dizia sobre ela, se nem ao menos o escolheu?

Ela trabalhava na Novo Caminho como recepcionista desde a inauguração, há alguns anos. Ela gostava de trabalhar lá. Tirando alguns tipos bem estranhos que ela tinha que lidar, era um trabalho interessante.

Nunca tivera sorte no amor. Nem mesmo no jogo. De alguma forma, parecia que o mundo conspirava contra ela, embora Paulo Coelho dissesse o contrário. Mas, mesmo assim, ela tentava não se deixar abater por essas coisas, e era uma seguidora daquilo que ela chamava de Teoria Playmobil. Playmobil são pequenos bonecos, com mãos em forma de “U”, que mo-

vem os braços e as pernas ao mesmo tempo, cabelo destacável da cabeça e um sorriso no rosto. Sempre um sorriso no rosto. Aconteça o acontecer. Seja a versão Velho Oeste, a Espacial, **Policial**, ou qualquer outra. Eles poderiam estar no meio de uma guerra, e lá estaria o sorriso estampado em suas caras de plástico. E esse é o espírito da Teoria Playmobil: aconteça o que acontecer, mantenha sempre um sorriso no rosto. Esta é a sua vida. Cada hora a mais é na verdade uma hora a menos.

Era nisso que ela pensava sempre que algo ruim acontecia ou acordava com uma pequena nuvem negra acima **da** cabeça, o que não era lá muito difícil de acontecer. Mas se ela não conseguisse utilizar a Teoria Playmobil e ficasse irritada ou triste e discutisse sem motivo, **sempre** teria à mão a desculpa da TPM. Ela poderia ter três ou quatro TPMs em um mesmo mês. Nunca era questionada por homem nenhum, isso os desarmava. Parecia até que eles não sabem contar.

Falls adorava dançar, por isso, quando uma colega de faculdade a convidou para ir na Festa do Fim do Mundo, ela não pensou duas vezes. Não que estivesse afim de arranjar alguma companhia ou **o tradicional relacionamento descartável, que todo mundo busca nessas festas, que dura meia-hora, ou na, maioria das vezes, muito menos**. Ela já se cansou dos cafajestes. Só queria ir dançar. Mas sua colega fez uma ressalva:

— Vista algo decente.

— Tudo bem, Regina — Falls respondeu, sem saber ao certo se isso era apenas um conselho ou uma repreensão pela roupa

que Regina imaginava que ela iria vestir. — Que fantasia você vai?

— Eu vou de gata. O animal.

— Você têm uma gata, não é mesmo?

— Freya é o nome dela. É uma gata persa. Você têm algum gato?

— Eu sou mais uma pessoa de cachorros — Falls disse, meio sem jeito.

Regina fez uma cara de aversão. Falls ficou pensando se poderia dividir as pessoas entre esses dois tipos básicos. Pessoas de gatos e pessoas de cachorros. Gatos são folgados, dorminhocos e abandonam a casa do dono para dar passeios sabe-se lá por onde. Eles precisam ser mimados o tempo todo. Cachorros tentam ter a atenção de seus donos o tempo todo, vigiam a casa e fazem sexo com a perna das visitas. Aliás, cachorros salvam pessoas de serem afogadas. Pelo menos Falls lembra-se de ter visto isto em um filme. Se você estiver se afogando e for dono de um gato, talvez ele só perceba que você morreu quando o prato deles continuar vazio após três dias. Para resumir: quem é uma pessoa de gatos quer servir. Quem tem cachorros quer ser obedecido.

Do que ela iria vestida? Não tinha ideia nenhuma, embora obrigatoriamente devesse ser algo comportado. Com isso, ela não teria problemas. Embora tivesse um corpo do qual se orgulhasse muito, com exceção de “estrias na coxa e os dedos do pé”, Falls não gostava de usar roupas muito curtas. Davam-lhe

a sensação de estar nua. E ela sabe que ao usar tais roupas é exatamente assim que se está na imaginação de cada homem que cruza com você.

Ela não teve tempo de pensar no que vestir pois teve que correr para chegar na Novo Caminho. Ela fazia a faculdade pelas manhãs e trabalhava à tarde. A filha do chefe, Dr. Roberto, cursava o colégio de manhã, como não gostava de ficar sozinha em casa, passava a maioria de suas tardes na sala de espera, o **que** acabou fazendo que elas duas se aproximassem e de certa forma fossem até mesmo amigas.

— Com o que acha que eu devo ir, Sarah?

— Uhm... — disse Sarah. — Do que você gosta?

— Na verdade, como a festa é hoje, eu vou aceitar qualquer coisa que conseguir achar.

Sarah sorriu e disse:

— Já que é assim, meu tio tem uma fantasia em casa.

— É mesmo? — Falls perguntou com interesse. — Vou falar com ele.

Quando teve uma oportunidade, Falls tocou no assunto.

— Patrick?

— Hã? — ele perguntou quando estava voltando para seu consultório.

— Eu vou ir em uma festa à fantasia e Sarah me disse que você tem um fantasia.

— Não que eu me... — disse Patrick tentando se lembrar de alguma fantasia. Então ele começou a rir. — Na verdade eu tenho, mas não acho que você vá ficar muito bem com ela.

— Ah, eu não me incomodo — Falls disse.

— A barba pode pinicar um pouco — Patrick observou rindo enquanto passava a mão em volta de seu rosto.

— Barba?

— A única fantasia que eu tenho, e Sarah sabe disso melhor que eu, é de Papai Noel.

Sarah gargalhava sozinha ao ver a expressão de Falls.

— Mas eu sei que o Roberto guarda uma fantasia que era da Larissa. Não sei se ele vai se importar.

Falls **sabia somente** que o Dr. Roberto era viúvo, nada mais. Talvez Larissa fosse sua esposa. Roberto não tocava nesse assunto com ninguém. Muito menos com Falls.

— Pode deixar que eu falo com ele — Patrick falou antes de começar a andar. Ao passar perto de Sarah, **ela** estendeu a mão para ele, **deram** um toque olhando para Falls.

— Falls Noel — se divertia Sarah.

Dr. Roberto a levou até a casa em que vivia ele, a filha e o cunhado. Falls ficou sem jeito de aceitar vestir a fantasia, ainda mais sendo de alguém já que morreu. **Até** sentiu um calafrio.

— Olhe como ficou bem em você — disse Sarah olhando para Falls vestida.

— Pode ficar com ela. Acho que Larissa **a vestiu uma vez só**.

— Eu não posso aceitar — ela disse.

— *Aceite* — ele disse, enfatizando bem a palavra. — Além do mais, nós não precisamos dessas coisas. A temos em nosso coração. Se você têm isso, coisas não importam.

Falls sorriu e aceitou a fantasia, constrangida de ficar vestida de fada perto de seus chefes. Ela ficou jogando banco imobiliário com os três até Regina chegar para apanhá-la. O que, sinceramente, poderia ter demorado mais.

— Que pena que minha carona chegou. Justo agora que meus alugueis estavam começando a render.

— Sinta-se convidada para jogar quando quiser — falou Roberto.

— Tenho certeza de que você vai arranjar um namorado hoje — falou Sarah, arrancando risada de todos.

“Eu tenho certeza que não”, Falls pensou mas apenas sorriu e se despediu deles. Ela riu ao ver Regina, sempre tão séria, com um bigode desenhado nas bochechas e um pequeno triângulo de cabeça para baixo preto fazendo as vezes de nariz do gato. Usava também uma tiara com duas orelhas.

— Não vai me dizer que está usando um rabo também — Falls falou rindo. Regina fez uma risada contrariada, mas mesmo assim riu. Mais tarde, quando Regina desceu do carro, Falls descobriu que sim, ela estava usando um rabo.

— E você é uma fada madrinha?

— Foi o melhor que eu pude encontrar.

Regina surpreendeu Falls quando tomou seu terceiro copo de bebida. No início ela se recusou a beber, já que teria que dirigir. Mas depois acabou se rendendo. Estava falando mais do que normalmente e mesmo se permitindo dar risada. E uma risada alta e estridente, se querem saber. Falls não queria beber. Não por enquanto. Quando acompanhava Regina no bar ela tinha vontade de dizer “Uma bebida e um amor sem gelo, por favor”.

Até que Regina misteriosamente desapareceu segurando na mão de um sujeito vestido com uma fantasia que Falls diria ser de pastor evangélico, ou no caso de Regina havia o grande risco de realmente ser um pastor evangélico. “Eu espero ter uma carona”, ela pensou um pouco assustada.

No começo ela apenas ficou se balançando, depois ensaiou alguns passos.

Falls não conseguia dançar na primeira em vez em que saiu com suas amigas. Se sentia desengonçada e além do mais não tinha ideia nenhuma de como começar, o que fazer no meio e como terminar. Um peixe fora d’água.

— Vamos dance! — diziam suas amigas em seu ouvido, a fazendo corar.

— Eu não sei dançar!

— Quer saber um segredo? Ninguém sabe, mas no escuro da pista de dança qualquer coisa que você faça é dançar.

Ela não estava certa de que aquilo soava como verdade e fi-

cou um pouco receosa. Ela era muito insegura naquele tempo, talvez por nunca ter saído antes ou por ser muito tímida.

— No escuro todo mundo é bonito — disse uma de suas amigas.

“Ela disse isso para eu ter cuidado ou ficar feliz?”, pensou Falls. Então, depois de um tempo em um estado intermediário entre dança e não-dança, Falls começou a se mexer. Aos poucos foi deixando os movimentos um pouco mecânicos e baseados na observação de suas amigas para fazer seus próprios passos. Ela não acreditava em si mesma. Foi nesse dia que Falls descobriu que tinha uma parte de seu corpo chamada pélvis.

Desde então ela passou a adorar dançar. Antes ela achava que se você ia para uma festa ou o que quer que fosse, era como se você estivesse indo lá **porque estava** no grande mercado de relacionamentos. Ela simplesmente ignorou essa ideia anterior. Não que ela não estivesse atrás de um relacionamento, mas **não gostava nem um** pouco dos métodos intrusivos de abordagens da maioria dos sujeitos. E ela queria um namorado, todos querem alguém para dividir as alegrias e as tristezas, não é mesmo? Um clichê, claro. Mas o mundo é um terrível clichê. Não sabia de onde ele viria, mas com certeza estava esperando. Enquanto isso não acontecia, ela saía apenas para dançar, curtir a si mesma. Isso lhe bastava.

Dance dance dance

Deve dançar. Enquanto a música estiver tocando, você deve continuar a dançar. Entende o que quero dizer? DANÇAR, CONTINUAR DANÇANDO. Não deve pensar no motivo **nem** no sentido disso, pois eles praticamente não existem. Se ficar pensando nessas coisas, seu pé ficará imóvel. Uma vez parado, já não será capaz de agir. Por isso, não deve parar de mover os pés. Por mais que lhe pareça uma tolice, não deve ligar. Deve continuar dançando, dando os passos. Deve ir amolecendo, mesmo que aos poucos, tudo o que estava completamente rígido. Use tudo o que pode usar. Dê o máximo de si. Não há o que temer. Só lhe resta dançar. E dançar de modo exemplar. A ponto de todos ficarem admirados. Pois, assim,

talvez eu consiga ajudá-lo. Por isso, dance enquanto a música estiver tocando. DANCE ENQUANTO A MÚSICA ESTIVER TOCANDO!!!

E Falls fez isso de modo exemplar.

Ela acordava no dia seguinte com as pernas todas doloridas, os ouvidos zumbindo e com os olhos querendo fechar todo o resto do dia, tornando impossível se concentrar em **seu trabalho** ou no que quer que fosse. Mas ela sentia que fazia bem para sua auto estima. Ela era feliz.

Logo suas pernas começaram a lembrá-la de sua condição humana e ela foi desacelerando os movimentos até parar, suada, com dores na perna, mas extremamente satisfeita consigo mesmo, nem se importando com três cantadas baratas que jogaram **em** cima dela, e todas relacionadas a ela realizar desejos dos sujeitos. Ela se cansou e resolveu parar um pouco. Foi seu ponto de inflexão. Começou então a ter alguns pensamentos tristes, desses que temos, **às vezes**, vindos sabe-se lá de onde, mas que invadem a nossa consciência sem serem convidados e lá se instalam. Tentando se esquivar desses pensamentos negativos, **imaginou** como o mundo seria se fosse um musical, e, **do nada**, as pessoas comesçassem a dançar como dançarinos profissionais e a cantar com vozes belíssimas.

Na verdade, uma parte do mundo foi assim durante a Idade Média. A isso deu-se o nome de mania dançante. A mania dançante foi um fenômeno que ocorreu em sua maioria na porção continental da Europa entre os séculos quatorze e dezessete,

na qual um grupo de pessoas dançavam pelas ruas das cidades, muitas vezes falando coisas sem nexo e não canções ensaiadas e escritas por músicos profissionais, até eles colapsarem pela exaustão. A primeira grande manifestação ocorreu em Aachen na Alemanha, em 24 de Junho de 1374. Os dançarinos iam pelas ruas gritando loucas visões e continuavam a gritar, mesmo depois de caírem exaustos. A mania se espalhou rapidamente pela França e Países Baixos. Ficou em cartaz por um bom tempo.

O pico da mania foi atingido em 1418 em Strasbourg. Em algum ponto, tantas pessoas estavam ou sendo afligidas com a mania dançante ou **tentando** dar assistência, ou talvez só aproveitando o espetáculo, que a cidade parou totalmente.

Não se conhecem atualmente as causas, mas a teoria mais aceita é que foi tudo graças ao pão. Na verdade ao esporão do centeio, *Claviceps purpurea*, um fungo parasita que ataca o centeio que **se usava** para fazer tanto o pão como a cerveja. Então, deve ter atacado muita gente mesmo. É um fungo conhecido por ser alucinógeno, e usado para fabricar LSD. Ela apenas havia lido isto em um livro que ela pegou na biblioteca da faculdade. “Por que eu estou lembrando disso?”

Ela simplesmente estava se balançando no ritmo da música e se pegou sendo observada por alguém que estava vestindo roupas normais. Ela sorriu para si mesma. Só Deus sabe o quanto Falls detesta cantadas baratas, mas ela adora receber um elogio ou ver que estão olhando para ela. Não é uma

coisa egoísta e narcisista. Bem, na verdade talvez seja. Mas ela gosta de sentir sendo querida, sendo desejada. Falls sabia exatamente qual era o seu problema. Ela era uma romântica em um mundo onde o último romântico já deve ter morrido graças a alguma doença venérea. Já quebrou muito a cara por se deixar envolver demais com sujeitos que não queriam envolvimento nenhum. Onde ela poderia comprar uma borracha, dessas, que apagam o passado?

Ela sempre teve uma queda por rapazes altos, fortes e simpáticos. Daqueles com costas largas e braços enormes. Que garota não tem? Esse que a olhava agora não era nenhum pouco desse jeito. Parecia meio desajeitado. Mas parecia ser um cara legal.

— O quê? — Falls perguntou tentando fazer o primeiro contato.

— Dez e trinta e três — ele disse bem rápido, antes de sair andando. Estranho. Ficou pensando um pouco e resolveu procurar Regina. Ela ia procurando o rosto daquele sujeito por onde passava, no meio daquele mar de pessoas, entre garotos testosterona e garotas arlequinas, sem sucesso. Ele parecia um cara legal. Era tudo o que Falls precisava: um cara legal.

Pensando nisso ela passava por diversos casais se beijando. É impossível afirmar até que ponto eles podem ser chamados de casais já que são uma união extremamente instável. A meia-vida de muitos é cinco minutos, talvez menos. E relações duradouras? Talvez as pessoas simplesmente não queiram relações

de longo prazo. Dá um trabalhão. Ou apenas tenham medo. O dilema do porco-espinho. Ou um porco-espinho enfrenta o frio sozinho, se encolhendo todo, ou ele se junta a outro para que o calor dos corpos de um e de outro os aqueçam de forma melhor. Mas não é tão simples. Cada vez que um porco espinho se aproxima mais do outro, ambos se ferem. Eles se protegem do frio da solidão, mas se machucam por se aproximarem. Com as pessoas é exatamente assim. Mas como saber o que é certo? Sozinho no inverno é quando mais se deseja a aproximação. Uma vez conquistada, você não pensa em outra coisa a não ser sair dali. A dor da solidão ou a dor de uma relação? Escolha o que escolher, você se arrependerá, dizia o velho Sócrates. A dor incomoda, a quietude perturba.

Ao ver aqueles casais, Falls pensa na infeliz coincidência muio bem descrita por Dorothy Parker: enquanto a garota jura que é dele, e treme, e suspira leniente, e ele declara que infinita e imortal é a paixão que sente — Lady, faça uma nota disto: — Um de vocês mente. Gafanhotos são maus.

Por fim, após rodar mais um pouco pelo local, passando por mais uniões instáveis, ela encontrou Regina, que lhe apresentou um colega de trabalho dela que as levariam para casa, já que Regina havia exagerado nas bebidas.

— Como ele é um cavalheiro ele se ofereceu para dirigir por nós — Regina falou com a voz pastosa, pesada e olhos vermelhos. Tentando controlar uma euforia que teimava em estampar em seu rosto.

— Segurança em primeiro lugar — disse o sujeito. — Sorte que eu não bebo.

Ao se dirigirem à saída, Falls viu um sujeito apertando as nádegas de uma garota que parecia adorar aquilo. O sujeito falou que era uma tal de Julia. Regina fez um comentário censurando o comportamento da mesma. Ainda que por razões diferentes, Falls acabava concordando com ela.

“Oh, humanidade”, pensou Falls. Gafanhotos são maus. Segundo a princesa Atta, “eles vêm, comem e vão embora”.

Quando ele as estava levando para suas casas, Falls se sentindo incomodada pelo silêncio resolveu puxar assunto:

— Minha pernas estão doendo muito.

— As minhas também — Regina disse como se repreendesse o sujeito que dirigia.

— Você dançou? — Falls questionou, surpresa por cogitar a ideia de que Regina dançasse.

— Claro que não — Regina respondeu. — Eu mantenho a postura.

Falls sentiu-se repreendida por Regina. Mas ficou imaginando por que as pernas dela estavam doendo. Ela que não iria perguntar. Ela olhou para Regina e pensou que por mais que ela tivesse suas opiniões e desprezasse qualquer outra e fizesse questão de deixar isso bem claro, ela era uma boa pessoa. Talvez eles pudessem até ter uma conversa normal.

— Vocês acreditam em amor à primeira-vista? — Falls perguntou com o olhar perdido na janela.

— Você está apaixonada? — Regina perguntou, como se Falls fosse alguma espécie de idiota.

— Não. Só por perguntar — Falls disse meio arrependida.

O sujeito soltou um som de desdém. E olhando para trás disse:

— Tshh — O sujeito soltou olhando para trás. — Não existe amor à primeira vista. Só desejo à primeira vista.

Talvez ele estivesse certo.

— Então você está fantasiado de pastor? — Falls perguntou. O estranho se limitou a soltar outro som de desdém pela pergunta.

O estranho apenas disse:

— Tshh... Claro que não.

Falls se sentiu hostilizada pelo sujeito e resolveu provocá-los.

— E vocês se deram bem na festa?

Os dois tiveram uma estranha troca de olhares. Como de dois culpados conversando com o olhar.

— NÃO! — eles exclamaram em sincronia perfeita. Se tivessem combinado dificilmente conseguiriam tal feito.

— E você? — perguntou o sujeito olhando pelo espelho retrovisor.

Falls não respondeu logo, ficou olhando para fora e pensando consigo mesma, e então disse:

— Só um... Garoto

Onde está Satã?

Na manhã de segunda, George estava radiante, com um sorriso que o fazia parecer o gato de Cheshire. O que irritava Jonas profundamente. Ele odiava ver as pessoas intoxicadas de alegria enquanto ele estava se achando o mais miserável de todos.

— Como foi a festa? — ele perguntou.

— A melhor de todas — respondeu George.

— O que aconteceu?

— Irrelevante.

Jonas arqueou as sobrancelhas e voltou a trabalhar, ou melhor, pensou em trabalhar, pois tão logo se dispôs a começar uma de suas tarefas, George o interrompeu com uma pergunta:

— Como foi a sua noite?

— Eu vi uma garota linda. Não consigo tirar ela da minha cabeça. Acho que estou apaixonado — falou Jonas desolado.

— Você é tão fraco, Jota — reprimiu-o George. — Além do mais, isso não é amor.

— Então o que é? — quis saber Jonas.

— Sabe quando você vê uma garota na rua, e tudo faz sentido? Você “fica caidinho por ela” — falou ele desenhando as aspas no ar. — Você não sabe o nome, de onde veio ou para onde vai? Ou você subitamente se interessa por alguém que conhece. Não é amor. Como chamar isso? Uma americana estudou esse sentimento e chamou-o de *limerence*, ou limerância. É um estado cognitivo emocional involuntário. É a isso que estamos nos referindo quando alguém tem uma “queda por alguém”. Você têm pensamentos intrusivos. Vívida imaginação com o objeto desejado. Medo da rejeição, vergonha na presença do objeto. Deixa outras preocupações em segundo plano. Sensibilidade aguda para qualquer coisa que o objeto fale, pense ou faça, *as quais possam ser favoravelmente* interpretadas, e a extraordinária habilidade para inventar explicações “razoáveis” para descobrir mesmo em ações neutras um sinal de paixão no objeto. Ela se sustenta e desenvolve em certo balanço entre certeza e incerteza.

— Uau — Jonas disse. — É quase uma doença mental.

— Pode ter certeza — falou George inflado. — É uma obsessão cognitiva. Sexo com o objeto não é essencial ou suficiente para um indivíduo com limerância.

— Quando você diz sexo com objetos soa como se alguém estivesse comprando algum brinquedo de sex shop — Jonas observou levando os dois ao riso.

Jonas contemplou um tempo o vazio enquanto mexia uma de suas miniaturas sem qualquer interesse nela. Então se virou para George e disse:

— Quando você falou isso... Não sei. Eu senti como se nunca tivesse amado. Entende? Eu realmente me identifiquei com a limerância. Parecia ser a descrição de tudo o que antes eu já chamei de amor.

— Então, o que você acha da Regina?

— Não sei, cara — Jonas disse confuso. — O que isso tem a ver com o assunto?

— Nada. Só estou fazendo uma pergunta. O que você acha?

— Você está interessado nela? — Jonas perguntou como se isso fosse algum contra senso.

— Irrelevante, Jota. Limite-se a responder minha pergunta.

— O que você acha dela? — Jonas disse, depois de dar de ombros.

— Ela é religiosa — falou George, mudando o tom de sua fala.

— E isso é um problema? — perguntou Jonas.

— Claro que é — desdenhou George. — Você sabe por quê... ■

George sorriu.

— Elas... — Jonas não tinha ideia nenhuma. Em se tratando de George, poderia ser qualquer coisa. Literalmente qualquer coisa — São religiosas — afirmou incerto.

— Bem, isso é obviamente um problema — afirmou George como se surpreendido pela resposta — Não deixa de ser. Mas outro — como se houvesse alguma coisa óbvia que estivesse escapando a Jonas.

— Elas não fazem sexo — chutou.

— Mito — George disse com um estranho sorriso no rosto.

— Eu desisto. Eu realmente não sei George. — falou Jonas levantando os dois braços, rendido.

— Se elas engravidam, elas continuam assim — ele disse, com um daqueles sorrisos de superioridade, que praticamente é o único que ele sabe fazer.

— Por que você me perguntou justo sobre a Regina? — Jonas lhe perguntou curioso.

— Irrelevante — ele disse voltando a digitar. — Quer ir até a livraria comigo na hora do almoço? Chegou um livro novo que eu quero comprar.

— Eu não posso, tenho um compromisso — falou Jonas.

— E seu disser que eu vou comprar o novo livro de Neil Gaiman — George disse com satisfação. — Isso faria você ignorar esse tal “*compromiso*”? — ele concluiu, desenhando **novamente** aspas no ar com os dedos e dizendo a palavra de forma irônica.

— É sério. Eu realmente tenho um compromisso, George.

George riu e disse:

— Você nunca tem um compromisso.

— Hoje deve ser dia de São Nunca então, por que eu tenho um compromisso. Eu marquei uma consulta na Novo Caminho.

— O quê? Você vai ir mesmo nesse lugar? — George protestou — Você pode morrer! É como brincar de roleta russa. Você entende? Você pode morrer de verdade. Você realmente entende o que morte significa? Não dá para dar *reset*. Ou continuar de onde você tinha salvado. *Game over*.

— Eu sei George. Mas eu já fiz minha escolha. Não é problema seu — falou Jonas.

— Tudo bem. Não vou dizer mais nada — disse George enquanto digitava freneticamente — Eu só me importo com você, só isso.

Jonas ouviu aquilo e se sentiu culpado. Mas não muito. E voltou a fazer o seu trabalho até poder sair para o consulta que iria fazer. Enquanto passava pela porta, George lhe disse:

— Boa Sorte, Jota.

— Obrigado, George.

— Vá atrás de seus sonhos — ele disse com a boca cheia de salgadinhos. Jonas se virou para ele e sorriu. — E quando voltar me traga uma soda, por favor.

— Tudo bem, George. Até.

Ele não demorou muito para chegar até a Novo Caminho. Ficou com medo de não conseguir encontrar o lugar ou chegar atrasado, mas foi relativamente simples. Era um prédio branco com um pequeno jardim cheio de flores coloridas. Um tapete verde que lembrava visualmente os melhores gramados de estádios de futebol. No meio do jardim havia um pequeno caminho de tijolos amarelos por onde Jonas caminhava e olhava para as letras e logo de metal que foram colocados em uma parte do jardim. Lá estava o Ankh que antes atraía sua atenção para apanhar o folheto.

Ao chegar perto das portas, elas se abriram automaticamente. Fazia um pouco de frio lá dentro em comparação com o dia ensolarado de lá fora. Havia um balcão bem próximo da porta e sofás em uma sala de espera. Havia apenas duas pessoas sentadas lá. Um senhor de idade usando uma bengala e uma garota bem jovem, de cabelos negros e olhos que mais pareciam duas bolas de piche. Usava uma roupa igualmente preta e se concentrava em um computador onde digitava alguma coisa.

Morte é definida como a cessação completa e irreversível dos processos físicos que sustentam o fenômeno da vida biológica. Mas fica um pouco mais complicado quando se descobre que eles não possuem uma definição precisa sobre o que é vida. Biologicamente, a morte pode ocorrer para o todo, para parte do todo ou para ambos. Por exemplo, é possível para células individuais, ou mesmo órgãos morrerem, e ainda assim o

organismo como um todo continuar a viver. Muitas células individuais vivem por apenas pouco tempo, e a maior parte das células de um organismo são continuamente substituídas por novas células.

Também é possível que o organismo morra (geralmente, num caso de morte cerebral) e que suas células e órgãos vivam, e sejam usadas para transplantes. Porém, neste caso, os tecidos sobreviventes precisam ser removidos e transplantados rapidamente ou morrerão também. Em raros casos, algumas células podem sobreviver, como no caso de Henrietta Lacks. Suas células literalmente são imortais e se tornaram até mesmo uma nova espécie por terem sobrevivido décadas após sua morte. Foi graças às células imortais de Henrietta que a vacina contra a Poliomelite pôde ser criada.

A irreversibilidade é constantemente citada como um atributo da morte. Cientificamente, é impossível trazer de novo à vida um organismo morto. Se um organismo vive, é porque ainda não morreu anteriormente. No entanto, muitas pessoas não acreditam que a morte física é sempre e necessariamente irreversível, enquanto outras acreditam em ressuscitação do espírito ou do corpo e outras ainda têm esperança que futuros avanços científicos e tecnológicos possam trazê-las de volta à vida, utilizando técnicas ainda embrionárias, tais como a criogenia ou outros meios de ressuscitação ainda por descobrir.

Mas o que acontece a uma pessoa, ao indivíduo, quando ele morre? Existe uma alma que após passar pelo clichê do tú-

nel de luz vai para o Céu ou Inferno dependendo de suas escolhas morais em vida? Iremos reencarnar em uma próxima vida, esquecendo tudo aquilo que vivemos anteriormente? Quando você morre e entra na roda da dança macabra, a rigidez cadavérica inicia-se umas quatro horas depois do cessar completo das funções vitais, começando na mandíbula inferior e na nuca, e concluindo nas pernas, prolonga-se até dois ou três dias após o instante do óbito. Se você é um homem e morreu em uma posição ereta ou de bruços é provavelmente que você esteja com um ereção. Uma ereção depois de morto. Com a morte, cessa-se a circulação do sangue, o que o faz se concentrar nas regiões mais baixas do organismo por causa da gravidade.

Com a rigidez do defunto, podemos dar por encerrada qualquer esperança de reanimação. O terrível destino que lhe espera agora, a aniquilação por decomposição química ou putrefação de sua estrutura celular, reduzirá a zero a debilíssima expectativa de reanimação. Em nenhum lugar de nosso mundo físico pode-se comprovar melhor que em um cadáver como a batalha final entre dinamismo e entropia acaba sempre sendo ganho pela última. O campo desse cenário épico onde podemos assistir à desigual luta entre Tanatos e Eros é o cadáver do homem. Após a morte, a autodestruição dos tecidos celulares inicia a sua macabra atividade. E mais tarde, os fungos, microorganismos necrófagos que não perdoam nada nem ninguém, iniciarão também seu voraz banquete.

Em poucas horas, os órgãos mais delicados de nosso corpo ficam reduzidos a uma massa viscosa e pestilenta. A posição medular das glândulas suprarrenais amolecem, convertendo-se em uma cavidade imunda que segrega um líquido ligeiramente pardo. As paredes do estômago e os intestinos, sem a renovação sempre constante de suas células, por autodigestão, tornam-se totalmente moles. Os sucos gástricos, que até agora haviam respeitado os receptáculos que os continham, perfuram-nos e vão derramando-se pelas cavidades peritoneais.

A cavidade pleural, junto ao pulmão, que contém uma substância sumamente ácida, ao reagir frente aos líquidos gástricos que avançam através do diafragma, inicia uma ação duplamente destruidora sobre o aparelho respiratório. O último que resta por intervir são as bactérias putrefatas que o farão, quando os primeiros agentes químicos lhe abrem uma brecha. A destruição das vísceras chega a níveis tão arrasadores que custaria descrevê-los. Não há estômago (vivo) algum que aguente muito tempo devido ao cheiro nauseante e fétido (do estômago morto). As parênquimas são aniquiladas até liquefazerem-se. O fígado transforma-se numa repulsiva substância esverdeada-escura, e o cérebro, essa maravilhosa estrutura de onde a humanidade tirou seus pensamentos e toda suas grandes maravilhas e monstruosidades, onde obras de arte foram concebidas, reduz-se a uma massa amorfa verde-cinza e viscosa. É o fim. Isso é tudo o que a ciência pode dizer que

acontece após a morte.

Se Jonas debate-se tanto, é porque sinceramente não sabe ou não gostaria de acreditar que isso é tudo. Acreditar em uma existência após a morte não é um pensamento otimista ainda que ingênuo, e talvez errado? Talvez aquele cara de *Matrix* esteja certo, a ignorância é uma bênção. Mas Jonas queria ter mais que uma intuição ou crença. Ele queria ver. Com seus próprios olhos.

Jonas voltou sua atenção para o balcão e viu a recepcionista que estava com um livro enorme aberto à frente dela. Ela olhou para ele e suas sobrancelhas se arquearam.

— Boa tarde — ela disse.

— Boa tarde — ele respondeu. — Eu tenho uma hora marcada com o Dr. Roberto.

— Nome?

— Jonas.

— Deixe-me checar — ela se virou para o computador. Jonas tentou ler o nome dela que estava em um crachá.

— Tamanho 42 — ela disse.

— O quê? — perguntou Jonas sem entender.

— Meus seios — ela disse colocando as mãos sobre eles.

— Oh, não... É... Não foi isso — ele não sabia como começar a se explicar e, o pior, agora não conseguia evitar de olhar para eles.

— Pode olhar, eu tenho orgulho deles.

— Não, eu só queria ler seu nome, no crachá.

— Que horas são? — ela perguntou. Então ele se deu conta por que ele achou a garota na festa com uma voz familiar. Por que ela estava ali bem na frente, era a recepcionista da Novo Caminho.

— Nós nos vimos na festa? — ele perguntou.

— Nós nos vimos na festa? — ela repetiu a pergunta dele em um tom neutro.

Jonas estava claramente nervoso. Seu impulso era dar meia-volta e voltar correndo para o carro e ir para bem longe esconder a cabeça debaixo de um buraco de terra.

— Estou apenas brincando — ela disse abrindo um sorriso. “Covinhas”, Jonas pensou.

— Sr. Michael Scott — ela disse chamando a atenção do homem com a bengala. — O Dr. Patrick o aguarda na sala dele. É a primeira à direita.

O homem fez um sinal de agradecimento com a mão e se levantou. Jonas olhava para ela. Nem mesmo conseguia olhar nos olhos dela. Foi quando uma voz atrás dele, vinda de fora, gritou:

— Onde está Satã? Onde está Satã?

A expressão dela de simpatia se transformou em preocupação. Ela abriu uma gaveta e tirou algo de lá. Jonas viu que seu nome era Falls. O homem era enorme e sua face estava vermelha de raiva. Ele é realmente o tipo de cara que ninguém gostaria de estar em seu caminho.

— Sr. Tomás, por favor, afaste-se — Falls disse saindo balcão.

— Eu vim conversar com aquele sujeito — ele disse para ela — Você não têm nada a ver com isso. Ele começou a dar passadas largas em direção ao corredor.

— Pare! — Falls disse ao mesmo tempo em que espirrou alguma coisa de um tubo preto que ela tinha tirado da gaveta. Rapidamente deu para perceber que era spray de pimenta. Mesmo tendo acertado diretamente no rosto do sujeito com raiva, Jonas sentiu arder seus olhos e sua boca. Começou a esfregar os olhos. Falls começou a tossir. Logo, a garota de preto havia chamado alguém de jaleco branco, que Jonas somente podia ver através de seus olhos embaçados pelas lágrimas que começavam a sair.

— Meus olhos! — Jonas falou. Ele tinha que estar bem atrás do sujeito que leva um jato de spray de pimenta.

— O que aconteceu? — perguntou uma voz vindo do corredor. Jonas mal conseguia abrir os olhos que ardiam. E ouvia um burburinho de pessoas ao seu redor.

— Tomás, de novo — disse uma voz.

— Já chamei a polícia.

— Levem a Falls e aquele cliente para passarem água no rosto.

Após isso Jonas sentiu alguém o guiando. Quando ele passou água no rosto e conseguiu abrir o olho viu que estava

em uma sala parecido com um consultório. Falls estava com o rosto molhado e parecia lacrimejar.

— Eu achava que só afetava o cara mau — disse Falls, sentindo-se culpada.

— É um spray. A tendência é que ele se espalhe para todos os lados, como um desodorante — disse um sujeito jovem antes de sair rindo em alto e bom som. O rapaz saiu da sala, deixando Jonas e Falls a sós. Durante um tempo houve aquele silêncio desconfortável entre duas pessoas que pouco se conhecem.

— Desculpe — Falls disse ao mesmo tempo em que começou a rir. Jonas riu junto com ela.

— Tudo bem — ele disse passando mais uma vez as mãos nos olhos.

Ela colocou a mão em seu ombro.

— Não foi por mal — ela disse. Ele se sentiu bem com a mão dela em seu ombro, respirou fundo e quis aproveitar cada segundo daquilo que não durou muito, só até a porta se abrir e entrar um homem de jaleco, distinto e com um ar contemplativo. Seus olhos de coruja pareciam olhar através das pessoas, como se para ele não houvesse segredo nenhum ao qual eles não tivessem acesso.

— Desculpe pelo inconveniente — ele falou se dirigindo a Jonas. — Ele está em crise desde que a mulher morreu e nos responsabiliza por isso. Eu o entendo de certa forma — ele concluiu em tom mais baixo e não olhando para lugar algum em especial.

Ele se virou para Falls e deu uma boa olhada nos olhos dela.

— Você vai sobreviver. Bom trabalho! — ele falou sorrindo.
— Pode me acompanhar até a minha sala? — disse se virando para Jonas.

— Claro — este respondeu.

Ele saiu da sala e Jonas começou a acompanhá-lo.

— Este é o doutor... — sussurrou Jonas para Falls.

Ela fez um sinal de afirmação com a cabeça e sorrindo disse:

— Satã, em carne e osso.

Ele saiu da sala, e viu Satã, ou melhor, Dr. Roberto parado ao lado da porta em que deveria entrar.

— Vamos começar de novo — disse o Dr. Roberto. — Sou o Dr. Roberto Mouir.

Jonas disse seu nome e eles trocaram um aperto de mão. O Dr. Roberto pediu que ele entrasse, quando o fez, fechou a porta.

— Queria pedir novamente desculpa pelo ocorrido — falou Dr. Roberto.

— Tudo bem — Jonas disse. — Aquele homem estava realmente nervoso.

— Não é todo dia que um cliente insatisfeito vêm reclamar — disse Dr. Roberto se sentando. — Na verdade quando nós cometemos algum erro eles não podem mais reclamar, é claro...

Jonas ficou mudo.

— Mas nós raramente cometemos erros — Dr. Roberto disse tentando consertar o que havia acabado de dizer. — Então você está interessado em fazer uma EQM?

— Exato — respondeu Jonas. — Bem, na verdade estou um pouco hesitante ainda.

— Natural. Faz parte. Tem alguma pergunta?

— Eu queria fazer uma pergunta, qual é a chance de que eu... Ah... — falou Jonas sem conseguir pronunciar a palavra.

— Morra? — perguntou Dr. Roberto curto e sem surpresa. Talvez por já estar acostumado com esse tipo de dúvida.

— Isso — disse Jonas engolindo em seco.

— Tecnicamente, você vai morrer com certeza. Nós te trazemos de volta. Mas, a respeito de não conseguirmos fazer isso, ou seja, te ressuscitar... Digamos que fazer esse procedimento é mais seguro que viajar de automóvel por exemplo.

Tranquilizador. Dizem a mesma coisa sobre aviões, mas isso não significa que acidentes não acontecem.

— Como é feito?

— É um procedimento patenteado chamado *Método Ars Moriendi*. Basicamente nós fazemos uma asfixia química, que faz com que você tenha uma parada cardiorrespiratória. Trazemos você de volta com um desfibrilador. Se você quiser realizar o procedimento terá que fazer toda uma bateria de exames. Há vários pacotes, com diversos preços — falava Dr. Roberto

enquanto pegava um pequeno libreto. — Leve para casa, estude com cuidado. E caso queira, e somente caso queira, você poderá marcar um procedimento pelo telefone.

— Tudo bem — disse Jonas pegando o folder.

— Sente-se na mesa de exames, por favor. Mesmo que você não chegue a fazer, pelo menos vai ter passado por uma pequena avaliação física. Alguma alergia?

Após dez minutos Jonas já estava saindo do consultório e viu dois sujeitos andando lá dentro passando pelo corredor.

— Você encomendou mais Pavulon, certo? — um deles disse. ■

— Claro. Senão Patrick ia me comer vivo, de novo — respondeu o segundo.

— Seus olhos melhoraram, cara? — perguntou um deles dando uma olhada no rosto de Jonas o que o deixou sem graça.

— Melhorou sim, obrigado.

Eles continuaram seu caminho enquanto Jonas se voltava para o outro lado, mas ele ainda foi capaz de ouvir um deles comentando:

— O que uma garota com um spray de pimenta pode fazer!

Quando ele chegou novamente até a recepção, lá estava a garota toda vestida de preto agindo novamente como se não existisse mundo exterior e Falls, ainda com parte do rosto avermelhada, assoava o nariz em um lenço.

— Tchau — ele disse bem baixinho, fazendo um sinal com a mão.

— Tchau! — ela disse, abrindo um sorriso.

Durante o caminho de volta para o trabalho, Jonas não conseguia a tirar de sua cabeça. “Eu estou completamente apai... Não. Eu estou completante limerente”, ele pensou.

Resolveu ligar o rádio, estava tocando “*Everybody Hurts*” do REM. Ele desligou na hora, não queria ouvir músicas tristes para não ficar assim o resto do dia.

“Eu sou uma guerra de cabeça contra coração”, Jonas concluía a respeito de si mesmo. “E é sempre do mesmo jeito. Minha cabeça é fraca, meu coração sempre fala antes mesmo de eu saber o que eu vou dizer”.

Será que existia algo como escolha racional? Todas as ações dele, em retrospecto, parecem ser todas tomadas ou por impulso ou postergadas até o momento final, quando são decididas novamente por impulso. E isso se baseando apenas em suas emoções. Talvez aconteça o mesmo com outras pessoas. Homens e mulheres só se guiam pelo coração. A diferença básica é que muitas vezes o coração em um homem se localiza entre suas pernas.

— O que aconteceu? — perguntou George surpreso para Jonas quando este entrou na sala onde trabalhavam. — Olhe para você — disse George com entusiasmo. — Parece que chorou tanto quanto uma garotinha.

Vejam vocês mesmos

O Modelo Kübler-Ross tenta descrever os estágios pelos quais uma pessoa passa após sofrer grandes perdas e tragédias.

Negação é o primeiro. Ele vem logo depois que você recebe a notícia. É como uma proteção, uma fuga da realidade. Na prática funciona tanto quanto desviar o olhar de algo. Não importa por quanto tempo você permaneça assim, isso não vai mudar o que aconteceu. Mesmo sendo médico a vários anos, Roberto Mouir não tinha ideia de como seria estar do outro lado. Inúmeras pessoas morreram em suas mãos, ele fez de tudo para salvá-las. Sofreu um pouco por cada uma, mas nada foi comparado quando ele se viu do outro lado.

Ele chegou de um seminário em que havia se ausentado há três dias. Havia conversado com a esposa quando saía de lá. Elas já deveriam estar há um bom tempo esperando por

ele. Ligou várias vezes e não teve sinal delas. Ficou com muita raiva. Ele estava irritado há alguns dias. Era somente uma fase ruim.

Quando ele viu seu cunhado, Patrick, chegando apressado com o olhar esquadrinhando as pessoas, ele começou a tremer. Ele foi em sua direção, pressentia a má notícia.

Patrick ficou em sua frente sem conseguir falar. Ele começou a chorar. Roberto passou a mão na cabeça e não conseguiu controlar o desespero.

— Larissa morreu — falou Patrick, abraçando-o.

— Eu não estou aqui. Isso não está acontecendo. Eu não estou aqui. Isso não está acontecendo — recitava baixo Roberto como que lançando um feitiço. Mas nada aconteceu.

Eles se conheciam desde a faculdade de medicina. Dividiram um quarto juntos. Eram a família um do outro. Quando conheceu a irmã de Patrick, Roberto oficialmente se tornou parte da família Kafka.

— Como foi? — perguntou Roberto tentando se controlar ao se sentar em um banco do aeroporto. Ele olhava para os lados e via olhos curiosos mirando sua pessoa. A opinião das pessoas sempre exerceu nele uma profunda preocupação, mas agora ele não conseguia sequer pensar nisso.

— O carro delas se chocou contra um motorista bêbado — falou Patrick.

— Sarah! — exclamou Roberto, como se somente agora se lembrasse que tinha uma filha de nove anos.

— O médico disse que foi um milagre. Ela vai ficar bem — ele disse colocando a mão no ombro de Roberto.

“Eu não consigo acreditar”, dizia Roberto a si mesmo, enquanto seus olhos em vão vasculhavam o lugar atrás de sua mulher, como se ela pudesse chegar a qualquer momento. E aquilo simplesmente seria esquecido, talvez rissem daquilo algum dia. Mas ela não veio. Nunca mais voltou. Mas seus olhos nunca pararam de procurar.

O segundo estágio no modelo Kübler-Ross é a raiva. Ele sabia que não havia esperança nenhuma, mas correu ao hospital após se recuperar do choque. E quis ver o corpo da esposa. Tudo o que se lembrava era de que ela tinha ligado para ele antes de sair de casa. Ela tinha essa mania de ligar sempre para ele. Ele gostava. Era quando ele realmente se sentia amado. Mas ele não estava passando por uma fase muito boa, na verdade ele estava irritadiço e descontava em todos ao seu redor. A convenção havia sido estressante. Ele teve alguns problemas para conseguir sair do hotel e pegar o avião, saiu realmente atrasado. Quando o celular tocou ele já atendeu bufando de raiva. Mesmo com um milhão de desculpas para estar do jeito em que estava, nada disso o inocentaria diante de seus próprios olhos.

— O que foi? — ele perguntou impaciente.

— Só queria saber se está tudo bem — falou Larissa.

— Estaria se você não ficasse me ligando. Estou atrasado — ele disse, desligando o telefone.

Agora ela estava morta. Sentia raiva de si mesmo por ter sido tão estúpido. Não havia volta. “Por que isso está acontecendo?”, **pensava** Roberto. “A vida não é justa. Eu posso viver com o fato de que a vida é injusta. Mas que fosse injusta ao meu favor!”.

Ele sentia em si pulsando uma raiva que queria sair de dentro de si. Ele chegou a chutar a parede, quase torcendo o pé. Quando saiu da sala, não sabia o que fazer. Simplesmente desmoronou novamente e começou a chorar. “Por quê?” se perguntava, “Por quê?”. Chorando, sentiu um braço tocá-lo no ombro. Se virou e viu o rosto de um homem de cavanhaque, usando óculos e que devia ter a sua idade. Um médico. Roberto passou a mão no rosto, limpando as lágrimas. Não sabia quem o homem era. Mas sentiu raiva dele. Apenas por ser um médico e estar do outro lado. Ele não sabia o que ele estava passando. Não fazia a mínima ideia pelo que ele estava passando.

— Sr. Roberto? — perguntou o médico.

— Sim? — Roberto disse com a voz um pouco rouca.

— Eu sou o médico que atendeu a sua filha quando chegou aqui. Eu acho que o senhor gostaria de saber — ele dizia com uma espécie de satisfação que alimentou ainda mais o ódio que Roberto sentia — que o que aconteceu com sua filha... Foi um milagre. Foi uma obra de Deus.

— Deus? — perguntou Roberto colocando toda sua ira na palavra. — Deus não existe. Onde está Deus? Hein? — ele disse

saindo de perto do homem e apontando para a sala onde estava o corpo de sua mulher — Onde está Deus agora?

O médico apenas ficou-o observando, sem conseguir esboçar nenhuma palavra. Em seu rosto estava estampada uma espécie de frustração. Como se a notícia que ele trouxesse de certa forma fosse confortar Roberto.

— O mundo — disse Roberto — deve ser entendido como resultado do caos e sorte cega. E se provir de um propósito deliberado... Esse só poderia vir de um demônio.

Roberto deu as costas ao homem e caminhou em direção ao próximo estágio de Kübler-Ross, a barganha.

Ele sentia-se imensamente frustrado com a morte da mulher e acabou negligenciando não apenas o emprego, faltando dias seguidos, mas até com sua própria filha. Somente Patrick conseguia mensurar o quanto Roberto foi destruído por aquilo. Roberto começou a beber, a perder peso e a abusar de antidepressivos que ele receitava a si mesmo. Patrick não poderia ver o amigo se destruir sem dizer nada.

— Roberto, você têm uma filha para criar... — começou Patrick.

— Eu sei que eu tenho uma filha para criar, você não precisa me lembrar disso — ele falou irritado, interrompendo Patrick — Por quê, Patrick... Por quê? Eu preferia que Sarah tivesse morrido no lugar dela — e começou a chorar. Patrick olhou para ele imaginando se ele realmente queria ter dito o que acabou de dizer.

— Eu vou me mudar para sua casa — Patrick disse. Roberto apenas balançou a cabeça concordando, ao contrário do que Patrick esperava.

Logo na primeira noite, ao se levantar para tomar um copo de água, Roberto estava sentado em uma cadeira com os olhos brilhantes.

— Não consegue dormir? — perguntou Patrick, pensando que talvez já era hora de Roberto pensar em consultar um psicólogo.

— Você não tem ideia do que acabou de acontecer — Roberto disse, olhando para o vazio. Depois, olhando nos olhos de Patrick como há muito tempo ele não fazia, como se daquela vez ele realmente estivesse ali presente, não somente a sua casca, como agira todo o tempo desde a morte de Larissa. Ele soltou uma espécie de riso e falou:

— Nem mesmo eu consigo acreditar. Quero dizer, você não vai acreditar em mim. Vai dizer que eu estou louco.

— Tente — Patrick disse.

— Eu estava me revirando na cama. Há muito tempo que eu não consigo dormir. Fico o tempo todo me virando de um lado para o outro. O inferno na terra. O quarto ficou extremamente frio. Como estamos no verão eu não estava com um cobertor na cama, apenas com um lençol vermelho. Fiquei incomodado com o frio ao ponto de começar a me levantar para pegar um cobertor no armário. Mas eu nem cheguei a fazer isso. Eu vi a Larissa no meu quarto. Bem, não era exatamente

como a Larissa, mas era ela de alguma forma. Sua pele estava em um tom azul pastel claro. Os lábios vermelhos como sangue e olheiras profundas. Eu senti tanto fascinação como repulsa. Tudo o que eu queria era ver novamente minha mulher e quando isso acontece eu fico apavorado. Eu devo estar começando a delirar.

Patrick sentiu um calafrio percorrer todo o seu corpo, colocando cada pelo de seu corpo em pé. Ele não era particularmente religioso, mas tinha um lado espiritual. Larissa certamente o tinha também.

— O que você acha? — perguntou Roberto.

— Você a viu. E o que aconteceu em seguida? — Patrick mostrou-se interessado.

— Ela me disse: “*Vejam vocês mesmos*”.

— “Vejam vocês mesmos?” Você têm ideia do que isso quer dizer?

— Lembra-se que antes mesmo de nós namorarmos, uma noite que ela estava te visitando e nós três acampamos e no meio de uma conversa fizemos uma espécie de promessa? O primeiro que morresse deveria voltar e contar aos outros como é o outro lado. Eu acho que ela veio cumprir a promessa. Desde o momento em que a vi, eu sabia que devia ser isso.

Eles ficaram se olhando por um tempo. Roberto tinha perdido a gravidade que carregava no olhar. Parecia que ele tinha tirado um peso enorme dos ombros. Sua face não estava tão rígida como antes.

— Quando Larissa morreu eu cheguei a lembrar dessa promessa. Mas eu não quis tocar no assunto — falou Patrick, sem jeito.

— Eu não sei. O que você acha? — lhe perguntou Roberto.

— Você estava certo — falou Patrick — Você está louco. E precisa de uma boa noite de sono.

— Nisso nós dois concordamos — Roberto disse se espreguiçando na cadeira.

— Sobre você estar louco ou precisar de uma boa noite de sono?

— Os dois — disse Roberto permitindo-se sorrir pela primeira vez em semanas.

Nos dias que se seguiram ele começou a se mostrar mais animado. Voltou a trabalhar, mas dedicava um bom tempo a fazer pesquisas, comprou um monte de livros com nomes estranhos como *Bardo Thödol, Necronomicon e Mors ontologica*. Estava obcecado com o além-vida e dedicava seu tempo a estudar a visão da maioria das culturas sobre o assunto.

Um dia, quando Patrick jogava banco imobiliário com Sarah, Roberto não se aguentando de excitação, interrompeu-os durante o jogo para dizer algo a Patrick.

— Já volto, e sei exatamente quando dinheiro você tem — Patrick disse apontando para as notas.

Ele se aproximou de Roberto que ainda nem mesmo havia retirado o jaleco branco.

— Então? — perguntou Patrick, cruzando os braços.

— Eu sei o que Larissa quis nos dizer. Eu sei — falava Roberto sentindo uma pulsante alegria dentro de si.

Patrick o observava, com certo receio.

— Ela quer que nós vejamos o outro lado com nossos próprios olhos — ele disse eufórico como se tivesse acabado de descobrir ouro.

— E como você espera fazer isso, Roberto? *Se matando?* — Patrick perguntou-lhe sarcasticamente.

Eles se olharam por alguns instantes. Patrick ficou preocupado com o que Roberto poderia fazer. Olhou para Sarah e temeu que algo pudesse acontecer com ela. O que Roberto tinha em mente? Não bastava ter perdido a mãe tão repentinamente, agora o pai estava se afundando em paranoia.

— Nós podemos voltar — Roberto disse em um tom mais baixo. — Já ouvir falar em EQM?

— Experiências de quase-morte? — perguntou, **surpreso**, Patrick. — O quê? Como você espera fazer isso? É loucura, Roberto. Loucura.

— Eu ainda não sei, mas vou descobrir — Roberto disse, apontando para **seu cunhado** antes de se virar e sumir em um corredor.

Patrick ficou olhando de onde estava para Sarah. Ela parecia estar lidando com a morte da mãe de uma forma melhor do que Roberto. Roberto estava tentando negociar com a

morte. Tentando de alguma forma dominá-la e descobrir o seu mistério. Domesticá-la. Patrick desejou que ele simplesmente deixasse isso de lado, mas não foi o que aconteceu.

Roberto mergulhou em uma profunda pesquisa e depressão. Passou a fazer plantões de quarenta, cinquenta horas. Quando em casa, lia livros imensos e acabava dormindo com eles em seu colo.

— Eu descobri uma forma — ele disse para Patrick no meio de um jantar, mudando completamente o assunto da conversa. Patrick olhou para Sarah.

Não sabia o que fazer, mas, mesmo achando terrivelmente errado, acabou concordando com ele.

— Eu não entendi o mesmo que você Roberto, que isso fique bem claro — ele disse mais tarde enquanto lavavam louça. — O que eu acho que ela quis dizer é que talvez os segredos dos mortos não são para os vivos. Porque ela disse, “Vejam vocês mesmos”. Isso quer dizer, não sei, é o meu palpite, que cada um deve ver com os próprios olhos, na sua vez. Isso não parece estar certo. É loucura. Mas eu vou ajudá-lo, confesso que estou curioso. Quem não estaria? E que fique bem claro que você e eu naquela noite estávamos certos. *Você está louco.*

Demorou muito para que Roberto encontrasse uma cobaia para o primeiro experimento. Um sujeito que tinha aulas de sonhos lúcidos com ele e que ansiava por experiências místicas, e não parecia nenhum pouco preocupado com os riscos. Sua face poderia se comparar à de uma criança que estava indo

para a Disney. Patrick chegou a comentar com Roberto o fato, achando isso muito estranho.

— Há milhares como ele lá fora, Patrick — falou Roberto em um tom frio.

— Mas você contou a ele exatamente o que vamos fazer?

— Patrick lhe falou.

— Não e nem devemos. Fazer isso seria matar a mágica, Patrick. É nosso pequeno segredo.

Talvez ali já estivesse nascendo aquilo que um dia iria se chamar Novo Caminho.

— Eu chamo de *Método Ars Moriendi* — Roberto falou gesticulando. À sua frente estava três frascos, com agulhas.

— E depois de seu teste? Você vai querer fazer isso?

— Eu ainda não sei — Roberto respondeu olhando para a palma de sua mão. “Eu tenho medo do que eu posso encontrar do outro lado”, pensou em dizer. “Se tiver um outro lado”.

Eles realizaram o primeiro experimento em uma sexta-feira, no dia onze de novembro. Eles resolveram deixar o lapso entre a linha plano do ECG e a ressuscitação bem curto, por volta de vinte e três segundos. E mesmo sendo um tempo relativamente curto, Patrick sentiu como se ele nunca fosse acabar.

— Afaste-se! — Roberto disse antes de aplicar trezentos joules, trazendo Arthur de volta à vida. Ele voltou fazendo um som estranho, como se tivesse repentinamente sentido uma dor profunda. Seus olhos brilhavam e fitavam o infinito.

Patrick e Roberto se olharam.

— Estamos fazendo história — Roberto disse sentindo uma excitação profunda. Ele estava feliz. Foi quando ele finalmente entrou na quinta e última fase do Modelo Kübler-Ross, a **aceitação**. “Tudo vai ficar bem”, ele pensou.

— Qual é a sensação de morrer? — perguntou Patrick à cobaia que abria os olhos lentamente,

Arthur não respondeu de imediato. Ele estava sentindo cada músculo de seu corpo.

— Dói pacas — ele disse por fim, soltando um suspiro. Os três riram.

E este foi apenas o começo. Logo Roberto e Arthur entraram em contato com um psicólogo, Edgar, autor de um livro sobre experiências de quase morte chamado *Mors ontologica*.

— Eu li o seu livro — falou Roberto no primeiro encontro com Edgar, que tinha viajado de longe apenas para ver os resultados de Roberto.

— O que achou?

— Ótimo.

— Quando você me enviou o e-mail eu achei que era alguma espécie de trote ou fantasia. Eu tive um pouco de receio. Mas é mesmo verdade — Edgar dizia isso em um tom sério olhando para o vídeo. — Isso é... Legal? Judicialmente legal?

Roberto simplesmente deu de ombros. Os olhos não saíram um minuto sequer do monitor em que Roberto mostrava o vídeo da experiência com Arthur.

— O que levou o senhor a fazer isso? — perguntou Edgar olhando nos olhos de Roberto, que fugiram ao serem fitados.

— Se tem algo, que você mesmo diz no livro, que é comum a todas as EQMS, é que aqueles que passam por elas se transformam e mudam suas vidas, positivamente. Eu já li diversas filosofias, livros de autoajuda. Nós sabemos tudo o que deveríamos saber para viver uma vida plena e feliz. Mas não o fazemos. Por que somente pessoas que passam por experiências em que perdem tudo ou quase morrem têm a motivação necessária para fazer isso? Talvez algum defeito de fábrica, mas não me importa. Eu acho isso fascinante. Conseguir um propósito para vida. Arthur, o paciente zero, tem reportado resultados fantásticos. Foi isso que me levou a fazer isso.

Não demorou muito para que Edgar criasse coragem e perguntasse:

— Roberto... Eu poderia ser o próximo?

Eles começaram a se tornar amigos. Passavam noites em claro discutindo não apenas o *Método Ars Moriendi*, explicações para as experiências de quase-morte, mas igualmente suas vidas, livros e tudo mais. Roberto, Arthur e Edgar haviam se tornado uma espécie de irmandade. Patrick passava muito tempo com eles, mas de vez em quando se afastava. Ele não suportava a atmosfera dos assuntos dos três que gravitavam ao redor da morte. Era uma obsessão.

— Eu tenho um *hobby*. *Coleciono* frases célebres — falou

Edgar, certa vez. — Há várias categorias, e uma dessas são últimas palavras.

— Eu gosto de frases — disse Roberto tomando mais uma vez de sua garrafa.

— Eu sei o que Nietzsche disse — falou Arthur. — Algo como, se existir um Deus vivo eu estou ferrado.

— Ele resolveu fazer uma gracinha antes de morrer? — perguntou Roberto. — Nietzsche era um fanfarrão.

— Uma das minhas prediletas é de Thomas Hobbes — disse Edgar.

— O sujeito da tábula rasa? — questionou Roberto sem saber ao certo do que falava.

— Não. Esse aí é Locke — falou Edgar. — Hobbes foi o que escreveu *Leviatã*. Quando ele morreu, ele disse: “Essa é a minha última viagem, um grande salto no escuro”.

— É realmente um grande salto — disse Arthur, em tom confidente, a Edgar.

— Eu fiz teatro na faculdade. Antes de ser interno, quando tinha tempo para ter uma vida — falou Roberto rindo e pesaroso de se lembrar do passado. — Eu li muito Shakespeare. Tem uma parte que Hamlet fala sobre a morte e a compara a uma terra não-descoberta, da qual viajante nenhum jamais retorna. E hoje eu posso dizer que Shakespeare errou. Nós vencemos a morte, um grande soco na face de Deus — concluiu com um sorriso no rosto.

— Pena que não existe uma agência de viagens para essa terra não-descoberta — falou Edgar apenas pensando em fazer uma observação espirituosa. — Seria um grande sucesso, não acham?

— “Vamos para Ibiza esse ano, querido?” — Arthur falou imitando uma voz aguda, logo mudando para a grave: — “Não, não, mulher. Nós vamos morrer”.

Foi naquele momento que nasceu a Novo Caminho.

Os Renascidos

Jonas havia resolvido ir uma das reuniões dos Renascidos para ver como era. Aquilo tudo o amedrontava um pouco, mas igualmente o fascinava. Sentou-se em um ponto intermediário entre o fim e o início das cadeiras, exatamente como sempre fez na escola. Logo, um homem de certa idade se pôs à frente de todos em um pequeno palco. Era impossível não notar o seu olho roxo. Jonas ficou imaginando por onde um senhor dessa idade teria andado para conseguir o olho roxo? Em algum clube da luta?

— Boa noite a todos — o homem disse recebendo uma resposta coletiva, ainda que tímida. Ele mexeu em alguns papéis e colocou um óculos, e então leu em voz alta para a plateia:

— Esta é a hora da morte e renascimento — dizia em tom solene. — Aproveita esta morte temporal para atingir o per-

feito estado. Ilumina-te. Concentrado na unidade de todos os seres vivos. Mantido sobre a Luz Clara. Usa-o para alcançar o entendimento e o amor. Quero antes de mais nada, falar sobre os nossos encontros. A primeira hora trata-se de uma palestra dirigida em sua maior parte para candidatos ao procedimento. Após esta uma hora temos o compartilhamento de experiências. Todos são convidados a participar dos dois processos. O modelo que seguimos aqui é de uma desconferência. A desconferência não tem agenda definida, embora a dividamos em duas fases com objetivos distintos. Ela possui quatro regras — ele disse mostrando três dedos levantados. Jonas automaticamente riu, atraindo vários olhares para ele, o **que o deixou** totalmente sem **graça e o fez afundar** na cadeira. — E uma lei. As quatro regras são: um, seja quem for que veio, é a pessoa certa. Dois, o que quer que aconteça, é apenas aquilo que deveria ter acontecido. Três, quando quer que comece é a hora certa e por último, é como fritar bacon, quando você acha que acabou, então acabou. E sem esquecer a lei dos dois pés, que diz que se a qualquer momento você se encontrar em uma situação em que não esteja aprendendo ou contribuindo, use seus dois pés e dirija-se a um lugar mais do seu gosto. A porta está sempre aberta. O banheiro é a primeira porta à esquerda. E sim, ele pode ser usado. Apenas lembrem-se de dar descarga. Eu me chamo Edgar, se for do interesse de alguém — falou após se lembrar de não ter dito o nome, com um sorriso simpático no rosto, guardando o papel que segurava.

— Morte não existe, — ele disse com um sorriso nos lábios. — e é por isso que estamos aqui esta noite. Tudo o que vive, vive para sempre. Somente o invólucro, o que é perecível, desaparece. O espírito não tem fim, é eterno, não tem fim. A Novo Caminho é uma clínica especializada em induzir experiências de quase-morte em seus pacientes. Temos registros de experiências de quase-morte desde a antiguidade. Com o desenvolvimento da ciência moderna, novas drogas e equipamentos nos permitem reverter quadros que antes seriam mortais; logo, aumentamos a incidência de pessoas que morreram por alguns minutos e voltaram à vida. Nenhuma das experiências é totalmente igual. Cada pessoa passa por algo diferente, ainda que tenha traços ou temas em comum. Mas há algo, talvez o que nós buscamos oferecendo nossos serviços, que une todas EQMs: as pessoas que passam por elas mudam radicalmente a forma como agem em suas vidas. Mais e mais EQMs passaram a acontecer. O que podemos dizer sobre elas? Ao trazer uma pessoa da morte, alguns médicos salvavam a vida dessas pessoas não apenas uma, mas duas vezes. Física e espiritualmente.

— O *Método Ars Moriendi* — continuou Edgar — permite que cada pessoa que voluntariamente queira participar fique em um estado tal que possa ser declarada clinicamente morta, para então ser ressuscitada. Essas quatro pessoas aqui — ele disse apontando para aqueles sentados em cadeiras em cima do palco — irão esta noite compartilhar um pouco de suas

impressões ao saltarem. Aliás, nós nos referimos ao procedimento de “salto” em homenagem a Thomas Hobbes. Agora quem irá falar é Arthur, o homem que detém o recorde de nove saltos.

As pessoas começaram a murmurar algo para outra. O espanto foi geral. Afinal, muitos estão hesitantes em realizar um salto e o sujeito à frente deles já fez isto nove vezes. Talvez não fosse tão perigoso assim. Ou talvez fosse *exatamente* isso que o pessoal da Novo Caminho queria que eles pensassem.

— Boa noite — disse Arthur para a plateia. — Muitas pessoas se perguntam e com certeza irão perguntar, a cada um que saltar, como é o outro lado. Eu sempre digo: eu vi o outro lado, e ele é lindo. Muitas vezes, eles ficam curiosos para saber se aquilo que você viu confirma ou não suas crenças. É natural. Se confirma, talvez eles olhem para você e sintam-se bem. Se você disser algo que contrarie, o olharão de cabo a rabo e perguntarão quem você pensa que é. Que é um louco, mentiroso. É assim que as pessoas são. Mas, se vocês também estão se fazendo essa mesma pergunta, a resposta pode ser um tanto quanto estranha. Ao que parece, as pessoas podem escolher a forma com preferem ser salvas. As crenças pessoais de uma pessoa sempre colorem suas experiências. Em outras palavras, só vai para o Inferno aqueles que realmente acreditam nele — concluiu, um pouco hesitante.

Ele arrancou risadas da plateia. Jonas olhava com inveja e admiração para eles. Eles tinham visto o que ele ansiava em

ver, mas tinha medo de fazer.

— Boa noite — disse outro dos homens se dirigindo ao púlpito. — Meu nome é Frederico e faço parte de nosso pequeno grupo informal de estudos de EQMs. Nós não temos um nome propriamente dito, mas gosto de nos chamar de Renascidos. Nem todas as pessoas que se submetem ao *Método Ars Moriendi* conseguem ter uma **experiência**. **Para essas**, é como se acabassem de acordar da maior ressaca de suas vidas. Há, ainda que muito baixa, uma taxa de mortalidade. Mais seguro, no entanto, que viajar de automóvel. E, por fim, nem todas as EQMs são agradáveis como a grande maioria. Algumas pessoas passam por experiências terríveis e assustadoras. A ocorrência das mesmas está entre quatro e seis por cento. É muito importante que tenham todas as informações na hora de pesar e avaliar se devem ou não realizar o salto. Cada EQM ocorre em **cinco etapas**.

— A primeira delas é a paz. No início da experiência, a dor desaparece. Noções de espaço e tempo cessam. Sessenta por cento das pessoas passam por essa — ele disse mostrando seis dedos. Jonas se revirava na cadeira de plástico, se perguntava se essas palestras eram realmente necessárias. Será que todos usavam, **mesmo**, essas informações na hora de decidir? **Ous** simplesmente decidiriam pelo que estivessem mais inclinados a fazer?

— O segundo passo é a viagem — ele **continuou**. — Você se separa de seu corpo físico e passa por uma experiência fora-

do-corpo. Alguns flutuam sob seu corpo e podem até mesmo dar detalhes do que se passa com **ele**, o qual veem de cima. Essa embora não ocorra com a maioria, é realmente muito útil para a ciência. Pois, em cada sala, colocamos geradores de números aleatórios ou objetos fora de contexto, sem conhecimento dos pacientes, claro, para que casos relatados possam oferecer dados empíricos sobre a validade de uma EQM como um tipo mais elevado de experiência, e não apenas uma alucinação ou uma resposta do cérebro à falta de oxigênio. Nesta categoria de viagens, incluem-se muitos tipos, até mesmo viagens espaciais como Carl Gustav Jung relatou. A terceira fase é o túnel. É uma etapa transitória de escuridão. Algumas vezes é avisada uma luz no fim do túnel, e **os pacientes** vão nessa direção. Entrou para o imaginário popular como o paradigma de uma EQMs. A própria luz ou o que está no fim do túnel é o nosso quarto item.

— Algumas pessoas — ele disse se virando para alguém dos que se sentavam nas cadeiras — dizem que se trata da luz mais clara do Universo e no entanto não ofusca a visão. O quinto passo é a fronteira. O que existe além disso parece ser colorido com a crença de cada um, mas sabem que é este ponto em que a morte é irreversível. Acontece também em EQMs além desses cinco fases clássicas, a retrospectiva, o famoso “vi a vida passar diante dos meus olhos”. A escolta de parentes mortos ou companhia de algum ente querido. Um ser iluminado que o guia ou o acolhe. A identidade deste também é extremamente

dependente da fé. E um dos mais cobiçados eu acho que é o conhecimento global, quando ocorre o que os místicos chamam de morte do ego.

Morte do ego. Isso intrigou Jonas. “O que isso afinal queria dizer?” De qualquer forma, logo outro deles começou a falar atropelando as reflexões dele.

— Enquanto os anteriores falaram da experiência em si, afim de informá-los sobre aspectos gerais do que se é esperado da Novo Caminho, chegou a vez de falar da própria. Sou um dos médicos responsáveis, Dr. Patrick Kafka. Foi aqui, em nossa cidade, que a Novo Caminho iniciou seu trabalho há alguns anos, graças ao método desenvolvido pelo meu cunhado, Dr. Roberto Mouir. Hoje em dia, já contamos com uma série de franquias em nosso país, e já estão sendo inauguradas unidades na Inglaterra, Estados Unidos, Japão, França e Alemanha. O objetivo principal não é apenas permitir que uma pessoa tenha uma experiência de quase-morte. Estamos oferecendo uma chance real de mudar sua vida, imbuí-la de valor e propósito. Efeitos observados na maioria das pessoas que passaram por essas experiências. Nosso ramo é o de mudar a vida das pessoas. E estamos falando de mudanças reais e profundas. Quem não sabe que vai morrer? Mesmo assim, dificilmente alguém, por mais inteligente que seja, consegue aplicar de forma real e objetiva uma filosofia como a pregada pelo *memento mori* ou *carpe diem*. Nós nos apegamos a vida. Achamos que vamos tê-la indefinidamente. Somente quando você perde tudo

é que está pronto para a mudança. É isso que o *Método Ars Moriendi* propõe. E funciona. É um procedimento não cirúrgico, mas que causa por alguns segundos morte clínica no paciente que, devido a uma série de fatores, nem sempre pode ser revertida. Ele é voluntário e cada um de vocês deve assinar um contrato em que exime judicialmente a Novo Caminho de qualquer responsabilidade. Sua família será notificada e receberá um montante pelo seguro. Mas, em nenhum cenário, eles poderão culpar qualquer indivíduo desta empresa como responsável pela sua morte. Existem três pacotes. O primeiro deles e mais barato é o Plano Bronze. Você passará pelo *Ars Moriendi*, receberá acompanhamento por algumas horas após o procedimento nas instalações da Novo Caminho e será liberado. O Plano Prata é o intermediário. Além do descrito no anterior, você também receberá acompanhamento psicológico por Edgar — ela disse apontando para o sujeito de olho roxo. — O Plano Ouro acrescenta ao Plano Prata uma série de outros benefícios que alguns podem querer optar. Valores, assim como uma descrição mais detalhada de cada um dos planos, pode ser encontrada nos folhetos que distribuiremos.

Jonas pegou um dos folhetos e seus olhos procuraram imediatamente a parte onde se mostrava os preços. Um pouco altos, mas nada realmente tão caro que ele não pudesse pagar com um ou dois meses de trabalho. Pelo menos até o Plano Prata, que seria o que escolheria.

— Perguntas? — ele disse para a plateia.

— Qualquer um dos pacotes tem o direito de escolher qualquer horário para realizar o salto? — um homem perguntou ao mesmo tempo em que lia a informação no folheto.

— Sim. A Novo Caminho deixa a pessoa escolher o horário que ela se sinta mais confortável. Há desde pessoas que querem determinados horários por causa de algum significado especial ou outras que somente podem realizá-lo em determinadas horas.

“Pelo menos podemos escolher a hora de nossa morte”, Jonas pensou, sorrindo com o canto da boca.

— Vocês também têm direito a uma canção — Dr. Patrick falou, sorrindo.

Um homem levantou a mão.

— Olha, eu estou pensando em colocar a vida nas mãos de vocês. Acho que o mínimo que podem fazer é dizer o que diabos esse *Método Ars Moriendi* faz.

O Dr. Patrick ficou um pouco transtornado com a pergunta, mas logo surgiu um sorriso.

— Ele possui cinco fases distintas — ele começou. — A primeira, é a administração de *tiopentato de sódio* que é um sedativo. Administramos de duas a cinco gramas.

— Tiopental? — interrompeu o homem.

— Exato.

— Usam isso como soro da verdade, não é mesmo?

— Sim. Sim — respondeu o doutor claramente perturbado por ter sido interrompido — Com tal dose, o paciente é no-

cauteado em dez segundos. A segunda fase é a administração de *bromuro pancurônio*, cem miligramas. É um poderoso relaxante muscular que entre quinze e trinta segundos terá paralisado o diafragma e o pulmão. Por fim, *cloreto de potássio* faz o coração parar de bater. A quarta fase é a de ressuscitação com o desfibrilador.

— Mas há algo errado com isso, não?— o homem perguntou. — Eu sou fã de um seriado médico, *Grey's anatomy*, eu não sou médico nem nada. Quando o paciente fica em linha plana, a simples desfibrilação não vai ter efeito algum. Somente podemos trazer um paciente de assístole, o termo técnico para isso, quando se faz massagem cardíaca no próprio coração, com o peito do paciente aberto. Se fosse tão fácil assim ressuscitar alguém, morrer seria fácil como se dar um passeio. Muitos filmes e seriados abusam do desfibrilador como se ele fosse um ressuscitador. Não é bem assim.

— Até há pouco tempo era essa a verdade. Muitos poucos sobreviviam à assístole. Não havia mais atividade elétrica, pois ele se despolarizava. Mas o cenário mudou, atualmente. A soma de um novo e mais eficiente desfibrilador e uma nova droga experimental, que eles guardam a composição à sete chaves. Essa é a quinta fase do processo. Administrar direto no coração essa droga. Chama-se *Lazarus*. Foi sintetizado a partir de uma planta descoberta na Amazônia chamada *Chamalla*. O laboratório faz muito mistério acerca da fórmula química do mesmo, sabemos apenas que é a partir da *Chamalla* e a

adição do “elemento x”, cuja composição é claramente um segredo industrial. Possui um efeito virtualmente imediato. Vai revolucionar a medicina e permite a existência do *Método Ars Moriendi*. Ainda terá sua dose de risco. Morrer é como dar um passeio de asa delta. Perguntas?

Ao sair da reunião e se dirigir para fora, Falls estava em pé segurando um livro enorme.

— Olá — Falls lhe disse sem ânimo e encostada na parede, morrendo de tédio.

— Fazendo hora extra? — Jonas disse, depois de cumprimentá-la com um aceno.

— Na verdade esperando minha carona, que talvez vá atrasar muito.

— Você parece cansada — Jonas notou.

— Amanhã eu tenho prova e queria dormir cedo — ela disse bocejando.

— Legal. O que você faz? — Jonas perguntou.

— Psicologia. Eu não acho que seja o sonho de muitas garotas serem recepcionista. Bem, paga as contas — ela disse como querendo se desculpar pelo que fazia.

— Interessante. Quer que eu te dê uma carona? Eu estou de carro e posso te levar — disse Jonas nem mesmo acreditando que acabara de dizer aquilo.

— Sério? — perguntou Falls passando a mão no cabelo.

— Claro — ele disse, já arrependido de ter feito o convite.

— Você segura? — perguntou Falls sem esperar a resposta e já passando livro enorme para Jonas segurar.

Ela pegou um post-it, escreveu alguma coisa e pregou na parede ao lado do balcão.

— Vamos? — ela disse. — Espero que você não tente nada. Eu estou com meu spray de pimenta bem aqui.

Eles riram.

— Quem era aquele sujeito?

— Tomás de Torquemada.

— Que nome diferente — falou Jonas.

— Assim como Falls — ela disse. — É francês.

— Seus pais são franceses?

— Não — ela disse meio irritada. — Mas *todo mundo* me pergunta isso. É só um nome que *eles* acharam bonito. Falls das Neves. Desculpe, pelo tom de voz. É que todo mundo me faz essa pergunta.

— Tudo bem. Na verdade eu que tenho que me desculpar. Eu não queria ser como todo mundo.

— Tudo bem — ela disse.

— Das Neves? — perguntou Jonas olhando para ela, que sorria. “Covinhas”, ele pensou.

— É — disse ela. — Exatamente como o Abominável Homem das Neves, se é isso que está pensando.

— Abominável Falls das Neves — Jonas falou fazendo uma voz cômica.

— Você me acha abominável — ela afirmou em um tom neutro.

— Não... Claro que não... Pelo contrário — ele disse sem jeito, logo parando de andar. — Esse é o meu carro — ele disse parando ao lado de um dos vários carros estacionados e apertando um botão em sua chave, desligando o alarme. Abriu a porta para ela.

— Então você é um cavalheiro, Jonas — Falls disse, com satisfação.

Ele entrou no carro, e se sentou. Tremia um pouco. Não queria ficar olhando toda hora para ela com medo tanto de parecer uma espécie de maníaco sexual ou perder o controle do carro. Mas, **mesmo assim**, olhou. E foi pego. Ela abriu um sorriso que o deixou confuso e assustado.

— O cinto — ele disse apontando para o mesmo.

— Então Jonas... — ela disse colocando o cinto — sua namorada não vai ficar brava de você me dar uma carona?

— Eu não tenho uma namorada — ele disse, manobrando para sair com o carro da vaga em que estacionara.

— Sua esposa? — ela perguntou, sem jeito.

— Também não sou casado — ele disse, achando graça na situação.

— Seu... Namorado? — ela perguntou sem jeito, e fazendo uma careta.

— Não. Eu não sou gay também — ele disse se sentindo contra a parede. Não havia como fugir.

— Solteiro — ela disse em um tom que parecia tanto ser uma afirmação quanto uma pergunta, era impossível discernir.

— E você...? — Jonas perguntou, meio sem jeito.

— Eu? — Falls disse. — Não. Não tenho namorado, **nem** sou casada.

Ela disse isso e ficou olhando pela janela. Então, como se tivesse lembrado de algo importante adicionou:

— E nem mesmo sou lésbica — ela disse.

— Eu já tinha começado a ficar preocupado — Jonas rindo.

Ela lhe disse qual casa era. Ele parou o carro e pôs em ponto morto. **Jonas** ficou sem saber o que fazer, então, tirando o cinto, disse:

— Espere aí. Saiu do carro, deu a volta e foi abrir a porta para ela.

— Assim você vai me deixar mal acostumada — ela disse.

— Que nada — Jonas disse, tendo certeza de que ela mal se lembraria dele pela manhã.

Eles começaram a andar em direção a casa dela. Em ambos os rostos era nítido que eles não tinham ideia nenhuma do que fazer ou dizer em seguida. Ela parou em frente à porta e começou a procurar por suas chaves dentro da bolsa.

— Eu sempre encontro tudo, menos o que eu procuro — ela disse, olhando para ele e vasculhando o conteúdo da bolsa com uma mão.

— Achei! — ela disse, enquanto sua mão emergia com um molho de chaves.

“É, agora que eu chamo ela para sair qualquer dia desses ou o telefone dela”, pensou Jonas, que motivando-se, disse:

— Então... Você está entregue — Jonas disse sem jeito. — Boa noite.

— Boa noite — ela respondeu meio sem jeito, olhando para ele e não sabendo o que fazer. Ela então só acenou, entrou e fechou a porta.

Jonas ficou ainda um tempo lá fora se amaldiçoando por ser um completo idiota que não sabe agir ou tomar a iniciativa. “Se eu pedisse o telefone dela, provavelmente nunca teria coragem de ligar mesmo”, disse ele, de alguma forma se consolando.

“Então é isso”, Jonas pensava, enquanto voltava para casa, “eu irei saltar”. Ele resolveu ligar assim que ele **encontrasse** coragem para tanto. Era melhor ligar o “foda-se”, ignorar os riscos e se jogar sem buscas irritantes por fato & razão. Ele preferia arriscar tudo a ter uma vida inteira com medo por causa dessa grande incerteza. Mas só de pensar que ele teria que ligar na manhã seguinte para a Novo Caminho e falar com Falls, já o fazia tremer por antecipação.

Você está iluminado?

Quando Jonas abriu os olhos pela manhã, Pixel estava lambendo seu rosto.

— Aposto que está sem comida, não é? — Jonas disse para ele. — Sorte sua que eu sou carente.

Jonas vestiu os chinelos enquanto tentava procurar em algum lugar de sua mente a coragem que tinha surgido em si na noite anterior. Agora já parecia que fora outra pessoa que tomara a decisão. Uma pessoa vagamente conhecida, com a qual ele dividia a memória e talvez o mesmo corpo. Foi até a cozinha e colocou a ração de Pixel em um prato.

— Se eu morresse, você sentiria minha falta? — Jonas perguntou, enquanto colocava o prato de Pixel no chão. O gato simplesmente correu na direção e, dando as costas para Jonas, começou a comer. — Isso responde a minha pergunta.

Ao chegar no trabalho, a primeira coisa que ele fez foi ligar para marcar o seu salto, antes que sua coragem desaparecesse. Suas mãos suavam. O pior de tudo era que ligar para lá seria duplamente embaraçoso.

— Novo Caminho, bom dia — Falls **atendeu** o telefone.

— Bom dia — ele respondeu, **fechando** um dos olhos.

— Hey — Falls disse. — Então você é dos que ligam no dia seguinte, hã?

— Na verdade... — Jonas sentiu um nó ao ter que dizer isso

— Eu estou ligando para marcar um “salto”.

— Oh — Falls disse do outro lado da linha. — Sim, claro. Eu só estava brincando, para quebrar o gelo, sabe?

Falls bateu sua cabeça contra o livro que estava aberto em sua frente.

— Idiota — Falls sussurrou para si mesma.

— O quê? — perguntou Jonas, sem estar certo do que **ouvira**.

— O horário. Que horário você quer? — ela perguntou.

— Quais estão disponíveis?

— Você pode escolher qualquer horário. *Mesmo* de madrugada — ela afirmou. Claro. Isso estava no folheto que ele segurava na mão naquele exato momento. Ele se sentiu um completo idiota.

— E quem fará o salto? O Dr. Patrick ou Dr. Roberto?

— Na verdade, quem mais faz os saltos são os estagiários. Mas depende.

— Tudo bem. . . — Jonas disse. Então a linha ficou muda de ambos os lados.

Passados alguns segundos, nada aconteceu.

— Estou com medo — Jonas soltou, rindo nervoso.

— Eu entendo — Falls disse. — Medo é bom. Significa que você tem algo a perder.

“Não estou tão certo disso”, Jonas pensou.

— Quer marcar mesmo? — ela perguntou.

— Pode ser hoje?

— Hoje? — Falls perguntou espantada. — Claro.

Jonas se sentiu desconfortável por ter que passar por todo aquele processo de dar os dados, número de cartão de crédito, telefone etc.

— Só falta a informação do contato de emergência — ela lhe disse, guiando.

Ele olhou para George que estava jogando algum game em seu computador.

— O nome é George Lethe. . .

O que George faria se lhe ligassem de noite dizendo que ele morreu? Mas ele tinha que se concentrar agora, não tinha tempo para voos de imaginação. Falls então lhe passou algumas instruções padrão que ela devia saber de cor e de trás para frente. Ele afastou o pensamento de sua atenção e ficou um pouco menos nervoso quando desligou o aparelho.

Ele olhava para George, indeciso se deveria contar para ele ou não o que estava prestes a fazer.

— Por que você está me olhando assim? Por que o banho de pestana? Hein? Tô cagado, por acaso?

— Nada, George. Só estava pensando.

Por fim ele resolveu não contar nada para ele. Iria poupá-lo disso. Quando chegou a hora de sair, Jonas arrumou suas coisas. Iria dali direto para a Novo Caminho. E estava preparado para o seu grande salto no escuro... Estava?

— Quer um pouco? — George perguntou a Jonas, **abrindo** um pacote de salgadinhos. Jonas até ficou com vontade de aceitar, mas teria que recusar.

— Eu não posso — Jonas disse, se lembrando de que não deveria comer nas horas anteriores ao procedimento.

— Por quê? Está de regime? — George disse, **rindo**, com a boca cheia de salgadinho.

Jonas acabou aceitando. Não faria mal nenhum, faria? Enquanto sentia o sabor de isopor dos salgadinhos, Jonas pensava. “Esta pode ser a minha última refeição. Salgadinhos. Nunca pensei que poderiam ser. Quais serão as minhas últimas palavras para George?”

— George — Jonas chamou a atenção de George, que estava abrindo a porta de seu carro. — Você é meu melhor amigo.

George soltou um de seus sons de desdém.

— **Tshh. Eu sou seu único amigo.**

— É verdade — Jonas disse. — Mas eu não precisaria de outro.

— Eu agradeço, Jonas. Mas eu não *sou* gay — George falou, em seu tom de piada.

— Eu só estava tentando dizer como eu me sinto — Jonas disse, tentando se desculpar.

— *Supergay*.

— Tchau, George — Jonas disse, sem jeito.

— Tchau, idiota — George falou entrando no carro e saindo do estacionamento. Jonas ficou um tempo em seu carro antes de sair. Fechou os olhos e respirou fundo.

Enquanto dirigia, sem pressa, *pensava* em sua mãe. O quão transtornada ela ficaria. Talvez fosse quem mais sentisse sua falta. Depois de tudo o que aconteceu com seu pai, Jonas sabia que isso seria um golpe muito forte. *Tinha* medo de que isso a quebrasse em um milhão de pedaços. Mas ele precisava fazer isso, precisava mesmo, nem que fosse para provar a si mesmo de que era capaz de fazer alguma coisa e não ser o sujeito passivo que sempre segue a correnteza. Ele odiava a forma como *se* curvava a qualquer dificuldade. Ele estava cansado de sua vida nada especial. *Queria* aqueles segundos de maravilha que diziam ser possível em uma EQM.

Estacionou seu carro, caminhou pelo caminho de tijolos amarelos e entrou na Novo Caminho respirando aceleradamente. Ele quase podia ouvir seu coração bater.

— Boa tarde — Falls lhe disse. — Pronto? — *perguntou*.

— Não sei — respondeu Jonas sinceramente, meio ofegante.

— Então... Você vai sair que horas do trabalho?

— Eu já estou saindo, agora. Tenho aula — Falls disse, olhando para ele.

— Ah, sim. Claro. Boa aula, então — Jonas lhe desejou, sorrindo.

— Obrigado. Boa morte — ela disse, sorrindo. Quando Jonas lhe deu as costas e começou a caminhar, Falls percebeu que ele poderia morrer. Na verdade, tecnicamente, ele iria realmente morrer. Talvez nem voltasse para contar a história e já havia ido longe demais para simplesmente desistir.

Jonas foi levado por um dos estagiários até uma sala onde havia um sujeito sem camisa, que estava tirando seus sapatos naquele momento. Ele estava claramente com sobrepeso. Usava óculos e parou de fazer o que estava fazendo com a porta se abriu.

— Você vai ter que vestir isso — disse o estagiário para Jonas, mostrando uma espécie de roupa com material bem fino, azul celeste, que podia ser abotoado na frente. Ele ficou tímido em ter que retirar a sua roupa na frente de um estranho que terminou a tirar os sapatos, depois as meias e por fim as calças.

— Que música você escolheu? — perguntou o sujeito arrumando seus óculos.

— “*Norwegian Wood*”, dos Beatles. E você?

— “*Oh! You Pretty Things*”, Bowie.

A porta se abriu.

— Está pronto, Tiago? Já podemos começar.

— Claro — Tiago disse, se dirigindo até a porta.

— Boa sorte... Hã, como é seu nome? — Tiago perguntou para Jonas estendendo sua mão.

— Jonas.

— Boa sorte, Jonas.

— Para você também.

Jonas se vestiu, guardou a sua roupa em um cabide e viu que além das roupas do Tiago havia roupas de uma terceira pessoa. A porta novamente se abriu.

— Vamos? — lhe perguntou, em tom de comando, o estagiário.

Jonas se levantou. “É agora”. Ele seguiu o estagiário. Chegaram ao fim de um corredor, em que, de cada lado, havia uma sala. As duas estavam com uma luz vermelha acesa.

— Merda, vamos ter que esperar um pouco — se desculpou o estagiário, ao perceber que as duas salas estavam ocupadas. — Esqueci desse cliente.

— Tudo bem — Jonas disse.

Em uma das salas se lia *Tlön*, e *Uqbar* na outra. Em todas as portas havia um Ankh. Jonas estremeceu.

— Logo, logo eles vão ter que construir uma terceira sala — observou o estagiário.

A porta de uma delas se abriu. Saiu uma moça mais ou menos da idade de Jonas. Estava passando a mão na boca, como quem se limpa de algo. Depois arrumou a saia. E saiu andando,

do alto de seu salto, rebolando para lá e para cá. O estagiário ficou observando todo o trajeto dela, até sumir em um corredor.

— Plano Ouro — ele observou para Jonas, com um sorriso maroto.

Logo vieram três pessoas para a sala de onde ela saiu. Um deles cumprimentou Jonas, que mesmo sem reconhecer retribuiu.

— Eu posso ir no banheiro? — Jonas perguntou, vendo que talvez teria que esperar por algum tempo.

— Claro — o sujeito disse. — Fica entre os dois corredores.

Jonas então foi até onde ele havia indicado. Havia os banheiros masculino e feminino. Não conseguiu urinar, embora sentisse vontade. Ele sempre culpava sua bexiga por ser tímida. Quando saiu do banheiro, ao mesmo tempo saiu do outro a garota toda vestida de negro, que estava com um semblante carregado e triste. Parecia ter lavado o rosto, pois parte de seu cabelo estava molhado. Ele sentiu um arrepio passar por todo o seu corpo. A garota andou em direção à sala de recepção.

“Ela é real?” Jonas se perguntou. Essa garota lhe dava arrepios. Tentou não pensar nisso. Afinal, ele estava prestes a morrer, e isso não é algo que se faz todo dia.

Voltou ao lado do estagiário e não teve que esperar muito. Logo a luz vermelha de *Tlön* se apagou. Em uma cadeira de

rodas estava Tiago. Ele parecia assustado, com os olhos abertos e uma expressão de preocupação. Nem se parecia mais com o sujeito que Jonas encontrara cinco, dez minutos antes.

— Não há nada — Tiago falou transtornado para todos ao redor, em um tom paranoico que deixou Jonas assustado, enquanto continuava falando e olhando para todos eles, movendo seus olhos de um lado para o outro — Depois daqui, não existe mais nada. Entendem? Não há pecado. Nem inferno pros desgraçados queimarem nele. Nenhum grande castigo pros assassinos e estupradores na próxima vida. Não há nada. Não há Plano Divino. Não há Conspiração. Ninguém está no comando. É só uma confusão acéfala operando sob uma ilusão de um plano-mestre. O Grande Irmão não está te observando. Não há nada. Apenas nós. Apenas nós. . .

Então Jonas entrou na sala. **Havia** duas pessoas já lá dentro, uma delas estava com uma seringa na mão. A outra estava sentado em uma cadeira digitando algumas coisas. Havia pelo menos três monitores. No centro, uma espécie de cadeira de dentista. **Jonas** se sentou nela. Os primeiros acordes de “*Norwegian Wood*” começaram a ecoar no ar. Colocaram diversos fios em seu peito, cabeça, mãos e braços. “Não há nada. Apenas nós”. **Não** tinha como Jonas deixar de pensar no que Tiago dissera. Mas logo os acordes de “*Norwegian Wood*” inundaram a sala, acalmando-o.

I once had a girl, or should I say she once had me?

Eles então checaram seus aparelhos.

— Está pronto? — perguntou o que segurava a seringa para Jonas.

— Estou.

— Está CERTO disso? — perguntou novamente, com ênfase. — Tem certeza?

— Tenho.

Ele não tinha.

She showed me her room, isn't it good? Norwegian Wood.

Jonas olhou para o lado e viu de relance os pequenas ampolas de medicamentos. Um delas estava rotulada “Ketanest S”, a outra, “Nivalin”. Sentiu a agulha entrar em seu braço e uma pequena queimação. E olhou para o teto. Sentiu rapidamente perder o controle dos membros de seu corpo como se eles estivessem se dissolvendo. Suas pálpebras ficaram pesadas, sentia que estava se afogando, mas não havia água, nem ao menos conseguia se mexer e tentar escapar. Ele queria gritar, mas tampouco conseguia abrir a boca. Se desesperou em agonia, um sentimento horrível de queda e não ter esperança alguma. Até que, então, ele... simplesmente apagou.

BABABADALGHARAGHTAKAMMINARRONNKONN-
KONNBRONNTONNERRONNTUONNTROVARRHOUNAW-
NSKAWNTOOHOOHOORDENENTHURNUK!

Quando abriu seus olhos, estava desencostado da cadeira, sentindo uma dor tremenda no peito, náusea e dor de cabeça. Sentindo o peito molhado, olhou para baixo e viu que estava

todo molhado de vômito. Foi quando ele sentiu o gosto ruim em sua boca e limpou com uma das mãos. Dois estagiários estavam olhando para ele. Um deles fez um sinal de positivo.

And when I awoke I was alone, this bird has flown.

Ele apagou novamente. Escuridão. Por quanto tempo ele ficou assim? Impossível responder. Quando deu por si, se perguntou que tipo de caminhão o havia atropelado. Ele não estava mais na cadeira de antes e sim em uma cama um pouco dura. Um quarto pequeno. Em um dos sofás estava sentada Falls, com um livro no colo. Ela estava olhando para Jonas, e sorriu ao vê-lo sentando-se na cama, com os olhos um pouco fechados. Jonas ficou surpreso por ela estar ali.

— Tudo bem? — ela perguntou se levantando. Ele apenas afirmou com a cabeça. Ela abriu uma garrafa de água mineral e colocou um pouco em um copo. — Beba isso.

Ele tomou a água. Seus lábios estavam secos. Ela sorriu.

— Você está iluminado? — o tom com que Falls disse, entre o irônico e o sério. Aliás, esse é o grande problema com a ironia.

— Iluminado? — Jonas perguntou ao mesmo tempo em que refletia o que aconteceu. — Não. Só um flash. Como uma luz que se acende e apaga um nanosegundo depois. Sabe quando você sonha e se lembra vagamente, mas nada substancial?

— Que pena — Falls disse olhando para ele.

Ele só sentia um lapso de tempo. Droga! Imagens desconexas e as ampolas “Ketanest S” e “Nivalin” vistas de relance,

apenas de relance. O que isso significava? Ele estava desapontado, desolado. Então era só isso? Nada de EQM para ele?

— Sei sim — ela disse, se sentando nas pernas de sua cama.

Jonas pegou seu celular, que estava do lado da cama, em uma cômoda. Ele olhou as horas. O relógio digital marcada 10:33. Jonas sorriu discretamente.

— Eu fiquei apagado tanto tempo assim? — ele questionou Falls, **qu**ese limitou a afirmar com um movimento de cabeça.

— Você não devia estar na faculdade?

— **Alguém deixou** um contato pessoal que não foi encontrado.

— George?

— Ele deve ter desligado o celular ou algo assim. Eu te devia uma, então... — Falls disse, **me**io sem jeito.

— Obrigado — Jonas disse. — Não precisava. Talvez sim. Mas, obrigado de qualquer forma.

— Você parece desapontado — Falls notou.

— Eu esperava que isso mudasse minha vida, sabe? Eu tinha muitas expectativas. Muitas mesmo. Eu queria ter um pouco de certeza. Sobre céu, inferno, essas coisas.

— Então é isso que você está buscando? — Falls perguntou.

Jonas ficou calado, **mas** fez um sinal de afirmação com a cabeça.

— Nós sempre estamos buscando algo — ela concluiu por eles.

— O que você está procurando? — Jonas perguntou se ajeitando na cama. **Sentia-se** fraco.

— Eu? — Falls perguntou com um de seus sorrisos. “Covinhas”, Jonas pensou. “Maldita, toda vez que ela sorri acaba comigo. Eu sou tão fraco. É apenas limerância. Obsessão cognitiva. É normal”. — Eu estou mais esperando, sabe? Eu não sou como você que sai em busca de algo que quer, sou mais do tipo que espera as coisas. Como se elas fossem simplesmente cair do céu. Só que não é assim que funciona. Mas mesmo assim estou esperando...

— Não somos tão diferentes — Jonas disse. — Fazer *isso*, essa coisa do salto foi a exceção e não a regra em minha vida. Mas... O que você está esperando?

— Eu estou esperando por um homem, Jonas — Falls falou.

— E como ele se parece? — Jonas perguntou.

— Eu não sei direito — ela disse olhando para ele, achando graça do comentário.

— E como você vai saber quando encontrá-lo? — Jonas perguntou.

— Eu não tenho a mínima ideia. Mas eu espero saber. Ele tem que ser um cara legal, entende?

— Eu sou um cara legal — Jonas disse, sem qualquer pretensão, olhando para a janela do quarto.

— É. Eu sei — ela disse. — Sabe de uma coisa? Você deveria me convidar para sair — ela disse dando um tapa de leve em seu ombro.

— E você aceitaria? — Jonas perguntou ansioso. E com medo. MUITO medo.

— Eu não posso aceitar algo *se nem mesmo* fui convidada — Falls disse se fazendo de desentendida, sorrindo.

— Mas se eu lhe convidasse você aceitaria? — insistiu Jonas.

— Hipoteticamente falando? — Falls questionou.

— Hipoteticamente falando.

— Definitivamente talvez. Dependeria do meu humor, sabe? ■
Se você não tentar, nunca vai saber. Eu sou assim.

Jonas ficou em silêncio. Olhando para ela passou em sua cabeça um pensamento que essa era a hora pela qual ele esperou muito tempo. E se ela dissesse não, *se* fosse só mais um desses joguinhos? Pergunte. Pergunte.

— Então, você quer sair comigo? — ele disse meio vacilante, sem ter certeza de suas palavras.

— Sorte sua que hoje eu estou de bom humor — Falls disse.

— Então é um sim? — Jonas perguntou totalmente tímido.

— É. Definitivamente um sim.

Eles ficaram se olhando por um tempo sem jeito. O que se diz numa hora dessas? Deveriam fazer uma espécie de manual. Mas não havia ou Jonas nunca o havia lido. Ele se sentia como um daqueles personagens de desenho animado que após o beijo viram um foguete e vão direto para o espaço ou se tornam fogos de artifício ou flutuam no ar, extasiados. Ele

nunca havia se sentido assim. Talvez ela fosse a peça que faltava no quebra-cabeça de sua vida. Ou era apenas a limerância fazendo muito bem o seu trabalho. Diabos! Ele estava feliz, aqui e agora, era isso que importava.

— Eu vou ir ver alguém para te dar alta, se você quiser ir embora, é claro.

— Eu adoraria, se pudesse — ele disse, **acompanhando-a** com os olhos até ela finalmente sair pela porta do quarto. Fechou os olhos e pensou “Este não foi um dia ruim. Não foi mesmo”. Pegou o celular e tirou uma foto de si mesmo. Ele detestava tirar fotos. Mas sentiu um impulso incontrolável para tirar um retrato de si mesmo. Sem motivo. Apenas achou que deveria. Quando Falls voltou, ele também tirou uma foto dela.

— Pronto? — Falls perguntou.

— Aham — Jonas disse se sentando com os pés para fora da cama.

— Tem certeza? Você pode ficar mais até se recuperar totalmente.

— Tenho sim.

Ele realmente tinha.

Dança macabra

Três dias se passaram desde o salto de Jonas. Ele havia contado a George sobre sua experiência e ouvido, novamente, **todo aquele** discurso sobre roleta russa. **Acabou** deixando de contar sobre Falls até o dia em que finalmente saíram, pois tinha certeza **que** George o atormentaria **a** cada um dos dias anteriores, o que somente aumentaria **sua** ansiedade e faria dar tudo errado.

Estava apenas tentando não errar. Contenção de riscos. Naquele terceiro dia, Jonas foi de bicicleta para o trabalho. George havia montado uma pequena tabela de coisas que eles teriam que fazer se quisessem compensar a sua fatia de poluição no planeta. Sustentabilidade pessoal. **Seu** carro ainda era bem poluente, um problema que ele tinha que lidar. Chegou todo suado.

— Estou suado como um porco — Jonas reclamou, ofegante, ao se sentar.

— Tshh — George desdenhou. — Porcos não suam, idiota. Esta é a razão pela qual eles chafurdam na lama.

— Tudo bem. Estou tão suado quanto uma prostituta em um bom dia de trabalho — Jonas retrucou.

— Ou noite — George acrescentou.

— Ou noite — Jonas disse.

— Eu vou precisar usar mais o carro, então, para balancear, estou vindo de bicicleta. Quer saber por quê? Porque eu convidei uma garota para sair e ela disse sim — Jonas falou, orgulhoso.

— Mentira! — George disse, rindo. — Ela é cega?

— Não é. Eu tenho até uma foto dela para provar.

— O que não fazemos por nosso planeta? — George falou, olhando para a foto no celular de Jonas e fazendo uma careta ao reconhecê-la, mudando de assunto. — O que nós precisamos é de uma nova praga. Há muitas pessoas por aí. Bilhões delas. A Terra até que é um lugarzinho agradável, pena que seja muito mal frequentado.

Jonas apenas arqueou as sobrancelhas com a opinião de George.

— Então, onde você vai levá-la? — George o questionou.

— Eu não faço ideia. Acho que vou deixar ela decidir isso — Jonas disse, sem jeito.

— Ela vai achar que você não é um homem de opinião. Então, logo, logo, *wa-pah!* — George disse, fazendo um estranho movimento com a mão.

— O quê? — Jonas perguntou, sem entender.

— *Wa-pah!* — repetiu George tanto o som como o movimento com a mão.

— O que isso significa? — Jonas perguntou, confuso, sem entender do que se tratava.

— Um chicote, Jonas. *Wa-pah!* — falou George refazendo o movimento.

— Isso não se parece com um chicote.

— Não importa. Só não caia nesse erro. Eu mesmo... Conheço um sujeito que caiu nisso.

— Quem? — Jonas achou estranho.

— Irrelevante.

— Se você conhece, provavelmente *eu* também conheço.

— Não. Esse você não conhece.

— Como ele se chama?

— O que isso importa se você nem mesmo o conhece?

— Eu perguntei por perguntar. Por que você não pode me dizer? É segredo?

— Segredo? Quem falou em segredo? Ninguém falou em segredo! — George parecia assustado.

— Calma George.

— É Jorge o nome dele. Com “J”, como São Jorge.

Jonas achou aquilo tudo muito estranho, mas resolveu se concentrar em seu trabalho. Ele estava tão em paz, se sentindo tão confiante e bem consigo mesmo, que resolveu nem dar bola para as implicações que George teve com ele durante o dia. Essa era a amizade deles. Eles sabiam que poderiam desafiá-lo, pregar peças e até mesmo ofender um ao outro, que no final não havia ressentimentos. Eles se divertiam para valer. Mas Jonas sentia falta de uma profundidade maior em sua relação. Eles não contavam o que sentiam. Gastavam seu tempo falando de garotas que nunca iam conseguir, davam notas de zero a dez a todas que cruzavam, mas nunca tinham conversas sobre si mesmos. Jonas sentia falta de disso, mas não sabia nem mesmo por onde começar. Na hora da saída, George deu mais alguns conselhos para Jonas:

— Eu sei o que deve estar pensando. Mas, não! Nada de flores ou bombons no primeiro encontro — George disse. — Você vai parecer um desesperado. E virgem.

— Eu estou desesperado — disse Jonas sorrindo.

— E virgem — George observou. — Por, isso tenha sempre consigo preservativos e lubrificante.

— O quê? — Jonas perguntou surpreso. — Lubrificante?

— No caso dela precisar — George falou em um tom sério.

— Nós só vamos sair... — Jonas começou a falar.

— Se ela quiser, você não vai querer? — George o interrompeu.

— Mas ela não vai querer, eu acho.
— Você coloca a mão no fogo por ela?
— Eu... Eu não sei — Jonas disse.
— Você é tão fraco, Jonas. A limerância está dominado você
— George disse, cheirando próximo a Jonas. — E passe um perfume.

Jonas cheirou a si mesmo. Ele voltou para sua casa de bicicleta, tomou banho, já que ele realmente precisava de um, e foi de carro até a casa de Falls. Ele chegou meia hora antes, então ficou pelo menos vinte minutos esperando dentro do carro antes de bater. Sim, ele passou perfume.

— *Hey* — ela disse o abraçando e dando dois beijinho no rosto. Jonas ficou meio sem jeito, já que nem mesmo a este ritual social tão tradicional ele estava acostumado. — Você podia ter batido antes.

— Você viu que eu cheguei?

— Vi, sim.

— Oh... — ele ficou sem jeito — Você está muito bonita — Jonas disse tentando não tropeçar nas palavras. Havia ensaiado isso nos vinte minutos que passou esperando.

— Obrigado — Falls disse abrindo um sorriso. — E então, onde nós vamos?

— O que você acha? O que for melhor para você.

— Então vamos dançar — ela disse empolgada.

Jonas engoliu em seco, “Dançar?”

— Dançar?

— Você gosta? — Falls perguntou.

— Eu não sei dançar nenhum pouco. Espere... — Jonas disse, abrindo a porta para ela, que entrou no carro e se sentou. **Fechou** a porta.

— Eu achava que você só tinha aberto a porta aquela vez para fazer uma média comigo — Falls disse.

— O cinto de segurança — Jonas falou mostrando o próprio.

— Eu tenho essas manias, sabe? Eu tenho que fazer... Então, onde fica esse lugar?

Falls teve que dar as instruções pelo menos três vezes e ainda avisar que ele já havia passado pela frente do lugar a pelo menos dois quarteirões. Ele ficou extremamente sem jeito, mas ela sempre parecia se divertir com esses erros. Um dos grandes medos de Jonas a respeito de relacionamentos não era apenas o medo da rejeição, o que dizer e outras coisas, e sim, o seu medo de errar. Isso o engessava. Ele evitava falar de seus gostos pessoais, como se divertia e tudo mais. Sua tática era fazer perguntas. Perguntas em cima de perguntas. Ele era um bom ouvinte, e afinal, qual o assunto predileto de uma pessoa? Ela mesma.

Para entrar no lugar havia uma pequena fila. **Enquanto** esperavam, Jonas resolveu perguntar sobre algo que o incomodava um pouco. **Desde** que aquela garota saíra do banheiro e **se** encontrara com ele, pensava naquilo com uma espécie de temor que gostaria de esclarecer:

— Vou te fazer uma pergunta **que** talvez soe muito estranha...

— O quê? — Falls perguntou, desperta pela curiosidade.

— Toda vez que eu vou na Novo Caminho eu vejo uma garotinha toda vestida de preto sentada lá na recepção. Ela... Existe? ■

— Bem... — Falls fez um rosto que misturava reflexão e preocupação. — Sério?

— Sério — Jonas disse preocupado.

— Não. Nunca vi. Eu até tive um arrepio agora — ela disse lhe mostrando seu braço, do qual vinha um doce perfume. — Por que sempre que fico sozinha ali, é como se houvesse alguém lá — ela disse gesticulando.

Jonas engoliu em seco. Estava pálido e sério. Falls não aguentou muito tempo e começou a rir.

— O quê? — ele perguntou.

— Você devia ver a sua cara — Falls disse em meio ao riso.

— É a Sarah. É a filha de Satã.

Jonas riu menos preocupado.

O lugar era bem menor que a Festa do Fim do Mundo, mas parecia estar tão lotado quanto. O que significava que a concentração de pessoas por metro quadrado era gigantesicamente maior. Quando eles entraram naquele mar de pessoas, Jonas pensou, “Agora eu vou saber como os átomos se sentiam antes do Big Bang”. Falls pegou em sua mão. “Bom”, não conseguiu evitar a tempo que um sorriso escapasse para seu rosto.

— Para não nos separarmos — Falls disse levantando a mão deles.

“Nunca?”, Jonas pensou. “Idiota”.

Ela o levou direto para o bar. Ela pediu alguma coisa, ele recusou.

— Por que não? — ela perguntou.

— Eu não bebo — Jonas disse.

A atendente voltou com um água mineral para ela.

— Nem água? Como você sobrevive? — Falls debochou.

Eles riram. Novamente Jonas se espremia entre costas, cabelos e robôs de 1984. O volume da música não estava tão alto quanto ele imaginava. Falls lhe disse que era porque ainda não havia começado “pra valer”. Ela começou uma dança na frente dele que ficou lá parado, somente observando.

— Então Jonas... Diga-me algo sobre você — ela disse, em seu ouvido. Jonas prestou mais atenção na pequena distância a que estiveram, quando seus lábios quase que se tocaram.

Auto-apresentação.

O que dizer sobre si mesmo? Como responder a uma pergunta dessas? “Quem sou eu?” Ela, em seu primeiro encontro, já atirava nele um dos mais perigosos e intrincados enigmas existenciais de todos os tempos. Jonas nunca sabia o que dizer nessas situações. Como responder a uma pergunta da qual você não têm certeza alguma da resposta e ironicamente você seria a única pessoa que poderia dá-la? Não é nem mesmo uma

pergunta de múltipla-escolha, o que deixaria um pouco da resposta ao acaso se você quisesse apostar em alguma delas.

Não poderia passar o resto da noite tentando chegar a uma resposta. **Tinha** que dá-la ali, naquele momento. Quando **abriu** a boca para dizer qualquer coisa, um sujeito perto deles começou a vomitar. Jonas puxou Falls para o lado e saíram dali de perto.

— Eu nunca vomitei — Jonas disse para Falls.

— Mentira — Falls disse incrédula.

— Sério. Por que eu mentiria sobre isso? — falou no mesmo instante em que descobria que sim, já havia vomitado. Veio à sua mente memórias de sabores de vômitos desde a infância, até a última vez que fora exatamente na Novo Caminho logo após ter sido ressuscitado. Era sempre a mesma coisa. Ele ficava nervoso, sua boca soltava alguma coisa, e seu cérebro logo pensava, “Ei! Isso aí não se parece nenhum pouco com a verdade!”, e então ele não podia fazer outra coisa a não ser continuar com a mentira.

— Uau — ela disse. — Nunca achei que encontraria alguém que nunca vomitou em toda a sua vida.

— Nunca bebi demais...

— Nem de menos — Falls completou.

— Nem de menos. Nunca comi nada estragado. Eu também não fiz um milhão de outras coisas — ele acrescentou pensativo, tentando sair do centro do assunto. — E você?

— Oh, eu já vomitei algumas vezes — Falls disse rindo.

A música começou a ficar bem mais alta nesse momento. O lugar começou a ser bombardeado por luzes **de todos os tipos** que piscavam **em vários** padrões e cores. Falls começou a dançar e motivá-lo a fazer o mesmo. Ele ficava sem jeito, olhava para ela e desejava poder se soltar como ela. Falls parecia feliz. Ele começou de forma tímida a acompanhar o ritmo da música. Primeiro imitando os movimentos que ela fazia. Como um sujeito de oitenta anos, engessado, mas tentando.

Jonas teve poucas paixões. Nada especial o suficiente para ser digno de nota. Mas **acreditava** no amor verdadeiro, uma fé cega, mas ainda assim uma fé. Chegou a sair uma ou duas vezes com algumas **garotas**, mas sempre acompanhado de amigos mútuos que tentavam de alguma forma ser cupidos de seus colegas solteiros. Basicamente, era juntar dois perdedores. Nunca funcionou. Ele se apaixonou algumas vezes. Até achava, na época, que era amor. Mas, agora, **já** não pensa assim. Sempre que ouve uma música triste ele pensa em cada uma delas. Talvez na próxima encarnação ele nasça bonito. Por isso sua visão da maioria dos relacionamentos era cínica e pessimista. Um valsa ao som da Balada de O. Quem poderia culpá-lo?

Garoto encontra garota: é onde começa. Há inúmeras variações, como se é de se esperar. Garota encontra garoto, garoto esbarra em garota e a ajuda a pegar o material, garoto encontra garoto, garota encontra garota, e por aí vai. Aqui inicia-se

a enfermidade e sua origem, embora possa ser reduzida também à biologia, é melhor compreendida através da imaginação. No momento em que duas pessoas se encontram e começam a conversar, tudo muito superficial, a imaginação de cada um deles começa a trabalhar a fim de preencher cada espaço em branco, cada lacuna. Em pouco tempo, um olhará para o outro como se conhecessem desde sempre. Almas gêmeas é um termo muito utilizado nesta fase. Em um “clique”, um se tornou, aos olhos do outro, o príncipe ou a princesa, a razão de viver, e aquela merda toda.

Nada mais natural e errado **do** que iniciar um relacionamento. O cérebro não está tomando as melhores decisões, pois ainda sofre os efeitos do sistema de recompensa que age nestes casos de paixão de maneira parecida com a cocaína. **Não** conhece em absoluto o outro, mas é como se conhecessem. Ou pelo menos querem achar que sim. Se nós temos dificuldade em dizer quem nós somos, o que poderemos dizer dos outros? Eles passam a se amar incondicionalmente, o que quer que isso signifique. Então **estão** seguros de que é certo dar o próximo passo e juntam as escovas de dentes. Se casam. É onde está o trágico erro dos amantes.

“**Por que é um erro?**”, você pode se pergunta, “**se estão ambos iludidos e retirando prazer, companhia e cumplicidade?**” Porque é agora que vão se conhecer, mas se conhecer de verdade. E quando isso acontece, a pessoa não interpreta desta forma: ela interpreta como se o outro estivesse agindo de forma

imprevisível, de forma errada; porém, é a forma do outro agir desde sempre. Muitos relacionamentos sobrevivem a esta fase e mais tarde se tornam casamentos falidos, que poderão engordar as estatísticas de traição ou divórcio, e do qual a felicidade se esquivará.

Mesmo os que sobrevivem acabam passando por esta que é a pior fase: o estranhamento. Um dia, “clique”, tudo sumiu. Assim como no primeiro dia, em um passe de mágica, o outro era o ser mais especial no mundo. Em outro, assim como veio, descobre que nunca conheceu em absoluto a outra pessoa, que é uma completa estranha. Esta fase é facilmente reconhecível no rosto de casados há um ou dois anos, e em homens e mulheres falando de ex-namorados, pessoas com que juravam eternidade e agora falam como se fossem estrangeiros.

Nesse processo do total conhecimento ao total desconhecimento, colhemos alegrias, mas nos ferimos muito e, mesmo feridos, entramos em outras e outras danças, como se de alguma forma quiséssemos nos machucar, como se esse fosse o motivo de se relacionar. Masoquistas sentimentais, bailando como O.

Mas será que era assim, exatamente como ele concebia? Ele tocava a mão de Falls e sentia todo o seu corpo vibrar em resposta. Como se ela tivesse acordado uma parte dele que era familiar, mas nunca havia se revelado totalmente. Então, vendo todas aquelas pessoas, no auge de suas vidas, na epítome de sua geração, Jonas pensou na Dança Macabra.

É uma alegoria do final do período medieval sobre a universalidade da morte: não importa o estatuto de uma pessoa em vida, a dança da morte une a todos. *La Danse Macabre* consiste na representação de uma Morte personificada, conduzindo um fileira de figuras de todos os estratos sociais, dançando em direção aos seus túmulos — tipicamente com um imperador, rei, papa, monge, adolescente e bela mulher, todos numa forma esquelética. Estas representações foram produzidas sob o impacto da Peste Negra, que lembrou as pessoas de quão frágeis eram suas vidas e quão vãs eram as glórias da vida terrena. Quem não sabe que vai morrer? Por isso temos que aproveitar cada minuto de nossas vidas. Jonas sentiu em si esse desejo de aproveitar. Falls dançava junto a ele. Ele se sentia ao mesmo tempo orgulhoso e confiante.

Esta é a sua vida. Cada hora a mais é na verdade, uma hora a menos.

— QUER SABER DE UMA COISA? — Falls falou bem pertinho de seu ouvido, tendo que gritar para ele ouvi-la. Os lábios dos dois ficaram a menos de dois centímetros um do outro.

— O QUÊ? — ele perguntou.

— NÃO HÁ JEITO CERTO OU JEITO ERRADO DE DANÇAR. FAÇA OS SEU PRÓPRIOS PASSOS. SE DIVIRTA! — ela disse.

DANCE DANCE DANCE.

Deve dançar. Enquanto a música estiver tocando, você deve continuar a dançar. Entende o que quero dizer? DANÇAR,

CONTINUAR DANÇANDO. Não deve penar no motivo e nem no sentido disso, pois eles praticamente não existem. Se ficar pensando nessas coisas, seu pé ficará imóvel. Uma vez parado, já não será capaz de agir. Por isso, não deve parar de mover os pés. Por mais que lhe pareça uma tolice, não deve ligar. Deve continuar dançando, dando os passos. Deve ir amolecendo, mesmo que aos poucos, tudo o que estava completamente rígido. Use tudo o que pode usar. Dê o máximo de si. Não há o que temer. Só lhe resta dançar. E dançar de modo exemplar. A ponto de todos ficarem admirados. Pois, assim, talvez eu consiga ajudá-lo. Por isso, dance enquanto a música estiver tocando. DANCE ENQUANTO A MÚSICA ESTIVER TOCANDO!!!

É agora. Falls o olhou nos olhos enquanto se balançava, desfazendo aquele penteado tão bonito. Então Jonas dançou. Com a desenvoltura de um pato, mas realmente se esforçando. “FAÇA OS SEU PRÓPRIOS PASSOS. SE DIVIRTA!” Não havia por que achar que todos seguiriam os passos da Balada de O. Não há qualquer razão para acreditar nisso. Ele poderia fazer seus próprios passos. Se divertir.

— É ISSO MESMO! — Falls disse, quando o viu imerso no espírito da coisa. Nem parecia ser ele mesmo. Então no meio da empolgação, Falls entrelaçou seus dedos na nuca de Jonas. Foi como se eles estivessem sós naquele lugar e tudo o mais fosse um cenário borrado, caótico e indiscernível. Um isso-daquilo, uma miscelânea caleidoscópica de Kaspar Hausers. O tempo

parou. A mágica aconteceu.

“O melhor beijo de toda a minha vida”, Jonas pensou.

Quando acordou, no dia seguinte, estava todo jogado na cama. “Droga! Foi um maldito sonho!”, pensou enquanto abria os olhos. “Ainda que o melhor sonho de todos”. Pixel, como todos os dias, veio até ele andando, pedir para encher seu prato. Jonas foi se levantar e simplesmente não conseguiu. Toda a musculatura de sua perna estava dolorida. Ele pegou o celular para ver que horas eram. Quase meio-dia do sábado. Uma mensagem de texto. “George?”, ele pensou. Não. Era de Falls, agradecendo pela noite que tiveram. Jonas deitou novamente. Não foi um sonho, foi melhor que isso. Ele estava feliz.

Sarah

Iria acontecer mais cedo ou mais tarde, disse Sarah não tinha dúvidas. Mas por que tinha que acontecer justo hoje e bem no meio de uma aula de matemática, com aquele professor tão austero e distante dos alunos? Primeiro ela sentiu umas pontadas em sua barriga. Achou que **era** algo que **havia comido**. Mas então ela sentiu. Menarca. A primeira menstruação de um mulher. Ou garota, já que ela só tinha treze anos.

Ela levantou a mão: **o** professor colocava em ritmo frenético equações no quadro-negro e ela não sabia se devia incomodá-lo.

— Professor? — ela disse com receio.

— Sim? — ele disse, **virando-se**.

Ele ficou **olhando** por um segundo ou dois, esperando que ela fizesse alguma pergunta.

— Pode dizer, Sarah — ele disse, mexendo na armação de seus óculos.

Ela ficou em silêncio.

— Por favor... — ela disse, sabendo que todos os vinte e três pares de olhos da sala estavam sobre ela.

O professor se aproximou dela, sem saber o que a menina queria. Ela se aproximou dele e sussurrou. Pronunciou cada palavra com cuidado e medo. Vergonha também.

— Oh — ele disse, olhando para ela sem ter ideia alguma do que fazer. — Problemas de garotas.

Ele chamou a inspetora de alunos. Ela guardou seu material. Foi ao banheiro da escola para saber quais haviam sido os estragos. Ela estava tão petrificada de vergonha que mal conseguia andar. Jogou água em seu rosto. E se olhou no espelho. Doía como se houvesse alguma espécie de gato se agarrando em sua barriga. Cólica.

“Droga. Droga”, ela pensava com uma mão na barriga e outra apoiada na pia. “Eu nem mesmo quero ter filhos”.

Quando ela saiu, a inspetora lhe perguntou se estava tudo bem.

— Acho que dá para esperar meu pai chegar.

— Acontece — a inspetora disse em tom confidente.

Então ela esperou em pé até que seu pai chegasse. Ele pegou sua bolsa e não disse nenhuma palavra até entrarem no carro. Estava meio atrapalhado, como se estivesse ensaiando várias vezes o que dizer falar nenhuma bobagem.

— As abelhinhas... — ele começou.
— Preciso de absorventes — Sarah disse.
— Oh, sim. Claro — ele disse, ligando o carro. — Queria que sua mãe estivesse aqui.

Sarah também.

Ela se lembra dos longos banhos de banheira que ela e sua mãe tinham. Sua mãe **lhe contava** de todos os livros que havia lido, de sua viagem **à** Europa e de como ela conhecera seu pai. Ela queria ter lembranças mais sólidas sobre esse tempo de sua vida, mas eram apenas reflexos de quase-memórias, estilhaços de bons momentos que ela não saberia diferenciar de um sonho.

Mas havia nela uma lembrança que era mais real que qualquer outra. Quando ela sentiu o carro sendo levado e **lascas** de vidros voarem ela soube, **teve** a certeza, de que **jamaiz** se esqueceria daquilo tudo. Na verdade, ela sabia que ia lembrar daquilo tudo um milhão de outras vezes. Uma memória que toca sem parar, em *replay* automático. Um *loop* sentimental.

Quando **chamou seu pai**, sentido **dor** em sua cabeça e não teve resposta, **sentiu** medo. Caía um pó branco que tomou conta do carro. Eram do *airbag*. Ela não conseguia se mexer.

Aquele dia não tinha nada de especial. Seu pai iria voltar de um congresso em outra cidade, mais um entre **tantos** outros. Sua mãe passara o dia pintando um quadro. Ela rindo **à** toa com todos aqueles personagens de desenho animado. Eram tão legais.

A viagem de seu pai iria demorar no máximo uma hora de avião. Então sua mãe resolveu que sairiam mais cedo para comprar algo no supermercado e fazer um jantar especial para ele.

— Posso me sentar no banco da frente? — Sarah perguntou.

— Só quando você tiver dez, querida.

— Por favor, por favor!

Sua mãe ficou olhando para seu pequeno bebê, que já estava se tornando uma garota crescida. O que será que se passaram por seus olhos castanhos? O que Larissa viu naquele momento?

— Só dessa vez — Larissa insistiu várias vezes.

Quando estavam saindo com o carro, sua mãe ligou pelo viva-voz para saber se ele já tinha saído de lá.

O telefone tocou uma, duas vezes.

— Acho que ele já embarcou — ela falou com Sarah, que estava entretida olhando para a paisagem. **Finalmente** havia conseguido sentar no banco da frente.

— O que foi? — uma voz em tom ríspido perguntou do outro lado. Larissa olhou para a filha que ao que lhe parecia não havia notado o tom de voz com que o pai atendera o telefone.

— Só queria saber se está tudo bem — falou Larissa, tentando entender que devia estar sendo um dia ruim para ele. Se ela e Roberto nunca haviam tido grandes discussões, isso se devia única e exclusivamente por causa de Larissa. Roberto,

por outro lado, parecia se esforçar com zelo particular em brigar. Larissa sempre procurava ser compreensiva. Não que ela não tivesse defeitos. Nem que ela simplesmente se dobrasse aos desejos dele, pelo contrário. Ela apenas sabia ser mais diplomática e menos explosiva. Ela era do tipo que fingiria estar tudo bem e no outro dia você encontraria um bilhete onde ela explicava seus motivos.

— Estaria se você não ficasse me ligando. Estou atrasado — Roberto falou rispidamente.

— Eu te amo querido — ela disse, ao mesmo tempo que ecoava no carro o som do telefone sendo desligado. Ela respirou fundo.

— Vai querer mesmo começar a fazer teatro? — ela perguntou para Sarah, tentando pensar em outra coisa.

— Não sei.

Compraram o vinho caro que ele gostava, aquele queijo fedido e outras coisas que Sarah nem deu-se ao trabalho de ver o que era. Saíram do supermercado em direção ao aeroporto. Ela se lembra de que estava bem no fim de tarde, quando o Sol já se escondeu, mas ainda não está completamente escuro.

— Quer saber um segredo? — Larissa perguntou.

Sarah virou o rosto, havia sido fisgada pela curiosidade. Sua mãe passou uma mão em sua cabeça, sorriu e foi dizer algo, quando um carro em alta velocidade se chocou com seu lado. Sarah sentiu o carro sendo levado e estilhaços de vidros

voarem. Ela soube, **teve** a certeza, de que **jamais** se esqueceria daquilo tudo. Na verdade, sabia que ia lembrar daquilo tudo um milhão de outras vezes. Uma memória que toca sem parar, em *replay* automático.

Quando **chamou seu pai**, sentido **dor** em sua cabeça e não teve resposta, **sentiu** medo. Caía um pó branco que tomou conta do carro. Eram do *airbag*. Ela não conseguia se mexer. **Foi** ficando com sono, ouviu alguém gritar lá fora. Suas pálpebras pesando e pesando. Dormir, dormir. Talvez sonhar. Ela ouviu o barulho da sirene e quis dizer para o Sr. Motorista da Ambulância que levasse a mãe dela primeiro. Mas ela só queria dormir.

Seu olhos se abriram e ela viu uma luz forte, algumas pessoas falando e seu corpo todo dolorido e imobilizado.

— Mamãe? — ela acha ter dito. **Não** tem certeza disso. Os atendentes se olharam.

— Quem morreu? — uma voz bem longe perguntou.

Sarah dormiu de novo. E ela sonhou. Sonhou, sim. Sonhou um sonho onde ela via a si mesma sendo levada de maca para um hospital bem grande e branco onde muitas pessoas choravam, algumas soltavam pulos de alegria, olhos que se abriam e olhos que se fechavam, havia centenas deles lá.

Ela não sentiu dor alguma. No seu sonho, viu sua mãe dormindo em uma maca e um homem com os olhos arregalados, tremendo de medo.

— Morta — disse alguém.

— Alguém morreu? — disse o homem de olhos arregalados.
— Quem morreu? Eu matei alguém... Eu matei alguém?

Ninguém lhe respondia. Ela viu um médico e umas pessoas chegarem perto e **começarem** a cortar sua roupa e mexer em seu braço. **Se** contorceu toda esperando sentir cócegas, mas isso não aconteceu.

— A vida é um hospital onde quase tudo falta — lhe disse uma voz amigável ao pé do ouvido. **Dessa vez** sentiu cócegas.
— Por isso ninguém se cura, e morrer é que é ter alta.

Tudo estava cheio de amor. Sarah não se sentia mais uma garota. Tão pouco um garoto. Não se sentia adulta nem criança. Ela se sentia completa.

Acompanhou levarem-na para um quarto onde todos olhavam assustados para ela, como se não soubessem o que fazer.

— Nós vamos salvar essa garota! — o homem de jaleco branco disse aos outros.

Que estranho! Um bando de adultos... E adultos sempre sabem o que fazer. Por isso **queria** tanto crescer.

— Prepararem o desfibrilador. Duzentos joules! Carregar!

Sentiu o aparelho tocar sua pele, uma espécie de cócegas por todo seu corpo.

— Vê, pequenina? — lhe disse a voz amigável. — Estão te chamando! Você deve voltar.

— Para trás! Trezentos joules! Carregar!

Ela sentiu de novo, mas **não** queria voltar. Teria de ser uma garotinha novamente.

— Eu não quero voltar — Sarah disse.

— Mas deve. Sua vida será longa. Viverá mais anos que os seus pais, que é como deve ser.

Ela estremeceu. Perder seus pais? Não. Não. Ela não queria.

— Trezentos e trinta joules! Carregar!

Ela teve medo. Mas sabia que ali, onde tudo estava cheio de amor, ela estaria bem.

— O senhor não vai declarar?

A voz amigável a abraçou gentilmente a acalmando.

— **Você terá que ser bem forte. Terá que ajudar seu pai. Terá que ser bem forte — a voz lhe disse. — Amar é ver alguém morrer.**

Abriu seus olhos. Sentiu dor por todo o corpo. Havia apenas se deixado levar. Não entendia o que havia acontecido. Mas acordou.

— Um milagre — disse alguém. Um homem a olhava com um misto de curiosidade e assombro.

— Mãe? — ela perguntou. Antes que houvesse alguma resposta, voltou a dormir, **nessa** vez sem sonho algum.

Era essa lembrança que sempre voltava à sua memória. Que ela já viveu um milhão de vezes mais. Que **se** lembrava quando ia ver seu pai dormindo de uniforme com um monte de livros abertos em sua frente e passava a mão em sua cabeça, torcendo para que ele acordasse melhor e com um sorriso no rosto. Onde foi parar o seu pai?

Todo mundo, família e amigos, vinham até ela e diziam que sentiam muito. “Eu sei o que você está passando”. Ela nada dizia, mas dentro dela havia uma Sarah que gostaria de falar: “Não, você não sabe! Não sabe nem um pouquinho que seja. Minha mãe morreu! Merda! É lógico que você não sabe o que eu estou sentindo!”.

Seu tio Patrick sempre tentava a animar. E conseguia. Ela sabia que nos olhos deles estava estampada a tristeza, mas ele se esforçava para inventar sempre uma nova forma de fazê-la rir.

Um dia Sarah acordou de noite e foi pegar um copo de água. Seu pai estava conversando com um sujeito chamado Edgar que nos últimos tempos estava indo demais à casa deles. Ela não fazia ideia do porque.

— Eu já pensei em me matar. Seria fácil. Apertar um gatilho ou comprimidos suficientes. Só uma coisa me manteve afastado desses pensamentos — disse seu pai ao homem.

— O que foi? — quis saber Edgar, fazendo a pergunta que Sarah automaticamente se fizera.

— Minha filha. Eu lidei muito mal com a morte de minha esposa. Depois eu fiquei meio obcecado em pesquisar sobre o além-morte. Eu realmente queria morrer. Mas eu tenho ela. É meu bem mais precioso na terra. Eu fiquei algum tempo em uma fase profundamente niilista. Não dava valor nem para ela. Mas eu acho que já estou me recuperando. Acho que você nunca se recupera de algo como a morte de um ente querido,

mas com o tempo... Com o tempo você percebe que VOCÊ está vivo. Então é melhor viver. E viver bem.

— Ainda bem que você teve sua filha como boia. Pois esse seu *Método Ars Moriendi* será revolucionário. Nem acredito que farei parte disso.

Sarah voltou a dormir. Se sentiu bem por ter ouvido aquilo de seu pai. Agora ela entendia o que aquela voz havia lhe dito. Havia aquilo sido apenas um sonho? Embora nunca mais tivesse sonhado ou ouvido aquela voz de novo, havia ficado com uma indescritível sensação de que ela estava consigo o tempo todo.

— Queria que sua mãe estivesse aqui — seu pai lhe disse. Dirigiu até uma farmácia e cinco minutos mais tarde voltou com a face ruborizada e uma sacola cheia de absorventes.

— Como eu não tinha ideia, trouxe com abas, sem abas, com odor, sem odor e até esse aqui que eu não recomendo você a usar — ele disse segurando um absorvente interno.

Ela riu da cara dele.

— O que foi? — ele perguntou.

— Você está vermelho.

— Parece que nessa farmácia só trabalham mulheres — ele disse, saindo com carro, divertindo-a com os detalhes sobre todos os olhares estranhos e ele sem jeito, fazendo questão de frisar, “É para minha filha. É para minha filha”.

— Você não quer ir para casa? — Roberto perguntou.

— Eu prefiro ficar com vocês lá — Sarah disse. — Eu gosto de ficar lá.

Sarah não queria deixar de acompanhá-los na Novo Mundo sempre que podia. Tinha dentro de si a sensação de que se um dia deixasse de fazê-lo, perderia alguma coisa. Alguma coisa importante.

Ele a levou para casa onde tomou banho, vestiu uma nova roupa. Preta. Seu armário atual era composto de roupas pretas com exceção de um vestido vermelho que praticamente nunca usou. Foi a única peça de roupa que seu pai comprou para ela depois da morte de sua mãe. Como ele viu a face de desapontamento com a roupa, ele decidiu que Sarah poderia escolher por si mesma “desde que não seja nada indecente, que mostrasse a barriga ou que sua avô não poderia ver sem ter um enfarte”. Piercing ou tatuagens, nem pensar, **embora** estes últimos não chamassem **nem um pouco a atenção de Sarah**.

Quando ela encontrou Falls na Novo Caminho e teve tempo de falar com ela a sós, **Falls** explicou por que o absorvente que ela escolhera não fora exatamente a melhor opção. Tudo dependia de vários fatores, como conforto, intensidade do fluxo e outras coisas.

- E não ache que acabou — Falls falou para ela.
- O quê? — perguntou Sarah irritada com a situação.
- Com certeza ainda vai descer mais.
- Deus deve odiar as mulheres. Imagine ter que dar a luz
- Sarah disse. — Os homens não tem nada disso.

— Mas quem controla eles? — Falls disse. — Quer saber de uma coisa? Nenhum homem cresce mentalmente além dos doze ou quatorze anos. As mulheres ao contrário são mais maduras desde a adolescência.

— Você aprendeu isso no curso de psicologia? — Sarah perguntou.

— Não — Falls respondeu, sem jeito, como se isso tirasse toda a credibilidade de sua afirmação, logo acrescentando: — Observação empírica.

Logo Sarah descobriria que Falls tinha razão. Logo lá estava ela no banheiro reclamando do gato arranhando sua barrega, tendo que trocar de absorvente, dessa vez para usar os certos.

Quando saiu do banheiro, deu de frente com o sujeito todo atrapalhado que Falls acertou o spray de pimenta ao tentar parar aquele louco que queria bater em seu pai. Ainda estava sentido dores. Ficou meio assustado com a forma com que ele a olhou. Parecia que estava vendo um fantasma.

Eles sempre davam carona para Falls, mas não desta vez. Seu tio disse que ela estava ocupada.

— Então, você é oficialmente uma mulher, sabe? — Patrick disse meio sem jeito.

— Biologicamente.

— É — ele confirmou. — Biologicamente. Você pode ter um filho... E... E...

— Tio...? — Sarah o interrompeu.

— O quê?

— Eu tenho educação sexual desde o ano passado.

Ele ficou sem graça.

— Sua mãe ficava bem alterada nesse período. Brava para valer. Sempre que ela me dizia “maré vermelha”, eu sabia o que isso significava — ele disse, fazendo uma pausa constrangedora. — Eu tinha que comprar chocolate para ela. “Alimentar a fera”, era como chamávamos. Então... Você quer chocolate?

Sarah gostou da ideia. Então foram os dois alimentar a fera.

Cruzada espiritual

Eles vieram de lugar nenhum. Cheios de som e fúria, carregavam cartazes e faixas. Não havia mais do que duas dúzias deles, mas sabiam definitivamente fazer um bom barulho. **Estavam** em frente ao número 505 da rua 23, e seus gritos de protesto se dirigiam à Novo Caminho.

Um homem vestido de paletó e gravata cumprimentava a todos os irmãos que chegavam.

— Paz do senhor, irmão. Fico contente que tenha se juntado a nós nessa cruzada de fé.

Era o Pastor FFF. **Estava** com um megafone na mão e olhava para o pequeno rebanho que conseguira juntar. Ele deu para cada criança uma ponta de uma faixa onde se lia “CRUZADA ESPIRITUAL DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE **DEUS**, PASTOR FFF”.

Havia mais algumas placas, escrito coisas como “MERCADORES DA MORTE”, “CAPELÕES DO DIABO”. Regina segurava uma escrito “DEUS ODEIA OS GAYS”. George achou muito estranho.

— Essa sua placa não está sendo usada fora de contexto?

— É de uma antiga manifestação — Regina disse.

— Mas não é o assunto dessa! — George observou.

— A palavra de Deus é eterna, George.

— Eu não entendo por que estamos aqui, afinal as pessoas não têm direito de fazer o que quiserem com as suas vidas?

— É nosso dever como cristãos alertá-los dos perigos de Satanás, George. Não podemos fingir que o mal não está sendo feito.

— Mas as pessoas estão pagando. É apenas capitalismo.

— Que ótima forma de ganhar dinheiro. Por que não vendem droga ou se prostituem também?

— E o livre-arbítrio? Se as pessoas querem brincar com suas vidinhas miseráveis, que deixem! — George disse para ela, impaciente.

Nesse momento, o pastor o abraçou. Ele não tinha ideia de que **estava** tão próximo.

— Deus não joga dados, irmão — disse o Pastor FFF. para ele, entregando-lhe um cartaz onde se lia “O TÚNEL DE LUZ É SATÃ”.

“Claro”, pensou George. “Ele prefere brincar de esconde-esconde”.

O pastor então achou que mais ninguém chegaria. Ele estava acostumado a públicos maiores, mas isto não o abalaria. A Novo Caminho ficava em uma rua não muito movimentada, era um dia de semana e ainda por cima era horário de almoço.

— Paz do Senhor, Irmãos! — ele disse ao megafone, fazendo um coro de pessoas responderem. — Estamos reunidos contra essa farsa criada por Satanás, o mestre das mentiras, para arrebatar almas do Senhor. E ele colocou suas garras sobre a mulher de um dos presentes aqui. Ele colocou dúvida em seu coração. Lhe fez promessas. Lhe prometeu o túnel de luz. Mas o túnel de luz, meus irmãos, é a própria manifestação do Príncipe das Trevas, para, em um momento de fraqueza total, dominar a sua alma. Mas não se enganem! Eu tenho certeza que a serva de nossa igreja percebeu que tinha sido enganada, e como ela aceitou Jesus em seu coração, como cada um dos presentes aqui, ela não foi enganada. Eu tenho certeza disso, irmãos! Então Deus a levou para junto de si. Eu peço Senhor, que coloque a mão no coração de um homem chamado Doutor Roberto Mouir, que o faça enxergar todo o mal que está causando. Que ele compreenda que o que ele faz é errado. Eu lhe peço, em nome de Nosso Senhor Cristo, que tire o encosto que domina esse lugar.

E ele não parava, como uma metralhadora verbal começou a falar e falar sobre o quanto o sangue de Jesus tinha poder, de como a Novo Caminho representava o “Caminho Errado”. Logo, os funcionários perceberam a movimentação lá

fora. Como não tinham nenhum paciente naquele momento, todos foram ver o que estava acontecendo.

— O que diabos está acontecendo lá fora? — perguntou Patrick, preocupado.

— Era só o que faltava — respondeu um dos estagiários.

— Quem são eles? — Falls perguntou, assustada.

— Da Igreja Universal do Reino de Deus. Encontramos nosso nêmesis — disse um dos estagiários, após ler uma faixa carregada por crianças.

— Como você sabe que eles são da Igreja Universal? — Patrick perguntou.

— Pelas faixas, o símbolo. E o sujeito de paletó tem um programa de madrugada naquela rede de televisão que eles controlam.

— Como você sabe uma coisa dessas? — Falls questionou ironicamente.

— Insônia. Falta de programas bons de madrugada — se desculpou como pôde.

— Por que eles estão aqui? — perguntou Roberto, querendo saber do que se tratava toda aquela balburdia.

— Pelo que eu entendi o pastor ali diz que EQMs são abominações, e que eles vieram aqui pelo sangue de Jesus para nos arrependermos de nossos pecados, ou algo assim. Ele diz que a luz que as pessoas vêem nas EQMs é Lúcifer em pessoa, ou em anjo, sei lá, já que ele é definido como um “anjo de luz”.

— Eles estão gravando tudo isso? — Patrick perguntou ao ver uma equipe de gravação.

— Claro. É o circo deles. Eu assisti um em que eles fizeram isso em uma clínica de aborto. Ficaram lá por um *bom* tempo — o estagiário insone disse em tom sério.

— Como acabou? — quis saber Roberto que acabara de chegar ali.

— Eu dormi.

— Você não disse que tinha insônia? — outro estagiário perguntou, em tom de brincadeira.

— Claro. Mas isso não significa que eu *não* durma. Esses programas onde um sujeito fica declamando versículos são uma espécie de sedativo para mim. Durmo como um anjo.

— Como um anjo de luz? — perguntou Falls, fazendo todos rirem.

— Só se for um anjo que caiu do céu. E de cara. Se é que me entendem — observou o outro estagiário.

Quando Jonas viu a pequena multidão em frente à Novo Caminho, não entendeu direito do que se tratava. Então viu as faixas, cartazes e... Regina e George protestando?

— George? — ele perguntou, surpreso.

— O que você está fazendo aqui? — George perguntou tão surpreso quanto Jonas.

— Eu vim ver a Falls — ele disse, olhando para o prédio — Olá, Regina — Jonas disse, sem jeito de cumprimentá-la. Eles

não eram muito próximos. Ele nunca deve ter trocado mais do que cinco frases com ela. Ele nem mesmo atendia o departamento dela. George, de uns tempos para cá, havia abolido o *joquempô* como método de disputa para ver quem atendia o telefone. Passaram **cada um a** ser responsável por departamentos específicos. O de Regina ficou com George. Espere... Foi quando tudo fez sentido para Jonas.

— Vocês estão... — ele não sabia como abordar o assunto.
— Namorando?

— Não — respondeu Regina de imediato.

— Sim — disse George, ao mesmo tempo.

Os dois se olharam ambos perplexos.

— Eu tenho que ir — Jonas disse apontando para a Novo Caminho. Ele só queria se afastar dos dois. Ele não acreditava que George havia feito segredo sobre isso com ele. Justo Regina? A dama de gelo?

Então Jonas notou que haveria outro problema mais urgente que ele teria **que** lidar. Caminhar aqueles metros que separavam a Novo Caminho e os maníacos religiosos **seria ter durante esses segundos todos aqueles olhos** sobre ele. George e Jonas tinham uma piada de que eram ninjas sociais. Com sua capacidade de não chamar atenção pela simpatia, aparência ou charme, eles dominavam a técnica de invisibilidade a tal ponto que uma vez estando em um lugar, ninguém notaria que eles ali estavam. Agora, ele nadaria contra a correnteza disso tudo.

Respirou fundo e caminhou. Seria melhor se ele não olhasse para a multidão. É o que dizem quando se escala uma montanha: “Não olhe para baixo”. Então, não olhe para a multidão. Mas ele olhou e um calafrio percorreu todo seu corpo. Não era do vento, não era do frio. Então os imaginou todos pelados. O que não ajudou muito. De uma multidão de maníacos religiosos se tornaram uma multidão de estupradores. Ele então caminhou mais rápido, quase correndo.

— Olá — disse, entrando na Novo Caminho. Falls estava com sua bolsa. Ela estava meio apreensiva, mas chegou perto dele e o abraçou. Trocaram um beijo leve e rápido, o que, para Jonas, já era o máximo. Todos ao redor, Patrick, Roberto e os estagiários, ficaram um pouco sem jeito com a situação.

— Você acha seguro sair? — Falls perguntou.

— O que eles podem fazer? — Jonas retrucou.

— Nos queimar em uma fogueira — disse um estagiário, mordendo em sanduíche.

— Ou rezar para que Deus mate a todos nós — disse outro.

— Eu tenho que buscar minha filha— Roberto falou com preocupação, olhando para o relógio.

— Eu não acho que seja uma boa ideia o senhor sair com todos aqueles malucos lá fora. Afinal eles estão gritando o seu nome — disse o estagiário que comia um sanduíche.

— Eu posso buscá-la — Jonas disse. — Se o senhor quiser.

— Eu vou junto — Falls disse.

— Você faria isso por mim? — Roberto disse olhando para Falls.

— Claro.

— O que nós devemos fazer é chamar a polícia — observou Patrick discando o número no telefone.

Jonas e Falls saíram. Novamente Jonas tentou não pensar que eles estavam olhando para ele. E não apenas olhando. Logo buscaram Sarah, que ao contrário do que Jonas imaginava era uma garota falante e até mesmo alegre. Mas continuava toda vestido de preto. Jonas ficou olhando Falls caminhar com ela e pareciam se dar muito bem.

— Eu vim com um amigo — ele ouviu Falls dizer.

— Amigo. Sei. — provocou Sarah.

Falls abriu a porta para Sarah, depois entrou.

— Esta é a Sarah — Falls os apresentou.

— Olá — os dois disseram juntos e sem graça, mecanicamente.

Jonas começou a se incomodar com o silêncio que se fez dentro do carro. Ia abrir a boca para dizer qualquer coisa, quando Falls o salvou:

— Eu contei para Sarah dos loucos na frente da clínica.

— Você vai encontrar um monte de loucos como psicóloga — Jonas observou.

— É — Falls concordou. — Mas outro tipo de loucos. Eles são subestimados. Ser louco é como ser eu ou você, só que amplificado.

— Não parece tão mal — Sarah disse.

— Tudo amplificado. A paranóia, manias, obsessões, sofrimento...

— Eu entendi — Sarah disse.

— Então, vamos comer? — Jonas perguntou para as duas.

— Claro — disse Falls. — Você quer almoçar com a gente?

— Eu? — Sarah perguntou para se certificar de que falava com ela.

— Aham.

— Tudo bem. Onde você prefere? — Falls perguntou.

— Eu? — Jonas perguntou.

— Aham.

— Vocês podem decidir — Jonas falou. — Eu só vou querer uma salada mesmo. Como pouca carne. Não como peixe, nem galinha.

— Você não come peixe, nem galinha? — Falls perguntou.

— Eu amo galinha.

— Peixes mijam no mar. E quando eu era menor, tive dois periquitos australianos.

— Por que você não come galinha, não entendi?

— Os periquitos.

— Não são galinhas.

— Mas são parentes. Eu não consigo comer os parentes de amigos meus.

— Você só come comida de coelho? Eu não conseguiria viver sem hambúrguer.

Eles almoçaram juntos. Jonas, mesmo aproveitando e dando boas risadas, não parava de olhar para o relógio, com medo de chegar atrasado. Quando ele virou a esquina da rua 23 notou com satisfação que o pequeno tumulto havia se dispersado. Ele acompanhou as garotas até dentro da Novo Caminho.

— Com ou sem religião as pessoas bem-intencionadas fazem o bem, e as pessoas mal-intencionadas fazem o mal. Mas que para pessoas de bem façam o mal, basta religião. É por isso que o Estado deve ser laico — dizia um dos estagiários como se tivesse em um monólogo próprio. Ele percebeu que todos olhavam para ele como se perguntassem, “Do que diabos esse cara está falando?”. Então ele fechou a boca.

Jonas se aproximou de Falls e disse em seus ouvidos:

— Me desculpe, mas eu tenho que ir. Você vai ficar bem?

— Claro — ela disse, lhe dando outro beijo rápido, leve, mas que justificava todo o dia de Jonas.

— Tchau.

— Tchau.

“Se Deus não existe, tudo é permitido”, disse Ivan Karamazov em um dos livros de Dostoiévski, um daqueles autores de que todo mundo ouve falar, mas ninguém praticamente leu de verdade. Os existenciais se apropriaram da frase para descrever um mundo onde, Deus não existindo, tudo seria permitido. Nosso mundo. Mas eles estavam fazendo um erro de

cálculo. Um mundo onde tudo é permitido só existe *se* existir um Deus.

Veja o Gênesis por exemplo, o livro da Bíblia, não a banda com mesmo nome. Deus pôs Abraão à prova, ordenando-lhe que matasse o seu filho primogênito. Se alguém hoje em dia fizesse o mesmo, será que acreditaríamos ser Deus o acusaríamos de ser apenas um velho louco que ouve vozes? Acontece que Abraão seguiu o que a voz lhe disse. Abraão se dispôs a obedecer e, quando já havia pegado a faca para sacrificar seu filho, foi impedido por um anjo, enviado por Deus.

Kierkegaard, um dos primeiros existencialistas e que pode ser definido como um Nietzsche cristão, por mais paradoxal que pareça, usou esse episódio bíblico e demonstrou que do ponto de vista puramente ético, não se justificaria a prontidão de Abraão. Só a fé justifica a atitude de Abraão. Uma fé que é considerada até mesmo superior à ética.

Somente a fé de Abraão, uma fé cega e inquestionável dos mandamentos divinos é capaz de tornar a ética dispensável. Nega-se a ética por Deus. Então Ivan estava errado. Se Deus existe tudo é permitido. Inclusive matar como ele faria se um anjo não houvesse sido enviado para evitar. E essa interrupção não importa, pois Abraão estava convicto e sem sombra de dúvidas cumpriria a determinação divina. Exatamente como grupos raivosos como aqueles que se juntaram na frente da Novo Caminho ou que treinam homens-bombas para matar dezenas de pessoas. Nosso problema é que nunca nenhum anjo

é enviado para evitar.

Quando passou seu crachá e deu entrada após o almoço, Jonas viu que deveria deixar suas reflexões de lado. Entrou na sala olhando para George que estava de alguma evitando o seu olhar.

— Está fazendo sol hoje — Jonas apelou para o assunto que se usa quando literalmente não há nada para se conversar.

— Eu estou namorando Regina em sigilo há algum tempo. Ela pediu que eu guardasse segredo para não fica falada. Ela é muito reservada.

— Mas você podia ter contado para mim — Jonas disse.

— Tshh... — George desdenhou.

— Eu só fico imaginando como vocês conseguem dar certo sendo tão diferentes.

— Como assim, diferentes?

— Ela é religiosa e você é um ateu.

— Não. Eu não sou ateu. Eu sou niilista, Jonas. Eu não acredito em nada. Ateus são pessoas que não possuem meios invioláveis de suporte.

— Mas mesmo assim, como dá certo, entre vocês?

— Ela não sabe — ele disse meio sem jeito, se ajeitando na cadeira.

— O quê? — Jonas perguntou surpreso. — Você não contou para ela?

— Era irrelevante. E eu não sei se ela continuaria comigo se eu contasse — ele falou, abaixando a cabeça.

— Eu acho que você deve contar.

— Há verdades triviais e há grandes verdades. O oposto de uma verdade trivial é claramente falso. O oposto de uma grande verdade é também verdadeiro.

— O que você quer dizer com isso?

— Se você acredita não é mentira.

— Uau — Jonas disse. — Você gosta dela — concluiu, convicto.

— Claro — George disse. — Eu tive que abaixar os meus padrões de beleza em alguns aspectos, mas... Eu gosto dela. Eu até a acho bem inteligente para uma religiosa.

— Você vai à igreja com ela? — Jonas lhe perguntou rindo por antecipação.

— Algumas vezes.

— E como é?

— Eu os trato como se fossem gente. Ouço o blábláblá e depois comemos algo. Fazemos coisas de namorados. Essas coisas.

— Só por curiosidade... Quando você me disse que era um mito garotas religiosas não faziam sexo, você estava falando isso por experiência própria?

— Irrelevante — ele disse, pegando o telefone que dava seu primeiro toque naquele momento. — Alô. Já tentou desligar e ligar novamente?

Jonas ficou feliz em ver que George estava se dando bem. Afinal, era o que eles sempre quiseram. Arrumar namoradas.

Ele pensava no quanto isso os iria afastar. Ultimamente George não ia em sua casa todos os dias, nem o chamava para jogar video-game ou assistir filmes. Agora ele entendia o por quê. No começo ficou bravo, enciumado por ele não ter lhe contado. Mas ele o entendia.

— Regina e Falls fazem psicologia juntas. Eu dou carona para ela na faculdade — George falou após desligar o telefone.

— Para Falls?

Ele afirmou com a cabeça.

— Eu não achava que ela gostasse de caras como você — George disse.

— Como assim?

— Você sabe. Esse olhar perdido, de idiota — George lhe disse naturalmente. — Sabe o que deveríamos fazer? Sair juntos, qualquer dia desses.

— Está bem no começo... Entre eu e a Falls sabe. Não estamos namorando, nem nada disso.

Embora Jonas quisesse e muito.

— A Regina me disse que ela está atrás do cara certo, sabe? Porque ela já ficou demais com os errados. Ela deve ser *bem* experiente — George disse, com um sorriso malévolos.

O pensamento amedrontou Jonas, **que** voltou a trabalhar, se questionando se ele realmente era o cara certo. Era?

FFF

Ele era definitivamente um homem de Deus. Mas nem sempre foi assim. Fernando Ferreira Fonseca, Pastor FFF, como é conhecido por todos hoje em dia, já foi um ateu materialista.

Houve um tempo em que ele era médico. Como uma forma de proteção para si mesmo ele se mantinha distante de seus pacientes. No começo foi muito difícil. Ele não suportava ver mães com câncer implorando por mais alguns meses de vida, só o suficiente para verem seus filhos formados, mas que acabam morrendo na mesma noite.

— De que adianta o eterno criar, se a criação em nada acabar? — ele sempre desafiava alguém que era crente.

Com o tempo ele foi cada vez mais se afastando deles. Ele não tinha culpa de como as coisas são, afinal, ele só jogava de acordo com as regras, não criava elas. Por exemplo, ele já teve

que recusar atender um paciente por que o mesmo não tinha plano de saúde, mas pôde perfeitamente no dia seguinte fazer a autópsia do sujeito, já que o governo estava lhe pagando para fazer aquilo.

— Cada aspecto da vida moderna, de seguros de vida, bombeiros, ambulâncias e a medicina moderna são a prova cabal de que não há Deus. Se um dia você se envolver em um acidente de carro e estiver com a perna presa entre as ferragens e tiver que ligar para o resgate ou pedir que Deus o ajude, **adivinha** quem te salvaria? Somos todos ateus filhos-da-puta. É o que somos. Uma das coisas que mais me dá raiva é ficar nove horas com o peito de um sujeito aberto, informar a família do desgraçado que ele sobreviveu e a cirurgia foi um sucesso. Quem eles agradecem? A Deus! Deus não teve nada a ver com isso. Nada! Se fossem abolidas todas as leis me mostre quem teria peito de sair nas ruas só dependendo de Deus, me mostre um filho da puta que faria isso!

Mas um dia todas as suas opiniões e crenças foram colocadas de cabeça para baixo. Ele estava na emergência de um hospital quando soube que chegariam três ambulâncias. De uma delas, saiu uma mulher com mais ou menos trinta anos.

— Morta — disse um médico que foi examiná-la.

— Alguém morreu? — perguntou desesperadamente um homem que estava sendo tirado de uma maca. Visivelmente alcoolizado, o homem chorava. — Quem morreu? Eu matei alguém... Eu matei alguém?

“O filho-da-puta sai vivo e uma mãe com a vida toda pela frente morreu. *Parabéns*, Universo. Você venceu”, pensou Fernando enquanto caminhava a passos rápidos em direção à terceira ambulância. Era uma garota bem jovem, de cabelos negros. Estava com sangue na franja, havia um corte bem feio. Ele se estremeceu todo. Durante o trajeto da maca para dentro do hospital, **lutou** contra um sentimento que ameaçava dominá-lo. Ele estava desesperado. **Queria** salvar aquela garota. Era por isso que **resolveu** ser médico. Salvar vidas. Mas em algum ponto isso havia se tornado mais uma atitude mecânica, um desafio em que cada vez menos importava quem e apenas o resultado. Salvar uma vida era vencer. Ele só estava interessado em ganhar. Mas dessa vez não. Ele sentiu algo mudar dentro dele.

— Nós vamos salvar essa garota — ele disse para sua equipe que, desacostumados a ouvirem algo parecido dele, se entreolharam. Na maior parte das vezes ele apenas gritava ordens com todo mundo. “Agulha 18”, “Bisturi”, entre outras coisas.

Mais tarde, Fernando definiria esse dia como aquele em que ele “voltou a ser humano”. Em algum ponto do atendimento, as batidas cardíacas da garota foram diminuindo cada vez mais.

— Nós estamos a perdendo — disse um membro de sua equipe.

— Prepararem o desfibrilador. Duzentos joules!

Prepararam o aparelho passando um gel nos aplicadores. Passaram-no para ele.

— Carregar!

O aparelho fez o som característico de quando está carregado e pronto para a descarga.

— Para trás! — ele disse para a equipe e descarregou. Nenhuma alteração nos monitores.

— Trezentos joules. Carregar!

Tentou mais uma vez, sem sucesso.

— Trezentos e trinta joules. Carregar!

Então nada aconteceu. Se fez silêncio no recinto. Uma enfermeira perguntou a ele, que começava a fazer massagem cardíaca com suas próprias mãos:

— O senhor não vai declarar?

Declarar a morte. Não. Não. Não! Ele não podia fazer isso. Uma lágrima escapou de seu olho, quando ele começou a aplicar golpes contra o peito da garota. Naquele momento, enquanto fazia aquilo, já não tinha controle sobre o que ele fazia. Não totalmente. Uma luz rosa inundou sua visão. Depois disso foi como se ele não mais tivesse controle sobre o que fazia. Era como assisti-lo.

Ele se lembrou de quem ele era e de onde estava. Em um piscar de olhos, tudo voltou à sua memória e não podia apenas lembrar, como ver. “Eu vi o mundo como se fosse a época dos tempos apostólicos cristãos, Roma Antiga”. Durou apenas alguns segundos e logo ele percebeu que agora estava tossindo

e os aparelhos registravam a vida pulsante no corpo da menina. Ele se sentiu profundamente tocado. Todos na sala com ele ficaram sem reação.

— Um milagre — disse alguém.

Ele ficou eufórico, nunca havia sentido nada sequer parecido com aquilo. Ele sentiu Deus. Certa vez perguntaram a Jung se este acredita em Deus, sua resposta foi: “Eu sei”. Ele entendeu o que Jung quisera dizer. Entendeu completamente.

Depois de estabilizar a garota, foi ao banheiro ficar um pouco só. Enquanto molhava o rosto pensava no que acabara de acontecer. Não era fácil ver tudo o que você acredita escorregar entre os seus dedos. Mesmo sabendo que está profundamente errado, você se agarra àquilo.

Pensou na morte da mãe da garota e que deveria reconfortar o pai dela neste momento tão difícil.

— Sr. Roberto? — ele perguntou a um homem que parecia muito perturbado em frente a uma sala do hospital. Pela descrição das enfermeiras deveria ser ele.

— Sim? — disse o homem com uma voz rouca.

— Eu sou o médico que atendeu a sua filha quando chegou aqui. Eu acho que o senhor gostaria de saber — FFF dizia com orgulho por ter tido aquele momento único e precioso de revelação — que o que aconteceu com sua filha... Foi um milagre. Foi uma obra de Deus.

— Deus? — perguntou o homem irado. — Deus não existe.

Onde está Deus? Hein? — ele apontou para a sala — Onde está Deus agora?

FFF sentiu compaixão por este homem. “Ele está cego”, ele pensou. “Tão cego quanto eu já fui. Por que Deus não se revela a todos e se mostra como fez a mim? Será que aquilo que eu passei foi apenas um indicio de esquizofrenia? Eu estou ficando louco e interpretei isso como uma coisa divina?”

— O mundo — disse Roberto com fúria — deve ser entendido como resultado do caos e sorte cega. E se provir de um propósito deliberado. . . Esse só poderia vir de um demônio.

“Terá sido apenas coincidência e não um milagre?” A garota havia sido salva, disto ele sabia. Mas e aquilo que ele acabara de sentir? “O que está acontecendo comigo?”. Ele foi para casa naquele dia extremamente perturbado e mal conseguir dormir, consumido pela dúvida. Na manhã seguinte chegou a marcar uma consulta com um psicólogo.

O psicólogo o ouviu algum tempo lhe prescreveu alguns remédios e pediu que ele voltasse uma semana depois para uma nova consulta. Isso não resolvia seu problema. A maioria daqueles remédios só ia sedá-lo, botá-lo para dormir. A solução básica da sociedade moderna: se você tem qualquer problema, fuja. Há sempre uma droga que oferece uma saída de emergência.

Fernando parou em frente a uma farmácia. Ele deveria comprar os comprimidos? Sim ou não? Ele ouviu uma mú-

sica. Era do lugar bem ao lado da farmácia. Igreja Universal do Reino de Deus. O McDonald das Igrejas.

“Por que não?”

Ele caminhou para dentro da igreja, onde já se encontrava em andamento um culto.

— Se você não paga dízimo — discursava o pastor no microfone. — Você está *roubando* de Deus!

Ele se sentou lá no fundo, sem querer ser notado. Sentia-se um peixe fora d'água. No começo achou as palavras do pastor muito duras. Sempre no imperativo.

No final do culto, enquanto todos iam embora, resolveu ficar e tentar conversar com aquele pastor. Não custava nada tentar. Seu psicólogo o tratava como se fosse um doente e FFF sabia, ou ao menos gostaria de pensar, que não estava.

— Aconteceu em uma mesa de cirurgia? — lhe perguntava o pastor deslumbrado.

— Exatamente.

— Você gostaria de dar seu testemunho no culto de hoje? — o pastor lhe perguntou em seu escritório, assim que ele contou tudo o que vinha acontecendo a ele.

— Testemunho?

— Isso. Nós pedimos sempre que algum irmão divida com os outros a glória de Deus em sua vida.

— Eu não sei. Não estou certo de que ainda esteja pronto para me associar a qualquer igreja. O senhor deve me descul-

par, mas eu não me sinto bem com a forma com que os fiéis são tratados.

— Como assim? — o pastor quis saber se inclinado.

— Como um rebanho — FFF falou.

— Entendo. É que você não está aqui para seguir. Mas para liderar — o pastor falou para ele. — Eu também me sentia assim. Nesse nosso mundo as pessoas estão desesperadas pelo conforto de seus anseios e em busca de uma direção. Quando elas encontram uma delas, elas se agarram a isso como se suas vidas dependessem disso. E depende. Só que alguns nasceram para lhes mostrar o caminho. O caminho de Deus. Vivemos tempos medíocres, Fernando. As pessoas já não conseguem mais acreditar que coisas maravilhosas possam estar acontecendo dentro delas mesmas e dos outros. Elas precisam de testemunhos como o do senhor, para acordar.

Então ele subiu para fazer seu testemunho. Suas mãos suaram muito, ele ficou nervoso, os lábios tremendo. Fazia tempo **que não se sentia** assim. No começo toda cirurgia que ele participava, sentia isso dentro de si. Medo de fazer alguma besteira e desagradar aos seus professores. No começo, enquanto ele falava tinha medo de cada frase que soltava, como se fosse dizer algum palavrão ou cometer blasfêmia. Mas no final quando ele se viu cercado pelos sons de palmas e aleluias sendo ditos, e viu o choro na face de uma mulher, ele se sentiu bem, ali. Melhor do que jamais se sentira em sua vida. Pela primeira

vez desde que saíra da casa dos seus pais, quando passou no vestibular, ele se sentia em seu lar.

Logo ele estava fazendo um curso para se tornar pastor e começava a fazer alguns cultos, recebendo elogios de todos ao redor. Em pouco tempo estava sendo designado para cuidar de um novo templo que rapidamente se tornou muito frequentado. Começou a aparecer em um programa que passava nas madrugadas e de dia em um canal evangélico. Em um dos quadros ele chegava a conversar com pessoas pelo telefone que ligavam em busca de conforto e ajuda. Ele estava se tornando muito popular. Chegou até mesmo a repetir um gesto feito muitos anos antes, e que fez tanto barulho quanto. Ele chutou estátuas de santos em pleno programa.

— Só há um Deus. *Um Deus!* Quantas pessoas não oram para Nossa Senhora, São Jorge e o diabo a quatro como se eles fossem quem pode fazer algo por eles. Como semi-deuses, pequenas divindades de religiões pagãs. É besteira! Santo não existe. Mas *existe* Jesus Cristo, que pode salvar a sua vida se você aceitá-lo em seu coração. Essa coisa de santo é um politeísmo enrustido. Politeísmo. E está lá nos dez mandamentos. Não terás outro Deus além do Senhor — com isso ele chutou uma Nossa Senhora que caiu violentamente no chão, quebrando-lhe a cabeça. — Por que não aconteceu nada? Por que isso aqui é um ídolo de barro. Quem conhece a Bíblia sabe que o Senhor abomina isso. E estas imagens aqui foram consagradas por padres. Isso significa que eles idolatram isso. Mas

não vale de nada.

Nesse momento ele pegou um martelo com o cabo vermelho.

— Eu irei ser o veículo da ira divina, destruindo esses ídolos de barro a golpe de martelos — então ele começou a esmagá-los com um martelo. — *Pregando a golpes de martelo.*

Seus cultos se encheram. Pessoas vindas de todo lugar do país organizavam excursões para ver suas pregações. O Pastor FFF se tornava cada vez mais incisivo. Se ele estava do lado de Deus, seguindo suas leis, por que deveria ficar calado frente aos desrespeitos de Suas leis? Onde há ignorância, ele levaria a Bíblia. Onde haveria pecado, ele levaria a salvação.

Mas nem tudo foram flores. Católicos **revoltados manifestavam** em frente de seu templo, recebeu ameaças de morte e até mesmo uma pedrada na cabeça que o deixou desacordado. Mas **não** se abalava. Passou a fazer manifestações em frente de clínicas de aborto, contra casas de prostituição e a fazer grandes campanhas beneficentes.

Se manifestou contra aquilo que chamava de “abominação do homossexualismo”.

— A lei federal está do nosso lado! Isso é discriminação!

— Lei federal? — perguntou FFF. — Isso é apenas uma instituição humana.

Sabia o nome de quase todos os frequentadores de seu templo e tratava a todos com cordialidade e dando conselhos para os mesmos.

— Temos que fazer nossa Cruzada Espiritual. Satanás é o mestre das mentiras. E ele está lá fora agora. Talvez esteja enganando seu vizinho. Devemos nos preocupar em salvar nossos traseiros e deixar que eles se corrompam? Não! Faremos de tudo para abrir-lhes os olhos. Não há homem nenhum nesse mundo que não possa ser salvo. E vocês, como cristãos, têm essa missão — ele então abriu sua Bíblia. — O caminho do homem de bem é cercado de todos os lados pelas iniquidades do egoísmo e tirania dos homens maus. Abençoados os que, em nome da caridade e da boa vontade, conduzem os fracos pelo vale das sombras, pois ele é o guardião de seu irmão e o que encontra os filhos perdidos. E executarei neles grandes vinganças, com castigos de furor, e saberão que eu sou o Senhor, quando eu tiver exercido a minha vingança sobre eles. Ezequiel, capítulo vinte e cinco, versículo dezessete.

Após estas palavras, encerrou o culto e começou a se dirigir para o seu escritório, onde já se encontrava uma pequena fila de fiéis para conversar com ele. Os primeiros a entrar foram uma mulher e um homem com os olhos vermelhos.

— Paz do senhor, Regina — FFF disse para a mulher.

— Paz do senhor, pastor. Este é o meu cunhado de quem eu lhe falei.

— Paz do senhor irmão — FFF disse para ele. — Sentem-se, por favor.

Ele os ouviu. Mas não acreditava. Ele nem mesmo imagi-

nava, como um médico, **que** alguém poderia tentar uma coisa dessas.

— As palavras do senhor, esta noite — disse o homem com a voz um pouco rouca. — Me inspiraram. Pareciam ser para mim.

— Escutem. Isso é grave. É uma abominação — FFF dizia. — Vamos pensar em algo para fazer a respeito disso.

Quando FFF chegou em sua casa e foi se deitar, ele não conseguia tirar aquilo da cabeça. Cabia a ele ser o instrumento da justiça divina. Mais uma das cabeças do dragão havia se revelado.

Antes de dormir ele fez uma prece: “Senhor, dai-me força para mudar o que pode ser mudado. Paciência para aceitar o que não pode ser mudado. E sabedoria para distinguir uma coisa de outra”, ele orou, porque amanhã seria mais um longo dia.

Transatlanticismo

“Eu sou apenas um personagem”, pensou Jonas. “Mas quem não é?”. Na maior parte do tempo nós estamos simplesmente tentando corresponder às expectativas dos outros. É através de um personagem que somos vistos e percebidos. Nós jamais chegamos a nos conhecer. Nunca podemos ter uma ideia clara de como vamos reagir em determinadas situações. Quem já ouviu a própria voz gravada, sabe o quão errada **é a impressão que temos dela**. Assim também é com o eu. É através de personagens que nosso eu interage com o mundo, **com** as pessoas. “Eu” penso, logo existo. Mesmo quando falamos “eu”, não se tem a sensação de que se fala sobre outra pessoa. Em algumas delas somos personagens simpáticos, o mocinho da história, em outras podemos fazer o papel de antagonistas, interesses românticos ou nada mais do que ser um figurante. Nossos per-

sonagens revelam aspectos da pessoa, alguns belos, outros terríveis. Quem diz que conhece alguém totalmente, cai em erro. Todas as pessoas estão fadadas a eternamente estarem em lados opostos, separados por um oceano de dúvidas, mal entendidos e interpretações erradas. Transatlanticismo.

— O que você está imprimindo? — perguntou George para Jonas, no último dia do Natal.

— O *Bardo*. Vou levar para ler na casa dos meus avós.

— Eu sempre preferi paladinos.

— É o *Bardo Thödol*.

— O que é isso? Uma classe de prestígio?

— Não... — Jonas disse, rindo. — É o livro tibetano dos mortos. É uma espécie de guia para o mundo dos mortos. Como meu avô está com um pé na cova, talvez seja interessante ele ler.

— Você vai levar isso para ele?

— Lógico que não, George. Eu e meu avô praticamente nunca nos falamos. Eu não sou exatamente o neto predileto.

— Eu sempre passo o Natal com meu tio — George falou. Jonas já sabia disso. Todo começo de ano, George gastava um tempão contando alguma de suas aventuras com seu tio. O pai de George morreu quando ele era bem pequeno. Ainda morava na casa dos avós, junto com a mãe e o tio. Ele gostava de dizer que era o Robin de seu tio. Jonas sempre lembrava das possíveis implicações sexuais disso, *advertia George a* não dizer isso

muito alto, mas ele continuava mesmo assim. Se despediram como faziam todos os dias, apenas com um aceno de cabeça, só que dessa vez apenas se veriam daqui a uma semana.

As crianças adoram dezembro. Jonas detestava. Sentia-se melancólico e com uma vontade imensa de ficar sozinho com seus pensamentos. Mas ele nunca conseguia, pois sempre estava rodeado de parentes, na casa dos avós, para reviver as velhas mágoas, ficarem bêbados e terem discussões metalinguísticas sem nem mesmo saber o que diabos significa metalinguagem. É sempre a mesma coisa: todos os planos e assuntos e aspirações referem-se à própria ocasião, o que está acontecendo ou o que vai acontecer em seguida.

— Resolvi fazer aqui na sala, que é mais arejado. Tá fazendo um calor esses dias, né? — dizia sua tia Beth para os outros.

— Gostou do patezinho de atum? É receita nova. A Lenorá que passou, aquela minha amiga do salão — perguntava outra tia a algum primo dele.

— Deixa só chegar o Ruy com a namorada dele que a gente começa a brincadeira de amigo secreto. Vai ser assim... — começava um tio seu explicando passo-a-passo tudo o que ele fazia desde que era pequeno.

— Ô, tia, o Lucão tá sentado na sua cadeira de sempre, a senhora vai deixar barato? — desafiava um sobrinho.

— Mãe... Chega de martíni. Lembra da diabetes! Você não tem jeito mesmo! — falava a única prima da mesma idade de Jonas, **que ignorava completamente sua existência.**

— Hum... O pavê tá ótimo! Quem fez? — perguntava alguém, assaltando a geladeira. Jonas olhou para todos na sala e começou a contar. Se ele estivesse certo não demoraria nem dez segundos até alguém responder. Um, dois, três, quatro...

— É pavê ou pá comê? — Bingo! Agora todos riem.

— Eu vou estourar os meus miolos — Jonas falou para um de seus primos menores, com cinco anos, no máximo.

— Eu fiz cocô — respondeu o garoto, naquela que deve ter sido a sua conversa mais sincera nos dias que esteve com eles.

Quanto mais olhava para seus familiares, mais se perguntava quem ele era e quem eram eles. “Somos um bando de desconhecidos que compartilhamos parte do DNA, o mesmo sobrenome, mas que tem empregos, gostos, orientação política e anseios diferentes. Nos reunimos todo ano por um par de dias, pra quê?”, Jonas refletia.

— Viu o jogo do Coringão? — seu tio lhe perguntou, trazendo-o de volta para aquilo que chamamos “realidade”.

— Eu não acompanho futebol — Jonas respondeu. Não ligar para futebol no Brasil e dizer isso equivale a se declarar ateu no Vaticano.

— Gosto é que nem braço — seu tio disse, antes de tomar um gole de cerveja Duff. — Têm gente que não tem.

Jonas foi se sentar na varanda da casa de sua avó enquanto todos os outros falavam de suas vidas. Interrompiam uns aos outros para emendar assuntos que mudavam completamente

o rumo da conversa apenas para se vangloriar de coisas que não tinham importância nenhuma ou eram, para citar George, irrelevantes. A valorização da mediocridade.

— E aí, Jonas — falou um de seus primos com um tom de empolgação que contrastava com o estado de espírito de Jonas tanto quanto colocar lado a lado um Picasso e uma obra de H.G. Giger.

— Só pensando — Jonas disse.

— Quer uma cerva?

— Não, obrigado.

— Você lembra muito do seu pai?

“Obrigado por perguntar”.

— Claro. Não dá para simplesmente esquecer.

“Ainda mais com todo mundo te lembrando disso a todo maldito instante, mesmo já tendo se passado anos”.

Mais um dia e ele voltaria para sua casa. Por que ele continuava insistindo em vir nessas reuniões de família? No caminho para a casa de seu tio ele jurou nunca mais voltar, e dessa vez era para valer.

— Eu reformei o carro — seu tio lhe disse quando ele ficou parado em frente à garagem. Ele estava com uma pequena garrafa de cerveja na mão e tomou um gole. — Se você quiser, pode levá-lo.

— Tudo bem, não precisa — Jonas disse com o olhar perdido. —
Esse carro me trás más lembranças.

O tio de Jonas deu uma batidinha em suas costas. Jonas odeia isso.

— Quer uma, sobrinho? — ele disse mostrando a garrafa em sua mão.

— Eu não bebo — Jonas disse pela milésima vez a alguém de sua família. Isso também lhe trazia más lembranças.

Na véspera do Natal seu avô ficou muito doente. Toda a família foi para o hospital. Um lugar para onde só vamos dizer adeus. Na sala de espera, o tédio associado à espera das más notícias fazia com que todos parecessem como se estivessem com dor de barriga. A televisão em um volume inaudível para ouvidos humanos entretinha a si mesma.

Então veio repentinamente a Jonas que todos nossos planos são pequenas preces para o Tempo. O médico que o atendeu havia dito a um dos tios de Jonas que em breve atualizaria a família sobre o estado de seu avô. Quando ele apareceu na porta da sala, todos se levantaram. Ele, suas tias, sua mãe e todos os primos.

— Nós fizemos o possível ... — disse o médico tirando os óculos. Uma de suas tias começou a chorar compulsivamente. E todos se olharem sem saber o que dizer. — E tudo ficará bem. Só foi um susto.

— O quê? — um dos tios de Jonas disse. — O que há de *errado* com você?

— Pelo menos o papai está bem — se consolou a tia Beth.

— Vivo. Bem *mesmo* ele nunca está — corrigiu a prima de Jonas.

Voltaram para casa pouco tempo depois. Já na manhã seguinte o avô de Jonas teve alta e pôde passar o Natal com a família. Eles não paravam de falar do menino Jesus. Era bebê Jesus isso, bebê Jesus aquilo.

“Jesus morreu como um cara barbado!”, Jonas pensava, “Mas para eles é como se tivesse várias versões de Jesus. Como a Barbie. Tinha o Bebê Jesus, Jesus na Cruz. E os modelos especiais, Jesus e Maria Madalena, Jesus Ninja, Jesus Cowboy, Jesus GLS e até mesmo Jesus Rockstar”.

Sempre rolava uma discussão entre algum dos casais. E sempre parecia ser por um assunto tão insignificante que Jonas se perguntava como eles podiam brigar por aquilo. E não eram pessoas ignorantes ou sem estudo. Seus tios eram pessoas instruídas. Mas mesmo assim brigavam por coisas estúpidas como deixar a torneira pingando ou ter derramado suco no chão.

Talvez aquela discussão aparentemente sem sentido não fosse o motivo da briga. Talvez fossem as frustrações acumuladas, a falta de compreensão ou carência, que, por uma coisa banal, funcionava como um agente catalisador, trazendo à tona o pior de cada um, mostrando todas as suas garras. Por que pessoas de excelente qualidade humana não conseguem dialogar? Onde foi parar o melhor de cada um deles?

Será que um dia ele também seria assim? **Pensou** em Falls.

Quando? O tempo todo. Ele sentia um desejo tão grande de vê-la. Mas como saber a diferença entre limerância e amor? E se ele começar a namorá-la, talvez se casar com ela, e um dia descobrir que tudo aquilo que **sentia** simplesmente se foi?

Se você perguntasse **lhe perguntasse o que faltava em sua vida há algumas semanas**, talvez **Jonas** pudesse **dar** uma lista enorme, porém, no topo dela, estaria uma namorada. Eles não estavam exatamente namorando, mas estavam bem perto disso. Agora que finalmente estava conseguindo tudo aquilo que ele sempre quis, suas pernas tremiam e ele não sabia o que fazer.

Quando ela não estava por perto era como se ele não se sentisse completo. Olhava os lugares vazios que **Falls** poderia estar preenchendo. Ficava procurando-a nos supermercados ou andando pela rua. Ele até pensou em ligar para ela, centenas de vezes, mas não conseguia. **Previo** que um dia ia terminar. Se até uma estrela morre, nossos relacionamentos também acabando quebrando. Pensando nisso, ele se perguntava se valia a pena se jogar em algo fadado a acabar. Aquilo era amor, *amor de verdade*? Eles iriam dançar a balada de *O*? Ou seriam felizes, plenamente felizes? Por mais que as perguntas preenchessem sua cabeça, sem nenhuma resposta aparente, ele sentia dentro de si aquela ânsia monumental, pantagruélica e gigantesca que o fazia pensar nos olhos de Falls e em cada pequeno gesto dela. Cada coisa que ela fazia era mágico. Em sua memória, ganhava um contorno e um peso tremendos. Ali, rodeado de pessoas, ele se sentia sozinho. Mas bastava uma pessoa para se

sentir completo.

Falls.

O que é amor, de qualquer forma? Alguém já escreveu que o amor é um velho fantasma de que todo mundo ouve falar, mas ninguém jamais viu. Jonas não pensa ser o caso. Na verdade, para ele o amor é como um sujeito cheio de falhas e defeitos, talvez até mesmo meio manco, mas que tem uma fama de herói grego, de atleta olímpico. O amor é subestimado. Estranhamente usamos a mesma palavra tanto para descrever o que sentimos pela nossa mãe quanto por uma mulher que damos um tapa na face. Embora Jonas nunca houvesse dado um tapa em nenhuma. Ele sempre fora solitário, o que implica em dizer, buscava o sentido da vida. Agora, quando olhava todos aqueles anos perdidos em lamentações e reflexões, não passavam de uma sombra pálida perto daqueles momentos tão preciosos que tivera ao lado de Falls. Por mais nobres que fossem seus sentimentos, ele ainda era um prisioneiro de suas urgências biológicas. Sexo. O objetivo de todas as criaturas. A perpetuação da espécie. Para Schopenhauer a definição de amor é simples: “um impulso sexual perfeitamente determinado e individualizado”. Estamos fadados a amar.

Então é isso o que somos, marionetes? De que adiantava saber tudo o que nos controla? Qual a diferença dele para qualquer outra pessoa? Era apenas uma marionete que podia ver as cordas. Nada mais. Por que ainda assim sentia-se impelido a uma direção, achando que daria certo? Isso o entristecia muito,

pois ele queria que desse certo, que fosse especial. Mas ele não teria garantias de nada. Era nisso que acreditava. Se você acredita, então não é mentira.

O amor é só um jogo. Acontece todo o tempo. Qualquer idiota no mundo ama alguém. Por que justo com ele seria diferente? Ele viajou de volta para casa tentando não se deixar tomar por esses sentimentos. Uma vez havia lido em uma revista que os terapeutas ensinam uma técnica para pessoas que estão passando por pesadelos recorrentes: que elas olhem para a palma de suas mãos. É um sinal libertador. Se elas fizerem isso em seus pesadelos, elas passam a ter o que se chama de sonho lúcido. Passam a controlar o que acontece e podem mudar todo o conteúdo do pesadelo, tornando-os doces sonhos. Neste momento, Jonas olhava para a palma da sua mão, mas sem sucesso. Não conseguia controle algum.

Ele a amava. Decidiu isso ainda dentro do ônibus. Se arrependimento matasse, coitado dele. Nunca havia dito “eu te amo” a ninguém. Lembrava quando foi a primeira vez que se deu conta disso. Já se fazem alguns anos. Foi no dia em que seu pai morreu. Eles sempre estiveram separados por um mar de silêncio. Ele deveria ter dito. Três simples palavras. Mas não. Transatlanticismo. Estava sempre tão perto, mas tão distante.

Quando Jonas chegou em casa, sentia-se melancólico. Ao abrir a porta sentiu a falta de Pixel, que sempre se colocava na frente dela quando ele chegava. Foi direto ao telefone.

“Você tem sete novas mensagens”, ele ouviu da máquina.

Bip.

“Ei, Jonas, é a Falls. Eu fico ligando para a sua casa para falar com você. Mas eu sei que você não pode atender. Mas, mesmo assim eu continuo ligando. E isso é horrível. De qualquer jeito, estou entediada. Volte logo”.

Bip.

“Adivinhe só... *Sudoku*. Nível Médio. Tempo: dezoito minutos. Tome essa, espertinho”.

Bip.

“Novo Caminho, bom dia. Um instante, por favor. Desculpe, é que um dos estagiários estava parado aqui e preciso estar ocupada ou eles começam a me chatear. Então, obrigada”.

Bip.

“Qual aquela palavra que a gente inventou quando temos alguma coisa presa no sapato? De qualquer jeito, eu tenho uma coisa presa no meu sapato”.

Bip.

“Pude sair mais cedo do trabalho, hoje é véspera de Natal. Estou ligando do meu celular. Estou indo para casa, porque eu tenho um gato para cuidar. Ligue quando voltar”.

Bip.

“Seu gato parece não gostar de mim, Jonas. Na verdade, eu acho que ele me odeia. Ele sempre tem esse olhar de prepotência e desprezo? Porque é exatamente assim que ele está

me olhando. Por que ele não fala? Poderia saber todos os seus segredos. De qualquer jeito, precisamos conversar. Muito”.

Bip.

“Quer saber como eu passei o ano? Comi todo um pote de sorvete e tomei quase uma garrafa de vinho. Deve dar para perceber pela minha voz, né? Ah! Seu gato escolheu a minha cama como vaso sanitário. Procuro pensar que isso significa que ele gosta de mim, Jonas. Eu não sei. Quero que você volte. Sei que não se diz uma coisa dessas por telefone, mas eu meio que estou apaixonada por você. Não quero ficar com joguinhos do tipo ‘eu finjo que sou perfeita, você finge que é perfeito’. Eu acho que eu estou apaixonada. Você deve estar achando que eu sou uma maluca ou algo do tipo. É isso. Me liga. Até”.